

Emil Bered

E o Edifício de
Apartamentos Moderno
em Porto Alegre:
1950 – 1980

ANGELA CRISTIANE FAGUNDES

Angela Cristiane Fagundes

EMIL BERED
E O EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS MODERNO
EM PORTO ALEGRE: 1950 – 1980

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura

Área de Concentração: Teoria, História e Crítica da Arquitetura
Orientador: Prof. Dr. Silvio Belmonte de Abreu Filho

Porto Alegre, 2022

Pois dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.
A Ele seja a glória para sempre! Amém.
Romanos 11:36

Dedico esse trabalho ao meu marido Tarcisio
e ao meu filho Pedro, com todo meu amor.
E a Emil Bered, com todo meu respeito e admiração.

Agradecimentos

Em primeiro lugar ao meu orientador, Silvio Abreu e ressalto a sua grande importância, com seu papel fundamental durante toda a trajetória, sempre disposto a despertar e motivar à pesquisa crítica com rigor científico e com uma gentileza que lhe é singular.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de estudar numa instituição pública, gratuita e de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio e incentivo à pesquisa.

Ao Emil Bered e a família Bered, especialmente a Marta e a Ana Rosa, que, gentilmente, disponibilizaram o acervo pessoal, além das conversas e entrevistas na própria sala de estar do arquiteto e das diversas revisões nos meus materiais.

Ao professor Cesar Vieira que gentilmente fez algumas fotos dessa dissertação.

Às professoras Maria Luiza Sanvitto, Raquel Rodrigues de Lima e ao professor Sérgio Marques, pelos apontamentos na minha banca de qualificação que contribuíram com o trabalho.

Às professoras Anna Paula Canez, Silvia Leão e ao professor Edson Mahfuz pela experiência em ateliê de projeto como estagiária docente.

Às amigas sempre presentes durante todo o processo, Raquel e Maitê, pelos muitos momentos de acolhida e também de firmeza, sejam eles presenciais ou virtuais, devido à distância e a pandemia. A parceira de vocês tornou a caminhada mais prazerosa.

Ao meu sogro, Paulo de Tarso, que tanto me incentiva.

Aos meus pais, que investiram para que eu pudesse ser a primeira geração com a acesso a graduação.

Especialmente ao meu marido e meu filho que dão sentido a tudo.

Agradeço, sobretudo ao mais importante, Deus, que me capacita e me fortalece a cada amanhecer.

O tema desta dissertação é a arquitetura moderna no Rio Grande do Sul com enfoque na produção arquitetônica de edifícios de apartamentos no eixo urbano das avenidas Independência/24 de Outubro e entorno imediato do arquiteto Emil Bered. O objetivo da investigação é relacionar, documentar e analisar a amostra, produzindo um registro sistemático do trabalho do arquiteto em Porto Alegre antes e depois do plano diretor de 1959/61, identificando influências e contribuições para a construção de uma identidade moderna na arquitetura gaúcha.

Palavras-chave: Arquitetura moderna gaúcha; Arquitetura moderna porto alegre; Arquiteto Emil Bered.

Abstract

The subject of this dissertation is modern architecture in Rio Grande do Sul, focusing on the architectural production of apartment buildings in the urban axis of Avenida Independência/24 de Outubro and the immediate surroundings of the architect Emil Bered. The objective of the investigation is to relate, document and analyze the sample, producing a systematic record of the architect's work in Porto Alegre before and after the 1959/61 master plan, identifying influences and contributions to the construction of a modern identity in gaúcho architecture.

Keywords: Gaúcho Modern Architecture; Porto Alegre Modern Architecture; Architect Emil Bered.

Sumário

Introdução	12
1. Capítulo 1 - Contextualização	32
Planos e planejamentos	35
Arquitetura moderna	40
Emil Bered	50
2. Capítulo 2 – 1º Período	55
Estudos de caso	63
Edifício Linck	64
Edifício Nogarô	70
Edifício Rio Grande do Sul	75
Edifício Nilza Esther	82
3. Capítulo 3 – 2º Período	89
Estudos de caso	97
Edifício Christoffel	98
Edifício Novo Parque	104
Edifício Sinuelo	110
Edifício Condado de Luzerne	116
4. Capítulo 4 - Análise	123
Síntese Analítica	124
Considerações Finais	133
Referenciais bibliográficas	141
Lista de Figuras	151
Anexo 1	158
Anexo 2	168

Introdução

A arquitetura moderna teve uma produção expressiva entre as décadas de 1950 e 1980 em Porto Alegre. No período a capital gaúcha passou por um processo de expansão metropolitana e de desenvolvimento urbano com forte ritmo de densificação e verticalização, inicialmente nas áreas mais centrais e principais avenidas, depois estendido aos bairros mais próximos.

Nesse contexto, Emil Achutti Bered formou-se, em 1949, na primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes. Ao longo dessas três décadas Bered desenvolveu um conjunto significativo de obras, e objeto dessa dissertação de mestrado é, especificamente, sua produção de edifícios de apartamentos.

Apresentação do Tema e Recortes

O tema da dissertação é a investigação da arquitetura moderna produzida em Porto Alegre na segunda metade do século XX, por meio do estudo da obra residencial de um de seus principais expoentes, o arquiteto Emil Bered.

A intenção foi o desenvolvimento de um inventário e uma análise crítica documentando os edifícios de apartamentos no eixo urbano das avenidas Independência/24 de Outubro e entorno imediato, procurando reconhecer sua contribuição para a identidade da arquitetura moderna gaúcha.

A dissertação foi organizada a partir de três recortes da obra completa de Emil Bered: temporal, espacial e funcional/tipológico.

O recorte temporal refere-se ao período delimitado entre 1950 e 1980, dividido em dois sub-recortes, em função da incidência da legislação urbanística e dos contextos socioeconômico, cultural e urbano. O primeiro período refere-se à fase de introdução e difusão da arquitetura moderna, anterior ao Plano Diretor de 1959/61 entre 1950 e 1960. O segundo período refere-se à vigência do Plano Diretor de 1959/61 entre 1960 e 1980, já que o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDUA) é do final de 1979.

O recorte espacial selecionado corresponde ao principal corredor-eixo de desenvolvimento urbano da cidade de Porto Alegre na segunda metade do século XX – eixo das avenidas Independência /24 de Outubro e seu entorno imediato, conforme apresentase na FIGURA 01. A escolha desse eixo justifica-se por se tratar de um importante corredor de verticalização da cidade, no período, com clara representatividade no conjunto da obra de edifícios residenciais de Emil Bered, qualificando a amostra e os resultados críticos da análise.

O recorte funcional/tipológico refere-se ao programa arquitetônico da habitação coletiva em altura, através dos edifícios de apartamentos. Optou-se por selecionar essa tipologia por entender que a arquitetura moderna brasileira promoveu mudanças importantes nos modos de morar, com a emergência

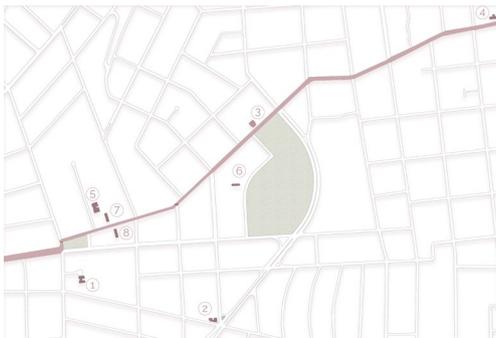


FIGURA 01: Fonte: Mapa de localização dos edifícios de apartamentos listados para estudo, situados na radial Independência/24 de Outubro, produzido pela autora, 2019.

do edifícios de apartamentos. Além disso, a escolha permitiu uma análise consistente em virtude da ampla amostragem e representatividade da produção do arquiteto.

Dito isso, foram selecionados oito exemplares para esse estudo, quatro em cada período do recorte temporal citado. Entretanto, após levantamento do material disponível para pesquisa, surgiram dificuldades de acesso às fontes primárias nos arquivos municipais e optou-se por reduzir a amostra a oito edifícios, quatro em cada período.

No primeiro período, correspondente às décadas de 1950/1960, foram selecionados os Edifícios Link (1952), Nogarô (1957), Rio Grande do Sul (1957) e Nilza Esther (1957). No segundo período foram selecionados os Edifícios Christoffel (1962), Parque Novo (1964), Sinuelo (1967) e Condado de Luzerne (1973). Com exceção dos edifícios Nogarô e Novo Parque, de menor porte, com apenas 4 pavimentos, os demais edifícios fazem parte do processo de verticalização que se desenvolvia no período, a partir do centro da cidade e ao logo das radiais.

Esses e outros atributos enriqueceram a comparação entre as edificações, especialmente por se tratar de épocas distintas no que se refere à legislação, mas também por terem o programa de necessidades semelhantes e, no entanto, partidos distintos quanto às estratégias projetuais.

Essa amostra permitiu avaliar a incidência das regulações sobre partido, implantação, elementos compositivos e distributivos e uso de elementos de arquitetura em cada período.

A tabela a seguir (QUADRO 1) demonstra a relação dos exemplares selecionados.

Justificativas e motivações

A arquitetura moderna promoveu mudanças significativas na forma do homem se relacionar com as atividades cotidianas, definidas pelo Movimento Moderno como o trabalhar, o recrear, o circular e o habitar. Esse último tópico, o habitar, despertou interesse de investigação e pesquisa. Durante a graduação, na PUCRS, como auxiliar de pesquisa na Iniciação Científica, a autora teve a oportunidade de trabalhar com o tema, tanto da habitação coletiva moderna, quanto sua inserção na capital gaúcha. Num dos projetos de pesquisa em que atuou, foi estudado o Edifício Redenção, de autoria de Emil Bered. O Edifício Redenção está localizado na radial urbana Avenida João Pessoa.

Emil Bered é um arquiteto de destacada relevância no cenário gaúcho, tanto pela sua extensa produção projetual, quanto pela sua atuação como professor na Faculdade de Arquitetura da então URGS e atual UFRGS por 30 anos e em órgãos profissionais de classe. Bered foi de grande importância para a introdução e consolidação da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul. O início da sua vida profissional foi marcado pela efervescência do Movimento Moderno no

EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS – 1º PERÍODO – ATÉ 1960				
1	Edifício Linck	Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese	1952	Travessa Coronel Frederico Linck, 55, Independência.
2	Edifício Nogarô	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	Rua Doutor Florêncio Ygartua, 50, Moinhos de Vento.
3	Edifício Rio Grande Do Sul	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	Rua 24 de Outubro, 622/644, Moinhos de Vento.
4	Edifício Nilza Esther	Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin	1957	Rua 24 de Outubro, 1570, Auxiliadora.
EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS – 2º PERÍODO – APÓS 1960				
5	Edifício Christoffel	Emil Achutti Bered	1962	Vila Jardim Christoffel, 67, Independência.
6	Edifício Novo Parque	Emil Achutti Bered	1964	Rua Comendador Caminha, 180, Moinhos de Vento.
7	Edifício Sinuelo	Emil Achutti Bered	1967	Rua 24 de Outubro, 70, Moinhos de Vento.
8	Edifício Condado de Luzerne	Emil Achutti Bered	1973	Rua 24 de Outubro, 75, Moinhos de Vento.

QUADRO 1- Edifícios de apartamentos selecionados. Fonte: Produzida pela autora, 2019.

cenário nacional e o jovem arquiteto tirou partido tanto das escolas carioca e paulista, quanto de influências externas, seja de correntes oriundas do Uruguai, em virtude, possivelmente, da formação uruguaia de alguns professores da Faculdade de Arquitetura e da arquitetura de mestres do Movimento Moderno como Richard Neutra, reconhecida explicitamente por Bered e ainda assim imprimiu uma identidade gaúcha ao Modernismo (STROHER,1997, p. 121), conforme declarado também por Marques, quando afirma que a forma como desenvolveu-se a Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul tenha sido menos condicionada pelas particularidades estéticas exploradas no Rio de Janeiro e São Paulo, entretanto uma série de atributos deu vazão à certa maneira de fazer a arquitetura e urbanismo, revelando a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (MARQUES, 2012, p. 15).

Porto Alegre passou, na década de 1950, por um processo de expansão metropolitana, com forte ritmo de densificação e verticalização das áreas mais centrais. Essa foi a década de maior crescimento demográfico desde os anos 1900-1910 (numa média de quase 5% ao ano), passando de cerca de 395.000 habitantes em 1950 a 635.000 em 1960, segundo dados disponibilizados pelo IBGE¹ (ABREU FILHO, 2006, p. 221). Esse mesmo período, da década de 1950, também foi uma fase de grandes progressos para o estado do Rio Grande do Sul, com inúmeros concursos públicos para edificações públicas, criação

1 IBGE. Censo de 2001. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse>. Acesso em dezembro de 2019.

da carreira de arquiteto na função pública e promoção de planos urbanos (XAVIER, 1987 p. 28).

O arquiteto Emil Achutti Bered começa sua vida profissional justamente nesse período de pleno desenvolvimento imobiliário e incentivo à verticalização, estabelecendo escritório com seu colega, Salomão Sibemberg Kruchin, e seguidamente em parceria com Roberto Felix Veronese.

Levando em conta essas considerações produziu-se um levantamento completo dos edifícios de apartamentos (Anexo 01) produzidos pelo arquiteto, em Porto Alegre. Desses, optou-se por uma amostragem específica, vinculada a um.

Objetivos

Os objetivos gerais desta dissertação foram contribuir para o conhecimento da arquitetura moderna no contexto brasileiro e local no período delimitado entre as décadas de 1950 e 1980, por meio do estudo da produção de edifícios de apartamentos do arquiteto Emil Achutti Bered, no recorte geográfico compreendido pelo eixo urbano das avenidas Independência/24 de Outubro. A partir da coleta, documentação e organização da obra de Bered o objetivo é a contribuição para a constituição de seu inventário e acervo; para então empreender a análise do processo de geração dos projetos, os elementos de composição e de arquitetura utilizados, as circunstâncias de contexto, legislação e encargo.

Os objetivos específicos foram para discutir a difusão e o desenvolvimento da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul através de "estudos de caso", estudos em profundidade de projetos exemplares específicos identificados segundo parâmetros analíticos definidos; e contribuir para o conhecimento detalhado das obras de arquitetura moderna gaúcha, através de sua remontagem e análise sistemática, incluindo reorganização de documentação gráfica, descrição e interpretação crítica de seus aspectos urbanos, programáticos, tipológicos e formais.

Método e marco conceitual

Para o desenvolvimento desta dissertação a análise documental histórico-interpretativa foi dividida em três etapas:

A primeira foi composta pelo levantamento do material por meio da revisão bibliográfica em livros, artigos, sites, revistas, legislações e planos urbanos; revisão em documentos técnicos em fontes primárias, sempre que possível, nos projetos arquitetônicos (plantas, cortes, fachadas, implantações etc.) por meio de pesquisas nos arquivos municipais e pessoais do arquiteto e eventuais publicações. Salienta-se a relevância do levantamento em fontes primárias, pela possibilidade de perpetuar o legado do arquiteto, por meio da disponibilização em meio virtual que os estudos de mestrado e doutorado geram, visto que as fontes primárias já se encontram em situações degradadas nos arquivos municipais e, provavelmente, muito em breve não estarão mais disponíveis para futuras consultas.

A segunda etapa foi composta pela produção do inventário das obras selecionadas, organizadas e fichas de catalogação (Anexo 02) descritas com base no material iconográfico levantado (plantas, cortes, fachadas, perspectivas e fotos de época) e material iconográfico equivalente produzido na pesquisa (redesenhos e fotografias atuais).

A importância do redesenho é defendida por Edson Mahfuz como meio de adquirir conhecimento específico sobre os principais aspectos da arquitetura:

"Todo e qualquer edifício com o qual tenhamos tido contato íntimo – projetando-o, construindo-o ou redesenhando-o – nunca mais sairá da nossa memória, tornando-se matéria prima para futuros trabalhos."

(MAHFUZ, 2013)

A terceira, foi a análise propriamente dita, resultado do material inventariado e interpretado, de cada projeto selecionado a partir de uma matriz de análise e a síntese analítica comparativa entre eles.

Para Martinez, a análise projetual está para o projeto como este está para a arquitetura (MARTINEZ, 2000, p. 7), desse modo justifica-se a pertinência do estudo em questão que está categorizada conforme a descrição a seguir:

- 1) Identificação da obra: nome da obra e ano do projeto;
- 2) Contexto físico: situação e localização e altura da edificação de acordo com o número de pavimentos;
- 3) Tipo/tipologia: forma e programa;
- 4) Composição: elementos de composição e de arquitetura.

Do mesmo modo que Mahfuz adverte na introdução de "Ensaio sobre a razão compositiva" a respeito da conceituação de alguns termos associados a arquitetura que não possuem unanimidade, esse estudo também encontrou tal necessidade, conforme o que se segue.

Sherwood divide os capítulos de "Vivienda: Prototipos del Movimiento Moderno", em Viviendas aisladas y agrupadas, Viviendas em hilera, Viviendas entre medianeras, Bloques de viviendas agrupadas, Bloques aislados, e Edificios aislados (SHERWOOD, 1983, p. IX).

Na amostra selecionada nesse recorte da obra de Edifícios de Apartamentos de Emil Bered, identifica-se duas categorias em relação ao contexto físico: Viviendas entre medianeras (Edifícios Link e Nilza Esther) Edifícios aislados (Edifícios Nogarô, Rio Grande do Sul, Novo Parque, Sinuelo e Condado de Luzerne).

O conceito de tipo, nessa dissertação, está circunstanciado por sua utilização, já a definição e delimitação de tipologia está associada aos períodos de variação que definem o tipo edilício, porém mais que esses são os períodos de variação que esses definem (MARTINEZ, 2000, p. 105).

Os Elementos de composição são abstrações, as disposições de corpos e espaços e os limites espaciais que os fazem existirem: ambientes de certas proporções, de dimensões relativamente, como por exemplo pilotis, espaços virtuais, espaços (MARTINEZ, 2000, p. 157) ou de forma mais sintética, é usado como o arranjo de partes para a obtenção de um todo (MAHFUZ, 1995, p. 14).

Os elementos de arquitetura são essas partes, ou seja, coisas concretas, os invólucros espaciais, têm natureza definida; para a arquitetura moderna são elementos tais como janelas, portas, pilares, colunas (MARTINEZ,2000).

Estrutura da dissertação

A estrutura da dissertação foi definida em uma Introdução, 4 capítulos e a Considerações Finais.

O capítulo 1 apresenta uma contextualização do recorte geográfico, ou seja, a radial urbana Independência/24 de Outubro na cidade, desde a sua origem, os planos urbanos e planejamentos da cidade, a Arquitetura Moderna e a obra de Emil Bered. O capítulo 2 aborda a obra do arquiteto em Porto Alegre nos anos 1940-1950 (primeiro recorte temporal), o desenvolvimento urbano da cidade, o processo de verticalização e o desenvolvimento da Arquitetura Moderna em Porto Alegre contextualizando o estudo e em seguida os edifícios correspondentes aos estudos de caos desse período.

O capítulo 3 aborda a obra do arquiteto no período do Plano Diretor de 1959-1961, ou seja, anos 1960 e 1970 (segundo recorte temporal), discorrendo sobre as novas condições da cidade e da arquitetura moderna de 1960 a 1980, com a influência do Plano e o papel dos novos paradigmas de projeto e em seguida os edifícios correspondentes aos estudos de caos desse período.

O capítulo 4 apresenta o texto da síntese analítica.

E, por fim, há as Considerações Finais.

Revisão bibliográfica e estado da arte

A atuação de Emil Bered, desde a sua formatura até a sua aposentadoria, foi intensa. Bered foi um arquiteto de expressiva prática profissional e docente deixando um importante legado para a Arquitetura Moderna Gaúcha. Esta extensa produção de projetos executados concentra-se predominantemente no

estado do Rio Grande do Sul, com alguma produção fora do estado, a grande maioria da obra de Bered está concentrada na cidade de Porto Alegre.

Simultaneamente com a atividade profissional de escritório, iniciou a lecionar na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na disciplina de Arquitetura Analítica e, a seguir, na disciplina de Composição de Arquitetura. Lecionou até a sua aposentadoria em 1983. Bered também exerceu atividades junto aos órgãos de classe. Foi presidente do Instituto dos Arquitetos – IAB/RS por duas gestões e participou do ao IAB/Nacional.

No decorrer de sua longa carreira profissional Bered participou de diversos concursos públicos e privados de arquitetura, cuja experiência rendeu-lhe vários prêmios. Para citar alguns, recebeu o primeiro lugar nos seguintes projetos, conforme artigo publicado pela revista AU, em maio de 2003, escrito por Eneida Ripoll Ströher: Delegacia do IPASE/RS (1954); Anteprojeto para o Centro Cívico de Espumoso/RS (1959); nova sede da Faculdade de Odontologia da UFRGS (1960); Bered ganhou o primeiro prêmio da categoria Edifícios Comerciais pelo projeto Garagem Ladeira, exposto no 3o Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul (1965); Anteprojeto para o Horto mercado do Projeto Renascença (1977); Anteprojeto dos prédios, da urbanização e do paisagismo para o Centro Administrativo, Almoxarifado e Oficinas de Manutenção da Polioleofinas S.A., Polo Petroquímico, Triunfo/RS. Em segundo prêmio estão os seguintes projetos: sede do Instituto de Pesquisas Biológicas do Rio Grande do Sul (1951). Com Medalha de Bronze estão os seguintes projetos: concurso nacional para a

sede do Palácio Legislativo do Estado do Rio Grande do Sul (1958); projeto do Edifício Tanhauser (1958), projeto do Edifício Christoffel (1960). Dentro do contexto da bibliografia local diversos exemplares estudaram e publicaram parcialmente a obra de Bered.

O clássico *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*, de Ivan Mizoguchi e Alberto Xavier apresenta um panorama da produção no período, onde encontram-se publicados nove edifícios de Bered, sendo quatro edifícios residenciais: Edifício Link, de autoria conjunta com Roberto Félix Veronese e Salomão Kruchin; Edifício Redenção, de autoria conjunta com Salomão Kruchin; Edifício Christoffel e o Edifício Faial (XAVIER, 1987).

A dissertação produzida por Eneida Ripoll Ströher, *A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre*, orientada por Carlos Eduardo Dias Comas, trata de parte da obra do arquiteto, apresentando sete edifícios de habitação coletiva, todos da década de 1950 (STRÖHER, 1997). Os sete edifícios estudados por Ströher são: Edifício Link, Edifício Redenção, Edifício Santa Teresinha, Edifício Amazonas, Edifício Rio Grande do Sul, Edifício Porto Alegre e Edifício Paineiras. A autora retomou o assunto alguns anos depois com o artigo publicado para a *Arquitextos* número ZERO, cujo título é *Emil Bered: Seis Edifícios. Uma análise de seis edifícios de arquitetura moderna em Porto Alegre na década de 50*, nessa ocasião subtraiu o estudo do Edifício

Paineiras (STRÖHER, 2000), além do artigo publicado na revista AU: Pioneirismo modernista nos pampas.

Raquel Rodrigues Lima na sua tese de doutorado, Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50 (LIMA, 2005), estuda diversos edifícios de habitação coletiva na Avenida Independência/24 de Outubro no período também da década de 1950. Do conjunto de edifícios estudados por Lima, encontram-se três de autoria de Bered, o Edifício Link, o Edifício Christoffel e o Edifício Rio Grande do Sul. Lima também explora o tema no capítulo X: Do centro para os bairros: a habitação nas alturas da avenida independência (FIORE, 2016)

Luís Henrique Luccas em sua tese de doutorado Arquitetura Moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do "gênio artístico nacional" (LUCCAS, 2004), analisa a obra e o período. A seguir retoma a análise de contexto no artigo A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre para a revista Arqtextos (LUCCAS, 2006). No livro Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre, organizado por Renato Holmer Fiore, Luccas escreve o texto Arquitetura moderna e verticalização em Porto Alegre: a influência corbusiana dos anos 1950, aborda o Edifício Link, o Edifício Tannhauser, o Edifício Porto Alegre e o Edifício Rio Grande do Sul (FIORE, 2016).

Silvio Belmonte de Abreu Filho circunstancia o auge da produção de Bered com a sua tese de doutorado Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre especialmente nos

capítulos 4 e 5, que enfocam os anos 1950, 1960 e 1970 (ABREU FILHO, 2006) e, ainda, no capítulo VIII do livro *Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre*, organizado por Renato Holmer Fiore, Abreu Filho apresenta o texto *Vertigem das alturas* onde aborda o tema da verticalização e do Plano Diretor de Porto Alegre 1959/1961 (FIORE, 2016)

O Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre, de Guilherme Essvein de Almeida, João Gallo de Almeida e Marcos Bueno, das 30 obras publicadas, quatro são de autoria ou coautoria de Bered. As obras são o Edifício Redenção e o Edifício Christoffel, a Faculdade de Odontologia da UFRGS e o Edifício-Sede da CRT (ALMEIDA, 2010).

Sérgio Moacir Marques na tese de doutorado intitulada "Fayet, Araújo & Moojen - Arquitetura moderna brasileira no sul: 1950/1970" aborda o tema da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul do país. Marques apresenta uma importante contribuição para o presente estudo, através do exame aprofundado de projetos, obras e pensamentos de três arquitetos expressivos no cenário gaúcho. (MARQUES, 2012).

Carlos Eduardo Dias Comas e Hélio Piñon, autores do *Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65*, publicaram 25 obras escolhidas das quais Bered comparece com sete projetos em autoria ou coautoria, sendo eles: Edifício Faial, Edifício Rio Grande do Sul, Edifício Porto Alegre, Edifício Redenção e Edifício Linck, Edifício Tannhauser e o Edifício-sede da CRT (COMAS, 2013).

A organização promovida por Renato Holmer Fiore na publicação Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre apresenta diversos artigos relevantes sobre o tema da habitação coletiva moderna em Porto Alegre e dos estudos urbanos no período compreendido pelo estudo dessa dissertação (FIORE, 2016).

Além dos já mencionados capítulos de ABREU FILHO (2006) e LUCCAS (2016), destaca-se as contribuições de ALMEIDA (CAP. IV) e VIANNA e CALOVI (CAP. V).

Recentemente, em 2019, Lizandra Machado Moreira aborda o assunto da habitação coletiva, traçando um paralelo entre o moderno e contemporâneo, na dissertação de mestrado O edifício de apartamentos em Porto Alegre: um paralelo entre o moderno e o contemporâneo. Moreira analisa o Edifício Link e o Edifício Redenção na dissertação. O assunto gerou o artigo Edifícios de apartamentos em Porto Alegre: década de 1950, publicado no 13º Docomomo, em Salvador, em novembro do mesmo ano em conjunto com seu orientador, Fabio Bortoli (MOREIRA, 2019).

Carlos Fernando Bahima e João Ricardo Masuero, publicaram no Docomomo Sul, em 2019 o artigo Sem placa, ainda com grelha: entre o pragmatismo da estrutura independente e o potencial de renovação dos edifícios residenciais em Porto Alegre 1950/68 (BAHIMA, 2019). Bahima analisa os edifícios Redenção e Rio Grande do Sul sob o uma perspectiva estrutural.

Em 2019 a autora em coautoria com Silvio Belmonte de Abreu Filho publicou o artigo Transparência e permeabilidade na arquitetura moderna gaúcha:

A reforma da fachada do Edifício Christoffel, no VI Seminário Docomomo Sul, onde apresenta um estudo sobre o Edifício Christoffel. Ainda em 2019, a autora em coautoria com Silvio Belmonte de Abreu Filho e Maitê Trojhan Oliveira publicou os artigos Emil Bered: Documentação da Arquitetura Moderna porto-alegrense, no 13º Seminário Docomomo Brasil; Emil Bered: Habitação coletiva moderna porto-alegrense, no 21º Congresso brasileiro de arquitetos e Emil Bered, arquiteto: pesquisa e documentação da arquitetura moderna porto-alegrense, no 6º Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação, todos os textos com intenção de documentar e divulgar a obra do arquiteto Emil Bered, a partir das pesquisas preliminares para a dissertação da autora e coautora (ABREU FILHO, 2019).

Em 2020 foi apresentado o artigo Emil Bered e a habitação coletiva moderna porto-alegrense no 4º Simpósio Científico ICOMOS brasil, em produção conjunta com Silvio Belmonte de Abreu Filho, onde mais uma vez os autores exploram a obra do residencial do arquiteto Emil Bered (ABREU FILHO, 2020).

E o mais recente artigo publicado, em 2021, pela autora em coautoria com Silvio Belmonte Abreu Filho e Maitê Trojhan Oliveira foi Edifícios de Apartamentos de Emil Bered na 7ª edição do Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação (ABREU FILHO, 2021).

A Arquitetura Moderna em Porto Alegre continua atraindo novos interesses e estão surgindo artigos

científicos e estudos informais em blogs e páginas na internet. O nome do arquiteto Emil Bered continua sendo estudado e analisado.

Capítulo 1

Contextualização

Porto Alegre foi fundada em 1772, na face norte da península, a margem do Guaíba, com um traçado regular de ruas paralelas à margem e ladeiras perpendiculares. Essa ocupação demonstrou-se bastante pertinente também por razões e estratégias de natureza militar.

Os primeiros caminhos da cidade demonstram geratrizes viárias. O porto, no lado norte da península, ligava-se aos centros de interesse pelas grandes radiais, criando assim a estrutura em leque que a caracteriza até hoje (XAVIER, 1987, p. 15), conforme observa-se na FIGURA 2.

A extensão da cidade fica limitada ao perímetro configurado pelas muralhas, definida pelas atuais ruas: Praça Annes Dias, Salgado Filho e República. A partir do fim da Guerra dos Farrapos, em 1845, as muralhas são demolidas e a expansão urbana avança a partir das radiais (SOUZA, 1997, p. 95). As grandes radiais (FIGURA 02), atualmente, são: 1) Radial Avenida Borges de Medeiros; 2) Radial Avenida João Pessoa; 3) Radial Avenida Osvaldo Aranha; 4) Radial Avenida Independência/24 de Outubro e 5) Radial Avenida Voluntários da Pátria.



Figura 2 - Mapa de Porto Alegre com marcação das principais radiais. Fonte: Google Maps com manipulação da autora.

Diversos fatores contribuíram para o crescimento da cidade. Após a derrubada das muralhas, em 1845, se consolida o sistema viário que se organizava a partir dos caminhos já definidos pelos pequenos núcleos próximos à cidade e o crescimento demográfico que exige novos equipamentos para o seu desenvolvimento, para citar os mais importantes.

A Radial Avenida Independência/24 de Outubro, foi um caminho, denominado de Estrada dos Moinhos de Vento, que surgiu espontaneamente para sair da vila de Porto Alegre para a Aldeia dos Anjos de Gravataí. Entre 1869 e 1894 diversas melhorias de infraestrutura urbana foram implementadas na estrada dos Moinhos de Vento, entre elas pode-se destacar a água encanada, proveniente dos serviços da Cia. Hidráulica de Porto Alegre e a implantação da linha de bondes da Cia. Carris Urbanos.

Nas primeiras décadas do século XX, a ocupação do caminho se consolidava com a presença de diversos estabelecimentos de serviços, comércio, lazer e ensino, além das habitações (GÉA, 1995, p.45). A infraestrutura se expandiu, com a rede de esgoto e telefone. Em 1904 houve a construção da Hidráulica dos Moinhos de Vento, favorecendo as melhorias na estrada.

Segundo Lima, a atual Radial Avenida Independência/24 de Outubro, possuía como característica principal a presença de palacetes, construídos em 1900 e 1930, consolidando-se um dos locais da elite porto-alegrense (LIMA, 2005, p.87).

À medida que a cidade crescia e os dispositivos de legislação urbana estimulavam a verticalização, alguns dos casarões da Avenida Independência começaram a dar lugar aos edifícios em alturas, os arranha-céus. Os edifícios de apartamentos vieram para atender uma demanda de uma sociedade elitista que ansiava por modernidade.

Planos e Planejamentos

Um dos primeiros reguladores do espaço físico da capital gaúcha foi o Código de Posturas Municipais sobre construções, criado na gestão do Intendente Alfredo Augusto de Azevedo, em 1893. O documento define o ordenamento do espaço privado e da morfologia urbana. Havia um controle da ocupação dos lotes, regras mínimas de ventilação dos espaços, regularização das interfaces entre o público e privado, ocupação máxima de 2/3 do terreno e altura limitada da edificação a uma vez e meia a largura do logradouro.

Na década de 1930, durante a administração de Alberto Bins (1928/1937), se iniciou o processo de expansão através de loteamentos ao longo das principais radiais, aumentando a área urbanizada e criando necessidade de novas ligações perimetrais. No centro segue a verticalização com a construção de sucessivos prédios altos, como os edifícios Frederico Mentz (1931), e Imperial (1931), ambos de autoria de Agnelo Nilo de Lucca; o edifício Palácio do Comércio (1937), de Josef Lutzmberguer; o edifício Sulacap (1938) e o edifício União (1939) de Arnaldo Gladosch; e o edifício Vera Cruz (1938), de João Monteiro Netto, dentre outros (PETERSEN, 2018, p.39).

No fim da gestão de Alberto Bins, em 1936, Ubatuba de Farias e Edvaldo Paiva elaboram um estudo denominado As Linhas Gerais do Plano Diretor – Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre. O estudo dava ênfase ao sistema viário, com destaque às radiais e perimetrais, à necessidade de

um túnel sob a Avenida Independência e grandes eixos articulados por meio de rótulas.

Em 1940, por meio do decreto de número 245/40, estabeleceu-se normas para as construções nas principais vias, consolidando o início do processo de verticalização da cidade.

Antes de Loureiro da Silva deixar a prefeitura, em 1953, publicou Um Plano de Urbanização. Esse conjunto de documentos descritivos, elaborado com a colaboração de Paiva, foi baseado no Plano de Urbanização, que trazia como diretrizes três etapas de desenvolvimento, sendo elas, Anteprojeto, Expediente Urbano e o Plano definitivo.

Em 1948, Meneghetti, com auxílio da Comissão Revisora do Plano Diretor, traça metas de seu governo. Em 195 foi elaborado um novo anteprojeto de Plano Diretor, por Edvaldo Paiva e o arquiteto Demétrio Ribeiro, com nítidas influências da Carta de Atenas e, conseqüentemente, de Le Corbusier (PETERSEN, 2018, p.51).

O anteprojeto fixava as normas a serem seguidas pelas quatro funções urbanas: habitação, trabalho, lazer e circulação, através de quatro pranchas de zoneamento e o sistema viário. Segundo Miranda, foi a primeira vez que se teve a preocupação de sugerir um esquema de zoneamento onde as áreas residências eram divididas em unidades de habitação e onde constavam áreas industriais e comerciais (MIRANDA, 2013, p.17).

A década de 1950 foi marcada por um grande crescimento demográfico em Porto Alegre, a população saltou de 395 mil habitantes em 1950, para 635 mil em 1960. A cidade passava por intenso processo de desenvolvimento urbano e metropolização, que incluía a ampliação da infraestrutura urbana e a verticalização, que aquecia o setor imobiliário: os edifícios passam para onze ou doze pavimentos nos bairros mais centrais e nas principais avenidas, chegando a dezessete a 20 pavimentos no centro. (ABREU FILHO, 2006, p.221).

Na gestão municipal de Manuel Vargas, a partir de 1954 foi elaborado o Plano Diretor, por uma pequena equipe coordenada por Edvaldo Paiva. Foi aprovado preliminarmente como Lei número 2.046 em 1959, após exposição em plenário de Carlos Maximiliano Fayet, visto que Paiva assumia um cargo no Governo Estadual de Leonel Brizola.

Segundo Almeida, Fayet apresentou o zoneamento de usos, zoneamento de aproveitamento de solos e as alturas. O setor imobiliário e da construção civil sentiu-se ameaçado pelos dispositivos da nova lei, especialmente no que se referia às questões das limitações do aproveitamento do terreno (ALMEIDA, 2004, p.173).

Posteriormente foi reapresentado de forma consolidada e aprovado como Lei número 2.330 em 1961, já contemplando sua primeira Extensão. Mesmo alertados por Fayet alguns anos antes sobre a área física limitada, a abrangência se manteve. O documento que conhecemos hoje como Plano Diretor

de Porto Alegre é a edição justificada e comentada da Lei número 2.330, lançada em 1964.

Segundo o documento do Plano Diretor, as principais mudanças introduzidas estão relacionadas ao detalhamento do zoneamento de usos. Ficou definido como área comercial no centro urbano com expansão na direção norte, onde atividades como comércio atacadista e transportadoras fariam a transição desta zona para o uso industrial. Os demais bairros eram definidos como zonas residenciais (PETERSEN, 2018, p. 54).

O Plano foi dividido em doze zonas quanto ao índice de aproveitamento, permitindo um índice de 12 a 3 vezes a área do terreno. Houve uma redução de 50% da potencialidade dos terrenos. A taxa de ocupação também era variável de acordo com a relação entre a máxima projeção horizontal de área coberta construída e a área total do terreno, estabelecidos por região.

A altura foi o assunto mais polêmico durante a elaboração do plano. O zoneamento de alturas tentava definir todas as possibilidades volumétricas para cada zona da cidade, levando em consideração a variação da largura das ruas, recuos laterais e frontais, relação com construções vizinhas e posição do lote no quarteirão. As edificações poderiam ter divisas laterais e alinhamentos até determinada altura, relacionando-se com a largura da via. A partir de então passam a ter escalonamento. Esse escalonamento, por sua vez, está relacionado ao ângulo de obstrução no alinhamento oposto.

A Zona 4 (Z4) mantém o padrão morfológico de corredores de altura, índice e ocupação superiores aos interiores dos bairros, entretanto foi estabelecido um regime de altura de uma vez e meia a largura da via até o máximo de 30 metros, com recuo a partir do 3º pavimento, surgindo a tipologia de edifício composto por base e torre. A avenida Independência, foco desse estudo, sofreu as consequências da interrupção de sua configuração, que pela legislação anterior tinha os limites junto ao alinhamento e divisas.

A Zona 5 (Z5), que compreendia os bairros residenciais, previam-se alturas de até 11 metros para construções nas divisas, determinando para as alturas superiores, recuo proporcional de frente, laterais e fundos de 1/3 da altura. A partir desse momento surgem os "edifícios de quatro fachadas" por meio do edifício isolado no lote, afastado das divisas. O edifício que faz o uso de pilotis, ocupando até 50% da projeção em planta do pavimento tipo recebe uma bonificação desse pavimento não contar na altura total.

O novo plano estabelece uma nova paisagem para a cidade, o que pode se observar anos mais tarde, conforme a cidade foi se consolidando. A rua corredor deu lugar a pequenos vazios oriundos dos recuos laterais. Os zoneamentos definiam os usos configurando uma nova cidade com funções urbanas pré-estabelecidas.

Os planos vão se suceder a cada vinte anos, mas mantendo os mesmos princípios e visão de cidade. O 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º

PDDU) e de 1979, prevendo reavaliações periódicas e participação comunitária. Foi substituído pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), no final de 1999, com vigência a partir de março de 2000.

Arquitetura moderna

O Movimento Moderno não foi um ideário homogêneo de valores e, justamente, por conta de sua riqueza e variedade de conceitos, constitui-se de uma visão genérica de um estado de espírito. (MARQUES, 2002, p.59). A tipologia do edifício de apartamentos, está associada um dos melhores momentos da arquitetura moderna, segundo Drebes (2004 p.21). De fato, a habitação coletiva contribuiu, significativamente, para a renovação das implantações urbanísticas, dos projetos arquitetônicos, dos processos construtivos, da implementação de programas habitacionais e inovação nos modos de morar. As vivências tradicionais urbanas mantêm-se presentes nos modos de viver da cidade moderna, com algumas alterações.

Conforme Certaeu, o bairro tradicional seria uma ampliação da habitação, onde a soma das trajetórias utilizadas pelos usuários, a partir da sua moradia, poderia se configurar em uma superfície urbana transparente para todos ou estatisticamente mensurável (CERTAEU, 1996). A presença da modernidade, nas grandes cidades, oferecia uma nova possibilidade de habitar, um habitar moderno, que incluiria uma nova visão de bairro, concentrada, talvez, em grandes edifícios de apartamentos que, além de indicar maneiras de convivências entre seus

habitantes, situavam-no num patamar de progresso da época.

Conforme Segawa, o urbanismo moderno teria criado espaços urbanos com essas características: O estilo de vida metropolitano situava os habitantes no progresso crescente das cidades da metade do século XX, implicando na oferta de um status social próprio do habitar moderno, ainda fazem parte desse cenário as células habitacionais, unidades mínimas de moradia, que possuíam uma concentração das funções básicas, mas que deveriam atender às necessidades do morar moderno (SEGAWA, 2010, p.19).

Diversas foram as realizações concretas de edifícios de apartamentos modernos pelo mundo, entretanto este estudo dentem-se a experiência brasileira para observar a obra residencial de Emil Bered no contexto nacional.

A partir dos anos 1930 o Brasil vive um período de Incubação da Arquitetura Moderna, a partir de elementos como a janela horizontal, grelhas para ventilação e proteção solar, contudo, a emergência do modernismo se dá a partir de 1935, com o concurso para o Ministério da Educação e Saúde e para a sede da Associação Brasileira de Imprensa e, portanto, com naturalidade carioca (DREBES, 2004, p. 39).

Em 1943 o Parque Guinle recebe um plano de urbanização desenvolvido por Lucio Costa que propões um conjunto de seis edifícios residenciais. Situado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, os



Parque Guinle. Fonte: Archdaily, 2021.

primeiros edifícios construídos, soltos no parque, são o Nova Cintra (1948), o Bristol (1950) e o Caledônia (1954). Todos os edifícios são caracterizados pelo uso de pilotis, elemento de arquitetura difundido pela arquitetura moderna, é uma estratégia para lidar com o perfil variável do terreno e ainda libera o solo, tornando o térreo permeável. Outros elementos de arquitetura utilizados são os cobogós de cerâmica e brises verticais, possibilitando a proteção solar e a porosidade e compondo a identidade do conjunto. E, por fim, pela presença de um pavimento recuado de cobertura.

No ano seguinte, em 1944, Rino Levi com colaboração de Roberto Cerqueira César e Luís Roberto Carvalho Franco e paisagismo de Burle Marx projetam o Edifício Prudência na Avenida Higienópolis, na cidade de São Paulo. O edifício foi tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico em 1994, fazendo jus ao ser considerado um dos mais importantes do Modernismo paulista. O edifício que está isolado no amplo lote é composto por subsolo, térreo sob 9 pavimentos tipo e cobertura. As principais características do edifício são as formas geométricas bem definidas, além da liberdade de composição dos espaços internos, resultado da planta livre, com estrutura independente, já que apenas as paredes das áreas molhadas eram pré-definidas. (MINDLIN, 1956, p. 96).

Em 1945 os irmãos Roberto projetam o Edifício MMM Roberto, localizado em terreno estreito na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. O edifício é constituído por pavimento térreo e 7 pavimentos tipo com um apartamento cada,



Figura 4 - Edifício Prudência. Fonte: Archdaily, 2021.

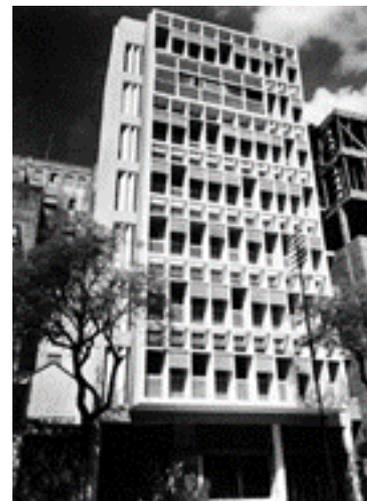


Figura 5 - Edifício MMM Roberto. Fonte: Archdaily, 2021.

sendo o último composto de acesso à cobertura que contém o terraço jardim. O edifício ocupa as divisas laterais do lote e na face posterior apresenta um recorte para ventilação e insolação dos ambientes. O prisma está perfeitamente relacionado ao contexto no qual está inserido (DREBES, 2004). As principais características do edifício são os brises verticais da fachada principal, elementos constantes na obra dos irmãos Roberto. A composição da fachada se dá através dos módulos dos brises que configuram uma grelha regular de concreto projetada à frente do edifício 1,20 metros, onde estão inseridas venezianas fixas (CALOVI, 1993, p.171).

A partir desses edifícios pioneiros, processo de verticalização no Rio de Janeiro e São Paulo segue no anos de 1940 e 1950, expandindo-se do centro para os bairros da Zona Sul (Flamengo, Botafogo e Copacabana) no Rio de Janeiro e do centro para os bairros Higienópolis e Cerqueira Cesar em São Paulo. Em meados do anos 1950, esses bairros já estão configurados com edifícios de apartamentos em altura de Arquitetura Moderna, inseridos no tecido tradicional.



Figura 6 - Edifício Louveira, São Paulo. Fonte: Monolito, 2015.

Segundo Drebes, a partir de 1946 começa a consolidação da Arquitetura Moderna Brasileira no que tange os edifícios de apartamentos, justamente no ano do projeto de João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi para o Edifício Louveira, situado na esquina da Rua Piauí com a Praça Vilaboim, na cidade de São Paulo. O conjunto tombado pelo Condephaat é composto por dois prismas retangulares muito semelhante, dispostos paralelamente com um

afastamento de vinte metros entre eles. Esse pátio formado entre os blocos configura um jardim. As barras são constituídas de pavimento térreo e mais pavimentos tipo idênticos em ambos os blocos, seis tipos no bloco frontal e sete no bloco posterior.

Muito se fala da produção da Arquitetura Moderna no eixo Rio – São Paulo, amplamente difundida entre os anos de 1930/60 por meio de um espírito progressista, constituindo uma cultura arquitetônica que vive o ápice com a concepção de Brasília, no final dos anos 1960 (MARQUES, 2002, p. 78). No entanto, fora do eixo central também se produziu arquitetura moderna relevante e com boa qualidade, é o caso da Arquitetura Moderna Gaúcha. A partir de 1950, com implantação da Faculdade de Arquitetura, regulamentação da profissão do arquiteto, as entidades de classe se consolidam, a produção arquitetônica no Rio Grande do Sul se intensifica. Embora com menos intensidade, linguagem e estilos arquitetônicos comuns, percebe-se significativas obras de planejamento urbano e de edificações no cenário gaúcho, com influência da escola carioca e do brutalismo paulista e também com alguma contribuição platina, oriunda do Uruguai, além das referências internacionais do Movimento Moderno, Le Corbusier, Frank Lloyd Wright e Richard Neutra.

Apesar de Porto Alegre estar atrasada em relação aos principais centros urbanos brasileiros, que introduziram os primeiros modernos em 1930, na década de 1950 produziu-se muitas obras relevantes na capital gaúcha. Segundo Luccas, a sociedade gaúcha tinha um conservadorismo típico de uma



Figura 7 - Edifício Jaguaribe. Fonte: ALMEIDA, 2010.



Figura 8 - Edifício Esplanada. Fonte: ALMEIDA, 2010.

cidade provinciana (LUCCAS, 2016, P. 273). Na década anterior Oscar Niemeyer projetou o Edifício Sede do IPE (1943) e Affonso Eduardo Reidy e Jorge Moreira Machado projetaram o Edifício Sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, ambos não executados, segundo Comas, devido à forte oposição dos engenheiros locais ao arquitetos cariocas; os engenheiros locais eram responsáveis pelas construtoras, prefeitura, órgãos institucionais e de classe (COMAS, 2013). No entanto, esses projetos, de certa forma, contribuíram para a formação do repertório dos arquitetos que projetariam na década seguinte. Alguns dos projetos icônicos desenvolvidos no contexto no qual Bered se insere estão descritos a seguir.

O Edifício Jaguaribe (projeto de 1951, habite-se em 1967) de autoria de Fernando Corona e Luís Fernando Corona, está situado na Avenida Senador Salgado Filho esquina com a Rua Vigário José Inácio. O edifício é composto por subsolo, pavimento térreo comercial sob dezenove pavimentos tipo com três apartamentos cada e, por fim, um pavimento de cobertura. A principal característica do edifício está no tratamento volumétrico, cujas cores e planos, painéis e sacadas conferem uma composição singular à superfície vertical (XAVIER, 1987, p. 82-83; COMAS, 2013, p. 68-73).

No ano seguinte o arquiteto uruguaio Roman Fresnedo Siri projeta o icônico Edifício Esplanada (projeto de 1952, habite-se em 1961). Situado junto a Praça Júlio e Castilhos, ocupando a esquina possui três acessos: Ramiro Barcelos, Independência e André Puentes. O edifício é composto por subsolo,

pavimento térreo comercial sob quinze pavimentos tipo com dois apartamentos por bloco (são quatro ao total) e, por fim, um pavimento de cobertura de uso comum. As principais características do edifício são: 1) a relação com a cidade, produto da galeria formada a partir dos pilotis no nível da rua, o ritmo é ditado pela malha estrutural e 2) embora seja um volume prismático regular junto às calçadas, a composição das fachadas foge do lugar comum, por intermédio da grelha reguladora vertical, revestida de pastilhas verde esmeralda e creme (COMAS, 2013, p. 30-35; XAVIER, 1987, p. 92-93; ABREU FILHO, 2006).

O Edifício Redenção (projeto de 1954, habite-se 1957) de autoria de Emil Achutti Bered e Salomão Kruchin, está situado na Rua da República, esquina com Avenida João Pessoa. O edifício é composto por subsolo, pavimento térreo sob nove pavimentos tipo com três apartamentos cada. A principal característica do edifício é a base formada pelo pavimento térreo, num meio nível acima do nível da rua e ocupada parcialmente por pilotis. O espaço resultante dessa estratégia possibilita ventilar o nível do subsolo, além de promover uma certa privacidade ao nível do térreo, quando se eleva ele sem deixá-lo de relacioná-lo visualmente com a rua. O corpo do edifício é composto por um volume prismático junto as faces das calçadas, há uma faixa de transição opaca entre uma superfície vertical e outra, junto à esquina e conta com uma malha reguladora onde se acomodou as esquadrias, que acompanha a malha estrutural do edifício (COMAS, 2013, p. 40- 43; XAVIER, 1987, p.122-123).



Figura 9 - Edifício Armênia. Fonte: ALMEIDA, 2010.



Figura 10 - Edifício Redenção. Fonte: VIEIRA, 2021.



Figura 11 - Edifício Faial. Fonte: VIEIRA, 2021.

Em 1955, o arquiteto Ari Mazzini Canarin, projeta o Edifício Armênia (projeto de 1955, habite-se em 1962), situado na Rua Mostardeiro, esquina com Praça Júlio e Castilhos. O edifício é composto por subsolo, pavimento térreo comercial sob quatorze pavimentos tipo com dois apartamentos cada e cobertura de uso comum. As principais características do edifício – que foi medalha de bronze no 1° Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul em 1960, – são o uso de elementos da malha estrutural de concreto nas superfícies verticais para a compor o volume prismático, as esquadrias em guilhotina e os brises verticais, além do coroamento do edifício com o pergolado na cobertura (COMAS, 2013, p. 44-47; XAVIER, 1987, p. 126- 127).

Em 1958, Emil Bered e Salomão Kruchin projetam o Edifício Porto Alegre (projeto de 1958, habite-se em 1960), situado nas esquinas das ruas Duque de Caxias e Jerônimo Coelho. O edifício é composto por subsolo e pavimento térreo sob doze pavimentos tipo com três apartamentos cada. A principal característica do edifício está na ocupação do lote triangular: na esquina o volume forma uma inflexão cuja superfície vertical é composta por elementos vazados, os cobogós conferindo uma plástica singular. No térreo a estratégia utilizada pelos arquitetos é semelhante à adotada no Edifício redenção: eleva-se o térreo a meio nível, conferindo privacidade para esse espaço composto por pilotis e ganha-se a ventilação do nível de subsolo (COMAS, 2013, p. 52-55).

Emil Bered, em 1962, projeta o Edifício Faial (projeto de 1962, habite-se em 1965), situado junto à Praça da Matriz nas esquinas da rua Jerônimo Coelho e Largo

João Amorim Albuquerque. O edifício é composto por subsolo e pavimento térreo sob doze pavimentos tipo com um apartamento cada. A principal característica está na composição volumétrica com a base em semi pilotis junto a Rua Jerônimo Coelho, formando uma arcada de uso público, e a composição com panos de fachada diferenciados de acordo com o uso: grelha com cobogós nos serviços, grandes panos de vidro nas salas e esquadrias horizontais contínuas com persianas nos dormitórios (COMAS, 2013, p 74-77; XAVIER, 1987, p. 178-179).

O Edifício Floragê (projeto de 1963, habite-se em 1965), de autoria do arquiteto David Libeskind, está situado na Rua Vinte e Quatro de Outubro, 997. O edifício, isolado no lote, com recuos laterais, frontal e de fundos, é composto por subsolo e pavimento térreo sob dez pavimentos tipo com um grande apartamento cada. A principal característica do edifício é a forte marcação da setorização dos usos dos apartamentos na volumetria que foram trabalhadas individualmente compondo um volume com quatro fachadas distintas, porém harmônicas. A fachada principal destaca-se pelo predomínio da horizontalidade resultante dos balcões de mármore branco das sacadas (COMAS, 2013, p. 79-82; XAVIER, 1987, p. 188-189).

Segundo Comas, a arquitetura moderna inseriu-se em Porto Alegre em meados de 1950, junto do processo de verticalização promovido pela prefeitura e, embora de forma mais contida no Sul, é a arquitetura que compões o tecido urbano. Os edifícios de apartamentos porto-alegrense necessitaram de



Figura 12 - Edifício Floragê. Fonte: ALMEIDA, 2010.

adaptações ao clima e cultura local, demonstrando o conservadorismo gaúcho (DEBRES, 2004 p.18).

Nesse período da chegada da arquitetura moderna ao Rio Grande do Sul, muitos concursos de arquitetura aconteciam para edificações públicas, resultando num grande progresso em projetos de obras institucionais públicas na capital e no estado, entretanto houve também uma grande produção de obras privadas no período, movimentado pelo grande crescimento urbano que a cidade passava. Alguns projetos extraordinários foram executados em Porto Alegre nesse período, por exemplo a Estação de Passageiros do Aeroporto Salgado Filho, o Palácio da Justiça e o Hospital de Clínicas.



Figura 13 - Palácio da Justiça. Fonte: ALMEIDA, 2010.



Figura 14 - Aeroporto Salgado Filho. Fonte: ALMEIDA, 2010.

A Estação de Passageiros do Aeroporto Salgado Filho (Projeto de 1950) de autoria de Nelson Souza e ampliação de Moacyr Moojen Marques, localizada na Avenida dos Estados, esquina com a Praça Comendador Carlos Rushl. O edifício é composto por dois pavimentos, sendo que no térreo há a presença de pilotis configurando espaços de pé direitos duplos. A malha estrutural também é demonstrada na fachada principal através dos pilares de secção circular. A proteção solar dessa fachada voltada ao norte dá-se por meio de brises enfatizando ainda mais a verticalização do extenso volume horizontal(XAVIER, 1987, p. 64-65).

Um dos projetos mais importantes da Arquitetura Moderna gaúcha, o Palácio da Justiça (projeto de 1953) de autoria dos arquitetos Luiz Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet, está localizado junto a

Praça da Matriz, esquina com Rua General Câmara. O edifício é considerado um marco para a Arquitetura Moderna gaúcha: o uso de elementos de arquitetura ditados por Le Corbusier, tais como pilotis, fachada livre, planta livre, janelas em fita e o terraço jardim. Além de todas essas características há o uso de brises de proteção solar e a fachada principal cega, com previsão de uma grande escultura da deusa Themis, que não foi executada inicialmente. Em 2002, o arquiteto Fayet executou uma revitalização no edifício e, finalmente, a escultura, executada pelo próprio Fayet, foi instalada no local previsto originalmente (COMAS, 2013, p. 114-121; XAVIER, 1987, p.108-109).

O Hospital de Clínicas da UFRGS (primeiro projeto de 1942) é de autoria de Jorge Machado Moreira, está localizado na Avenida Protásio Alves, esquina com Ramiro Barcelos. O edifício recebeu Prêmio de Honra na Exposição do VI Congresso Pan Americano de Arquitetura e a Medalha de Ouro no Salão Nacional de Belas Artes de 1949. A principal característica do complexo é a ocupação do lote, por não seguir as linhas do traçado viário e o grande maciço composto pela base e barra, cuja fachada principal é composta por uma superfície vertical onde a malha estrutural define os espaços e acomoda as esquadrias e as fachadas laterais da barra são cegas (XAVIER, 1987, p. 152-153).

Muitos edifícios não foram implantados na íntegra de seus projetos e outros não foram implantados, no entanto, a produção de arquitetura de qualidade foi vasta no período compreendido, especialmente pelas décadas de 1950/1960, com características



Figura 15 - Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
Fonte: ALMEIDA, 2010.

do Movimento Moderno iniciado nos principais centros urbanos brasileiros, apesar da resistência e conservadorismo local.

Emil Bered

Nascido em Santa Maria (RS) em 1926, Emil Achutti Bered ingressou na primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes (IBA) em 1946. Formou-se em 1949 e iniciou imediatamente sua vida profissional em Porto Alegre. Alguns dos professores de Bered no curso foram Ernani Correa, Edgar Graeff, José Lutzemburger, Fernando Corona e Demétrio Ribeiro (STRÖHER, 1997, p. 05).

Bered projetou intensamente na década de 1950, em parceria com seus colegas Salomão Sibemberg Kruchin, que foi seu sócio durante toda a década, e Roberto Félix Veronese, tanto no seu próprio escritório, – com um numeroso currículo de obras públicas e privadas – quanto teve exercício destacado no ensino e gestão acadêmica na nova Faculdade de Arquitetura da URGs (depois UFRGS) por mais de 30 anos, e significativa participação nos órgãos profissionais e de classe.

A Porto Alegre na qual Bered iniciava sua vida profissional passava por um processo de expansão metropolitana e desenvolvimento urbano. Foi também a década em que mais se construiu na cidade, apesar disso, a Arquitetura Moderna ainda não estava plenamente estabelecida em Porto Alegre no início dos anos 1950, conforme o que se segue:

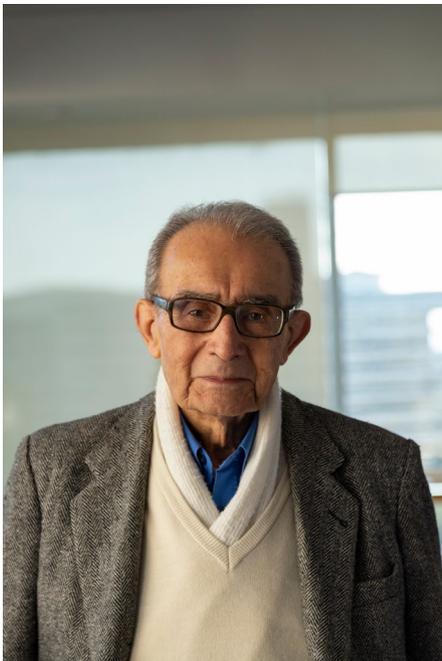


Figura 16 - Emil Bered. Fonte: VIEIRA, 2021.

Rejeitada por princípios estéticos, preocupações climáticas e, muito provavelmente, por interesses também de grupo no mercado, a arquitetura moderna só vai chegar em Porto Alegre por volta de 1950, quando já estabelecida, se não hegemônica, no Rio, em São Paulo e mesmo em Belo Horizonte. Lá como aqui, a alteração do regime de gosto acompanha agora um processo acelerado de verticalização e adensamento edilícios de áreas urbanas centrais, implicando cada vez mais a substituição tipológica, a demolição de mansões, sobrados ou casas de porta e janela para o aproveitamento mais intensivo dos terrenos que ocupavam (COMAS; PIÑON, 2013, p.16).

Emil Bered faz parte do pequeno grupo de arquitetos locais que, ao longo da década, vai contribuir para a introdução, difusão e consolidação da Arquitetura Moderna no Sul. No seu trabalho, condensa e sintetiza muitos dos princípios e paradigmas de projeto dessa arquitetura. Com expressiva produção de edifícios residenciais, também contribui de forma decisiva para a emergência e definição da tipologia em Porto Alegre, ao lado de "estrangeiros" como o uruguaio Roman Fresnedo Siri, autor do projeto emblemático Edifício Esplanada e Carlos Alberto de Holanda Mendonça, alagoano formado na ENBA e de conterrâneos como Edgar Graeff, Luís Fernando Corona, Moacyr Moojen Marques e seus dois parceiros, Kruchin e Veronese.



Figura 17 - Emil Bered. Fonte: VIEIRA, 2021.

Capítulo 2

1º Período

1950/60

Conforme a análise de Silvio Abreu nos Capítulos 4 e 5 de sua tese (ABREU FILHO, 2006), retomada no Capítulo VIII de "Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre" (FIORE, 2016, p. 244-250) organizado por Renato Fiore, a legislação que regulava a expansão era baseada no alinhamento e no gabarito, com alturas proporcionais à largura da via, mantidas e atualizadas desde o final do século XIX e transformadas em uma "Lei de Alinhamentos" em 1943. Eles permitiram a gradual ocupação das vias radiais e perimetrais previstas pelo Plano de Urbanização de Arnaldo Gladosch na administração Loureiro da Silva, e a introdução de alguns dispositivos morfológicos sugeridos por ele, como as arcadas (chamadas "galerias") no centro, o pilotis alto ou colunata de dupla altura nos térreos dos edifícios nas avenidas principais, e os recuos de jardim de 4 metros aplicados em quase toda a área urbana.

Em 1952 a Lei nº 986 manteve a aplicação do critério de uma vez e meia a largura da rua para toda a cidade, e duas vezes para a área central, mas introduzindo o escalonamento da altura no centro. A partir desse dispositivo, foi possível aprovar no centro da cidade edifícios, na prática, sem limite de altura². Além das disposições sobre a altura, a Lei estabelece condicionantes específicos sobre a distribuição e a configuração de compartimentos e espaços internos e externos dos edifícios, determinantes para

2 A seguir, a Lei nº 1167/1953 limitava a altura dos prédios a três pavimentos a partir da zona pericentral que atingia a atual Segunda Perimetral (excetuando trechos de radiais, com alturas maiores permitidas até os limites da atual Terceira Perimetral), numa reserva de mercado para pequenos edifícios residenciais sem elevador visando atender a demanda de pequena burguesia nos bairros.

a sua volumetria, tratando das áreas de ventilação e insolação e dos balanços sobre a área pública, de forma bastante precisa. Ao permitir uma área suplementar com seus parâmetros de utilização, a legislação torna-se responsável, na prática, pela definição da forma externa dos edifícios, delineando seus perímetros, como podemos observar em alguns dos edifícios analisados.

Foram essas regras e dispositivos simples que orientaram a cidade num período de extraordinário crescimento e metropolização. O processo contou com a adesão entusiasmada dos agentes do mercado imobiliário e da indústria da construção, com grande inversão de capitais, inclusive através de novas modalidades de financiamento, como fundos de investimento e participação, sociedades de crédito imobiliário e companhias abertas, o que foi acompanhado por acelerada modernização e concentração do capital no setor (ABREU FILHO, 2016, p. 246).

O processo foi acompanhado pela emergência do incorporador imobiliário, agente promotor de um novo produto, o apartamento em condomínio vertical, para atender as necessidades e expectativas da clientela, basicamente a nova classe média urbana. A exemplo do que ocorria em São Paulo, a principal sociedade de crédito imobiliário a atuar no novo mercado foi o Banco Lar Brasileiro, que foi um dos principais clientes de Bered nos anos 1950, apesar de não ter financiado nenhum dos edifícios dessa amostra.

A cidade contava com empresas construtoras e incorporadoras de natureza "moderna", algumas atuando desde os anos 1920 e 1930, como a Azevedo, Moura e Gertum, outras mais recentes como a

Azevedo Bastian e Castilhos (ABC), Pilla Guarita e Mello Pedreira. Bered projetou para as quatro. Elas atuavam dentro de novas condições de produção, introduzindo e divulgando tecnologias de ponta nas áreas de estruturas, instalações, esquadrias, materiais e revestimentos, e atentas aos novos padrões de consumo urbano. Para isso, utilizaram arquitetos de prática igualmente "moderna", profissionais inicialmente formados pela Escola Nacional de Belas Artes, como Holanda Mendonça e Edgar Graeff, ou estrangeiros como Roman Fresnedo Siri, depois recém-egressos dos cursos de Arquitetura locais, como Emil Bered e seus parceiros Kruchin e Veronese.

Nos bairros residenciais a expansão se dá com tipologias de baixa ou média altura e densidade, unifamiliares ou coletivas; nas áreas de maior valorização ela ocorre fundamentalmente através da inserção de edifícios altos no espaço urbano da cidade tradicional, que nos anos 1950 passam a ter características claramente modernas, tornadas hegemônicas ao final da década. A tendência dominante de verticalização iniciada no Centro na década anterior, estende-se pelas principais radiais, como as avenidas Independência e 24 de Outubro, João Pessoa, Osvaldo Aranha e Protásio Alves, Cristóvão Colombo, e trechos de perimetrais como a Avenida Venâncio Aires e as ruas da República e Ramiro Barcelos. Emil Bered projetou edifícios de apartamentos em todas elas, com grande incidência no eixo Independência/24 de Outubro.

A pesquisa nos arquivos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, sistematizada por Weimer (WEIMER,

1998) para o período 1950-1957 e complementada pelos arquivos pessoais do escritório do arquiteto e em cuidadosa revisão bibliográfica, permitiram identificar o projeto de 27 edifícios residenciais no período da formatura até o Plano Diretor de 1959. Verifica-se que 26 deles são em parceria com seu associado durante toda a década de 1950 Salomão Sibemberg Kruchin, dos quais cinco com a colaboração de Roberto Félix Veronese, ambos seus colegas de turma no Curso de Arquitetura do IBA. A produção inclui desde pequenos edifícios residenciais sem elevador, com térreo e até três pavimentos, como o Edifício Jerônimo D'Ornellas (1952), Edifício Santa Terezinha (1953) e Edifício Nogarô (1957) até edifícios de apartamentos em altura representativos da arquitetura moderna brasileira de qualidade, como o Edifício Linck (1952), Edifício Redenção (1954), Edifício Rio Grande do Sul (1957) e Edifício Porto Alegre (1958), presentes em todos os inventários da arquitetura moderna em Porto Alegre.

As regras do jogo, com a obediência ao gabarito e ao alinhamento (ou ao recuo de jardim), estão presentes em todos os exemplos dessa fase. Com a nota que como o comprova o exemplo carioca, a arquitetura moderna não é incompatível com um urbanismo de parcelamento e gabarito, mas

“(…) em Porto Alegre, a legislação prevalente equaciona o quarteirão como uma massa compacta perfurada por pátios de luz ou recuos laterais de dimensões insuficientes para uma melhor habitabilidade, considerando a altura permitida” (COMAS, 2013, p. 17).

Coerente com o modelo de implantação tradicional, os terrenos de esquina são privilegiados nos

empreendimentos, aproveitando a vantagem de maior perímetro de frente para orientação das peças principais. Em terrenos de esquina, as implantações tendem ao "L", como no Edifício Redenção e depois no Edifício Faial (este contemporâneo do Edifício Christoffel, mas beneficiando da legislação prevista pelo Plano de 1959 para o Centro, que mantém as normas do gabarito e do alinhamento). No caso do Edifício Redenção, em virtude da necessidade de estacionamentos, utilizou-se a elevação do térreo em relação ao passeio, conferindo privacidade ao ambiente, um pódio para o pilotis de ingresso e acomodação para garagem no semi-subsolo.

O volume resulta numa falsa "caixa" compositiva corbusiana de nove pavimentos sobre o pilotis elevado, com duas fachadas para a via pública. Visualmente, assemelha-se a uma barra alinhada sobre a Rua da República, mas com a inversão da empena principal em operação que remete à empena sul da Unité de Marselha.

O Edifício Santa Terezinha curiosamente adota para a esquina uma implantação em H defasado. Em função do terreno triangular, no Edifício Porto Alegre foi adotada uma estratégia em cunha, com duas alas retangulares convergindo para a esquina entre as ruas Duque de Caxias e Jerônimo Coelho. Bered partiu da mesma solução utilizada anteriormente no Edifício Redenção, ao elevar o térreo numa espécie de pódio, promovendo um semi-subsolo para a garagem, por meio do declive do terreno. Essa estratégia forma um hall protegido e mais alto que o nível da rua.

Em terrenos de meio de quadra, os partidos podiam assumir configurações em “I”, “T”, “H”, combinações destas, ou disposições longitudinais em “E” ou em “pente” nos terrenos mais profundos. As implantações mais comuns são em H. A variante em H tem barras paralelas à rua com a circulação vertical na travessa. Este é o caso do Edifício Linck, edifício de apartamentos, situado ao final de uma pequena travessa em “cul-de-sac” paralela à Praça Júlio de Castilhos. O edifício ocupa o terreno entre as divisas, com frente norte e declive em relação a via, o que propiciou um edifício composto de subsolo, térreo e oito pavimentos-tipo com dois apartamentos por pavimento (frente e fundos) “não abre peça principal para a área interna e aparece ainda hoje como um edifício isolado” (COMAS, 2013, p.18). O mesmo ocorre com o Edifício Nilza Ester, situado num amplo terreno da Rua 24 de Outubro, com frente sul, o edifício agrega programa comercial no térreo e desenvolve-se em duas barras unidas por um volume que abriga a circulação vertical, configurando um partido em forma de “H”, ocupando-o até os seus limites de divisas. O partido foi dispor em dois corpos transversais ocupando toda a largura do terreno quatro apartamentos de três dormitórios por andar em placas paralelas unidas por um elemento de circulação vertical que incorpora algumas peças de serviço.

Em função da geometria do terreno, há barras com faces internas em linha quebrada ou inclinada. Em função do bônus legal para balanço de extensão limitada (25m) a partir da equina, as faces externas do Edifício Porto Alegre e do Edifício Redenção (e do Edifício Santa Terezinha) se endentam.

A torre é a exceção singular, ilustrada pela organização cruciforme do Edifício Rio Grande do Sul, que tende a um T com a perna frontal à rua, em frente ao Parque Moinhos de Vento. O volume desenvolve-se afastado das divisas no pavimento-tipo e, no pavimento térreo, justaposto à divisa oeste. É caracterizado por dois prismas de base retangular, um corpo maior ao fundo, onde a massa edificada é predominante em relação às aberturas e uma "caixa de vidro" à frente, cortada horizontalmente por vigas-floreiras que definem os pavimentos. Comas nota que "A justaposição de torre transparente estratificada e torre opaca vertical no Edifício Rio Grande do Sul tem grande potencial plástico, infelizmente só desenvolvido no primeiro componente" (COMAS, 2013, p.22), observando com propriedade que os planos verticais perfurados ganharam molduras estilisticamente impróprias no edifício.

Na área do recorte espacial da dissertação, identificou-se 10 edifícios de apartamentos de autoria de Emil Bered no período: Edifício Dante D'angelo, Linck, Prates de Araújo, Nogarô, Rio Grande do Sul, Christoffel, Novo Parque, Sinuelo e Condado de Luzerne, Nirvana. Em função do acesso à documentação original dos projetos, optou-se por restringir a quatro edifícios, três em altura e um de pequeno porte, que a seguir serão apresentados como estudos de caso.

Estudios de Caso

Estudios de Caso

Ed. Linck

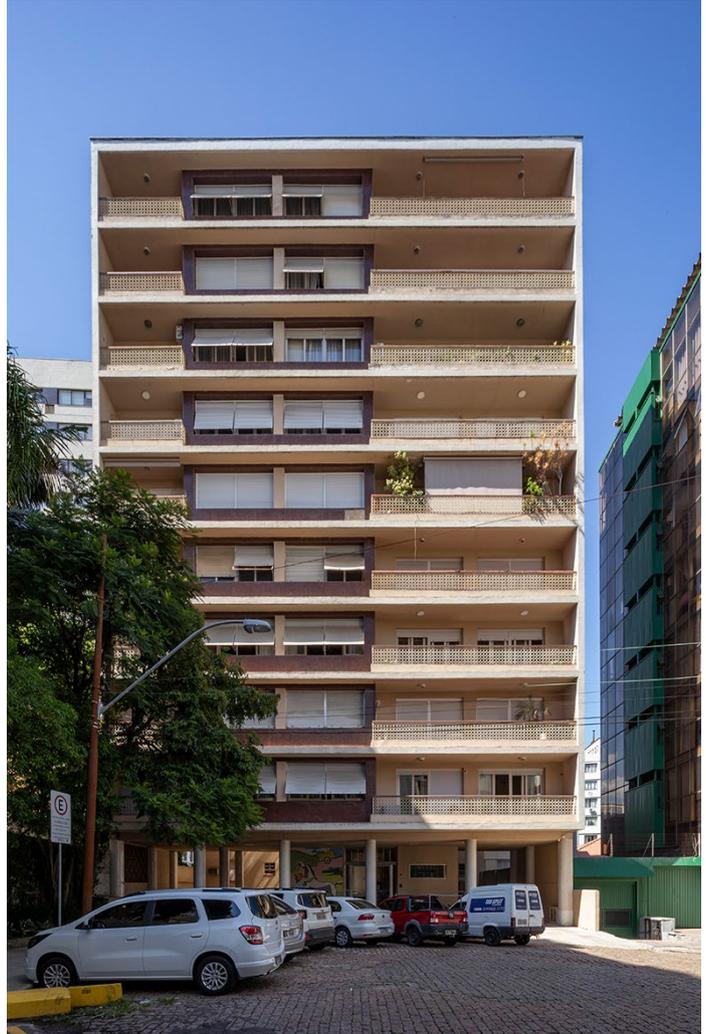


Figura 18 - Edifício Linck. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Linck

Endereço: Travessa Frederico Coronel Linck, 55 –
Bairro Independência

Projeto: 1952 (Construtora), 1954 (Prefeitura)

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered, Salomão
Kruchin e Roberto Veronese

Proprietário: Sociedade Edifício Linck Ltda.

Construtora: Mello Pedreira & Cia. Ltda.

Área do Terreno: 525,00m² (21 x 25m) Lote em meação
(final de "cul de sac").

Edifício com subsolo (estacionamento), térreo, 9
pavimentos tipo e cobertura (zelador). Área do
pavimento tipo: 398,6m²

Um apartamento térreo (fundos) e dois apartamentos
por pavimento, frente e fundos.

Área dos apartamentos: 176,20m² e 92,00m²

Área Total de construção: 4.384,60 m²

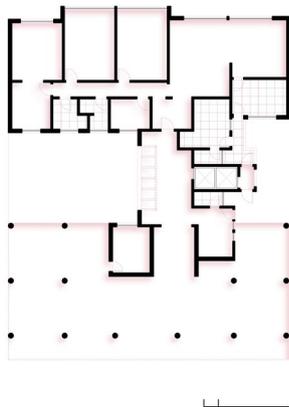


Figura 21 - Edifício Linck, pavimento térreo.
Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 19 - Edifício Linck, implantação. Fonte: FAGUNDES,
2021.

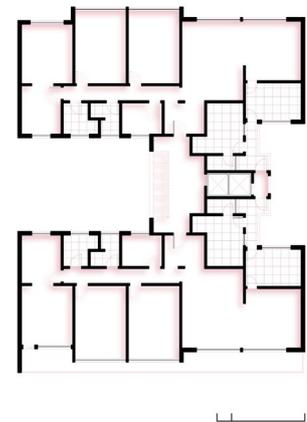


Figura 20 - Edifício Linck, pavimento tipo.
Fonte: FAGUNDES, 2021.

Localizado ao final de uma pequena travessa em "cul-de-sac" paralela à prestigiosa Praça Júlio de Castilhos, o Edifício Linck³ foi o primeiro encargo de porte da equipe formada por Emil Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese. O terreno generoso de 525 m², com 21 metros de frente norte e declive em relação ao "cul-de-sac", propiciou um edifício composto de Subsolo, Térreo e oito pavimentos-tipo com dois confortáveis apartamentos de 200 m² por pavimento e um apartamento térreo aproveitando o declive. De propriedade da Sociedade Edifício Linck Limitada, a incorporação e construção esteve a cargo da Construtora Mello Pedreira.

O partido adotado foi dispor em dois corpos transversais ocupando toda a largura do terreno duas prumadas de apartamentos por andar em placas paralelas unidas por um elemento de circulação vertical que incorpora algumas peças de serviço. A planta baixa em forma de "H" tem área de cerca de 400 m² no pavimento-tipo. Os dois corpos são praticamente simétricos, com dependências principais – salas e três dormitórios – para frente e fundos e dependências de serviço para duas áreas internas de iluminação. Os apartamentos de fundos têm a orientação sul compensada pela magnífica vista.



Figura 22 - Edifício Linck. Fonte: FAGUNDES, 2019.

3 O texto referente ao Edifício Linck foi publicado parcialmente nos artigos: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação; EMIL BERED E A HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 4º Simpósio Científico ICOMOS Brasil; EMIL BERED: DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 13º Seminário Docomomo Brasil; HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 21º Congresso brasileiro de arquitetos e EMIL BERED, ARQUITETO: PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 6º Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação.

A composição formal do edifício define um corpo de volume opaco perfurado por aberturas apoiado sobre uma base em pilotis frontal em primeiro plano com os acessos, e um fundo com dependências condominiais e o apartamento térreo.

A fachada frontal principal é tratada em grelha horizontal com plano ressaltado em relação às paredes laterais da divisa, formando uma caixa saliente de fatias definidas pelas linhas das lajes e balcões. A estratégia atende à necessidade de proteção solar da orientação norte com um plano virtual de diferentes profundidades que permite localizar balcões junto a salas e dormitório principal e peitoris simples alocando mais superfície aos outros dois dormitórios. Para Luccas a solução “de linhas horizontais predominantes, foi resolvida de forma atípica, afastando-se do precedente da grelha ortogonal presente na Arquitetura Moderna brasileira de vertente corbusiana” (LUCCAS, 2016, p. 294), associando o arranjo a antecedentes como a composição frontal do Banco Boa Vista (1946) de Niemeyer. Já Ströher vê certa ambiguidade na expressão formal das funções, com o balcão frontal das salas e dormitório principal com acabamento em gradil metálico, e os outros dois dormitórios em peitoril de volume avançado marcado por revestimento em cor marrom (STRÖHER, 1997, p.74). No bloco dos fundos, são eliminados os balcões.

No espaço correspondente ao apartamento de frente, o térreo recebe uma área coberta em pilotis de cinco vãos por dois intercolúnios de profundidade, com sinuoso desenho de jardineiras que se estendem



Figura 23 - Edifício Linck. Fonte: VIEIRA, 2021.



Figura 24 - Edifício Linck. Fonte: VIEIRA, 2021.

para o interior formando um jardim em área interna aberta, com acessos laterais para garagem, escada de acesso a hall e portaria e um depósito cuja parede serve de fundo para um painel de pastilhas vitrificadas de Saulo Gomes marcando a entrada, seguindo a tendência contemporânea de "integração das artes" à Arquitetura Moderna brasileira iniciada no Ministério da Educação e Saúde (1936), de Lucio Costa e equipe.

Estudos de Caso

Ed. Nogarô



Figura 25 - Edifício Nogarô. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Nogarô

Endereço: Florêncio Ygartua esquina Castro Alves –
Bairro Rio Branco

Projeto: 1957 (Construtora), 1954 (Prefeitura)

Equipe de trabalho: Emil Bered e Salomão Kruchin

Proprietário: S. Prync & Cia. Ltda.

Área do Terreno: 387,45 m² (31 x 17m) Lote de esquina
Edifício com térreo, 2 pavimentos tipo. Área do
pavimento tipo: 294,60m²

Quatro apartamentos por pavimento, todos de frente

Área dos apartamentos: 40,20m², 58,50m², 87,09m² e
60,50m²

Área Total de construção: 976,65 m²



Figura 26 - Edifício Nogarô, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.

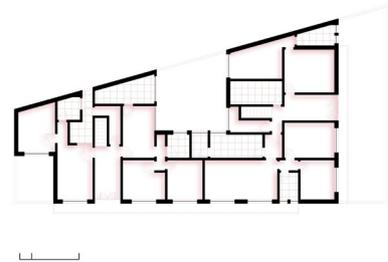


Figura 27 - Edifício Nogarô, pavimento tipo. Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 28 - Edifício Nogarô. Fonte: VIEIRA, 2021.



Figura 29 - Edifício Nogarô. Fonte: VIEIRA, 2021.

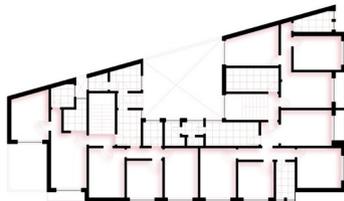


Figura 30 - Edifício Nogarô, pavimento térreo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

O Edifício Nogarô⁴, de autoria dos arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin, para a proprietária S. Prync Cia. Ltda. Situado na esquina entre as ruas Castro Alves e Doutor Florêncio Ygartua, no bairro Moinhos de Ventos. É um edifício de três pavimentos, com quatro apartamentos por pavimento que conta com uma implantação peculiar, para melhor aproveitar a área da esquina, Bered optou por ocupar os limites de frente do terreno, exceto um pequeno espaço não ocupado junto a divisa esquerda e o vazio central, necessário para ventilar e trazer iluminação natural para os espaços de serviço. Outra importante solução foi de fazer dois acessos independentes, formando uma espécie de dois blocos autônomos, embora unidos, inclusive, formando, visualmente um volume único.

Um dos blocos, acessado pela rua Castro Alves, dispõe, no térreo, de um apartamento de um dormitório e um de dois dormitórios. Nos pavimentos tipos segue a mesma configuração com um pequeno acréscimo de área no apartamento maior.

No outro bloco, acessado pela rua Doutor Florêncio Ygartua, dispõe no térreo, de um apartamento de um dormitório e um de dois dormitórios. Nos pavimentos tipos cada apartamento sofre um acréscimo de um dormitório.

É possível verificar no edifício a composição formal dos planos verticais obedecendo uma regularidade nos pavimentos tipo, decorrentes da distribuição da

⁴ O texto referente ao Edifício Nogarô foi publicado parcialmente no artigo: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação.

planta baixa, distinta da que ocorre no pavimento térreo, que também corresponde a organização dos ambientes em planta.



Figura 31 - Edifício Nogarô, fachadas. Fonte: FAGUNDES, 2021.

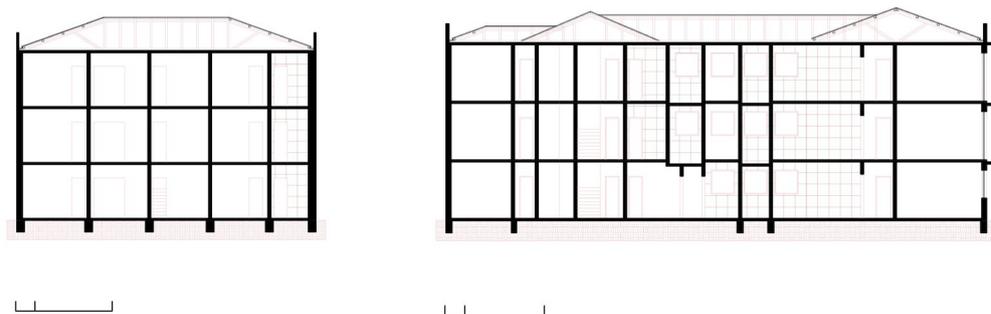


Figura 32 - Edifício Nogarô, cortes. Fonte: FAGUNDES, 2021.

Estudos de Caso

Ed. Rio Grande do Sul



Figura 33 - Edifício Rio Grande do Sul. Fonte: VIEIRA, 2021.



Figura 34 - Edifício Rio Grande do Sul, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.

Edifício Rio Grande do Sul

Endereço: Rua 24 de Outubro, 622/644 – Moinhos de Vento

Projeto: 1957 (construtora), 1958 (prefeitura), 1965 (carta de habitação)

Equipe de trabalho: Emil Bered e Salomão Kruchin.
Construtora Mello Pedreira S.A.

Proprietário: Teodoro Saibro

Área do Terreno: 1.321,24 m² (22 x 60m). Lote de meio de quadra

Edifício com térreo com duas lojas, 1 apartamento por pavimento tipo

Área do pavimento tipo: 350m²

Um apartamento por pavimento

Área do apartamento: 350m²

Área Total de construção: N/D

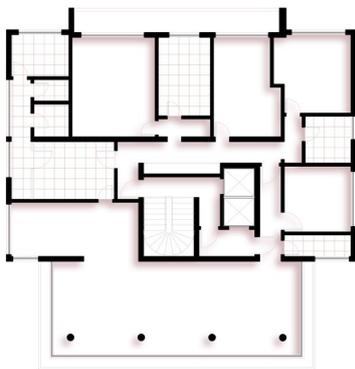


Figura 35 - Edifício Rio Grande do Sul, pavimento térreo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

O Edifício Rio Grande do Sul⁵ O Edifício Rio Grande do Sul está sobre amplo terreno retangular de meio de quadra (22 x 60m, 1.321,24m²) na Rua 24 de Outubro 622/644, em localização de prestígio frente ao Pavilhão Social do Jockey Club, ainda em operação à época do projeto (1957, aprovação na Prefeitura em 1958), com área destinada ao novo Parque Moinhos de Vento, em início de implantação quando da conclusão do edifício em 1965. O proprietário era Theodoro S. Saibro com construção e incorporação a cargo da Mello Pedreira S.A.

Local, contexto e programa levaram Emil Bered e Salomão Kruchin à proposta de um partido diferenciado, com lançamento do volume edificado afastado das divisas e um grande apartamento por pavimento. O volume vertical é caracterizado pela justaposição de dois primas de base retangular, um corpo maior opaco ao fundo, onde a massa edificada é predominante em relação às aberturas e uma "caixa de vidro" à frente, marcada horizontalmente por vigas/floreiras que definem os pavimentos (STRÖHER, 1997, p.74). A viga floreira e os panos de esquadrias contínuas tripartidas horizontalmente que compõem a fachada encobrem a estrutura vertical do edifício, conferindo delicadeza a composição. As colunas, recuados da fachada nas grandes salas de estar transmitem o conceito de independência estrutural, apresentando os quatro pilares circulares contra o envidraçamento amplo, e aparecem no térreo de forma marcante, insinuando pilotis frontal.

⁵ O texto referente ao Edifício Rio Grande do Sul foi publicado parcialmente nos artigos: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação e EMIL BERED E A HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 4º Simpósio Científico ICOMOS Brasil.



Figura 36 - Edifício Rio Grande do Sul.
Fonte: VIEIRA, 2021.

A composição é coroada pelo bloco posterior da edificação, um pouco mais alto que o frontal.

O térreo adota a tipologia de base extensa, com cinco módulos de divisa a divisa. A vocação comercial do trecho levou ao aproveitamento do térreo com lojas em dois módulos junto à divisa oeste; dois módulos recebem o acesso social com hall de elevador e portaria, tendo ao fundo escada, hall de serviço e apartamento de zelador; o último módulo é recuado da divisa leste com passagem que permite acesso lateral à entrada de serviço e para a garagem com 18 vagas em corpo isolado aos fundos, ventilado por engenhoso poço inglês. Sobre a área de garagem um amplo terraço evidencia o cuidado do arquiteto no tratamento do espaço aberto. Luccas nota a forte marcação dos módulos evidenciados pelas colunas aparentes, "apelando para o destaque dos pilares de seção elíptica da fachada, como forma de transmitir o conceito de suspensão ao conjunto; os quatro pilares frontais realçam a projeção da torre, criando um pórtico tripartido na base" (LUCCAS, 2016, p. 301).



Figura 37 - Edifício Rio Grande do Sul.
Fonte: VIEIRA, 2021.

O pavimento tipo de quase 360m² tem planta de base quadrada (um "T" tendendo ao cruciforme), com o núcleo de circulação vertical como outro quadrado inscrito ao centro. Essa localização permite setorização e adequada distribuição espacial às áreas social, íntima e de serviços do amplo apartamento burguês de 330m². Os três dormitórios estão a fundos, voltados para o norte, com um balcão contínuo em balanço. Os serviços são voltados para a lateral oeste. A área social desenvolve-se na frente, a sul, com a generosa sala de estar ocupando todo

o volume frontal, mais sala de jantar no volume de fundos a oeste e lavabo e gabinete a leste. Desenho no piso da sala e as quatro colunas isentas definem a utilização do espaço, com vista perene sobre o futuro parque garantida pelos três lados do volume frontal envidraçado. "O salão de apartamento no Rio Grande do Sul é canônico, majestoso, mirante transparente frente a um parque, sobre o parque, multiplicado com coroas de espinhos e ares de pagoda" (COMAS; PIÑON, 2013, p. 23).

A composição volumétrica explora o conceito determinante de contraste, "estabelecido entre o prisma delicado – composto pela sobreposição de salas de estar envidraçadas com floreiras periféricas – e o robusto volume opaco dos demais compartimentos" (LUCCAS, 2016, p.301), também evidenciado por Comas: "a justaposição de torre transparente estratificada e torre opaca vertical no edifício Rio Grande do Sul tem grande potencial plástico", embora com a atenta ressalva "infelizmente só desenvolvido no primeiro componente" (COMAS; PIÑON, 2013, p. 21) pois os panos verticais perfurados ganham molduras estilisticamente impróprias, unificando janelas de gabinete e banheiro na fachada leste.

Para Luccas o edifício abordava de forma inaugural o tema do apartamento moderno de luxo, afastado das divisas (LUCCAS, 2016, p. 301). Mesmo ainda não obrigatórios pela legislação (o Plano Diretor é de 1959), e no caso limitadas aos 1,5m regulamentares do Código Civil, a solução já tinha sido adotada em outros prédios similares de arquitetura tradicional da

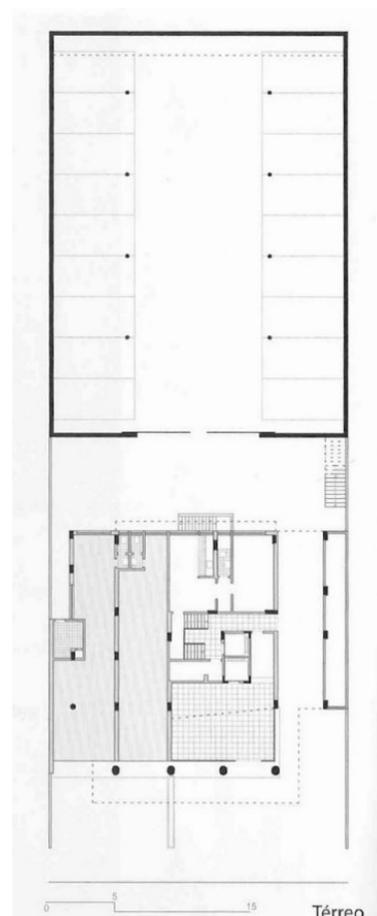


Figura 38 - Edifício Rio Grande do Sul, pavimento térreo. Fonte: COMAS, 2013.

década, como o Edifício Querência (1950) na mesma rua, e o Edifício Arachane na Praça Mauricio Cardoso.



Figura 39 - Edifício Rio Grande do Sul. Fonte: VIEIRA, 2021.

Estudos de Caso

Ed. Nilza Esther

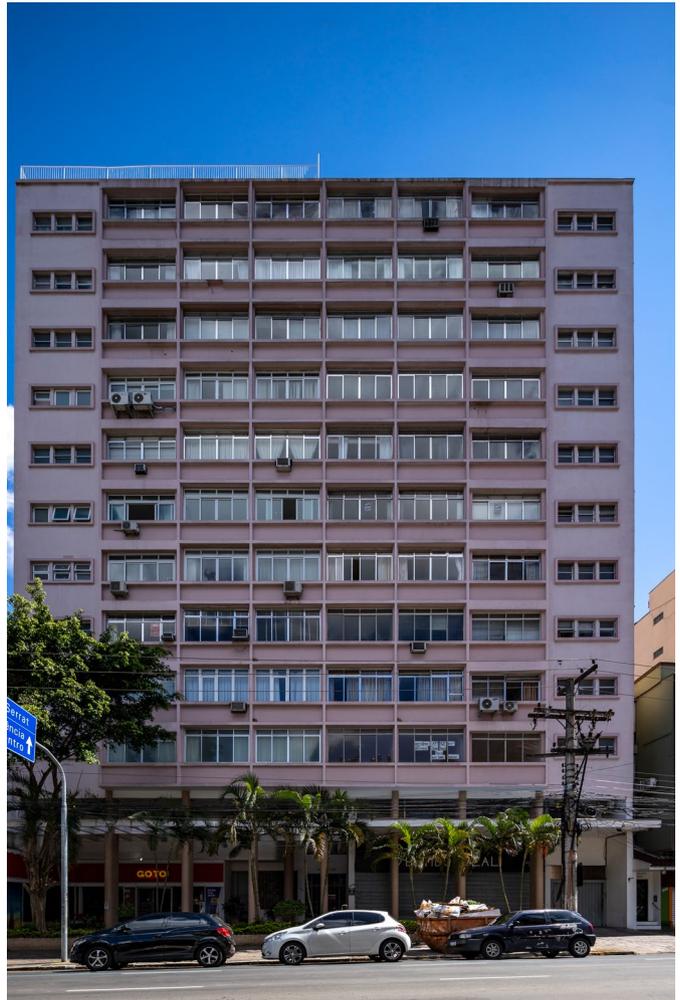


Figura 40 - Edifício Nilza Esther. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Nilza Esther

Endereço: Vinte e Quatro de Outubro, 1570 – Bairro Auxiliadora

Projeto: 1957 (Construtora), 1954 (Prefeitura)

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered, Roberto Felix Veronese e Salomão Kruchin

Proprietário: N/D

Construtora: Mello Pedreira

Área do Terreno: 1.153,75 m² (30,5 x 57,50m) Lote de meio de quadra

Edifício com térreo com loja, 10 pavimentos tipo. Área do pavimento tipo: 361,17m²

Dois apartamentos por pavimento, todos de frente

Área dos apartamentos: 152,32 m²

Área Total de construção: 4.065,65 m²



Figura 41 - Edifício Nilza Esther, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.

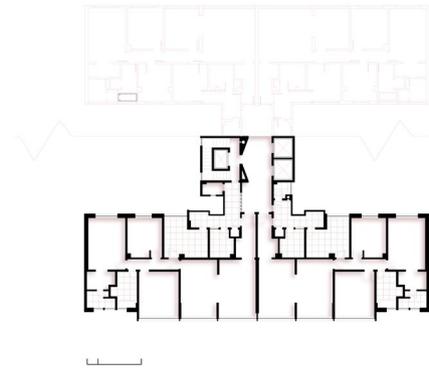


Figura 42 - Edifício Nilza Esther, pavimento tipo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

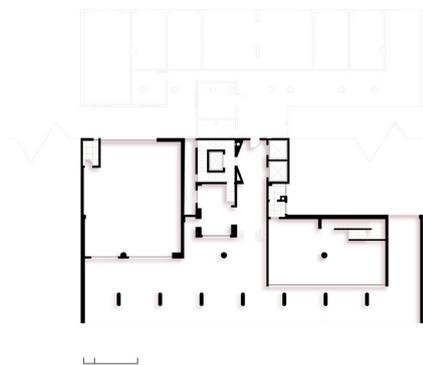


Figura 43 - Edifício Nilza Esther, pavimento térreo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

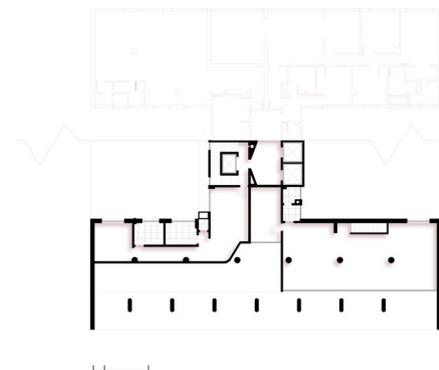


Figura 44 - Edifício Nilza Esther, 2º pavimento. Fonte: FAGUNDES, 2021.

O Edifício Nilza Esther⁶ foi projetado pela equipe composta por Emil Achutti Bere, Roberto Veronese e Salomão Kruchin e executado pela Construtora Mello Pedreira em 1957. No amplo terreno da Rua 24 de Outubro situado no coração do bairro Auxiliadora (próximo à Igreja e ao terminal da linha de bondes), com frente sul. O projeto original do edifício agrega programa comercial no térreo e desenvolve-se em duas barras unidas por um volume que abriga a circulação vertical, configurando um partido em forma de "H", ocupando-o até os seus limites de divisas. Entretanto, apenas a ala da frente foi executada.

O projeto original tem estratégia similar à adotada cinco anos antes no Edifício Linck, de dispor em dois corpos transversais ocupando toda a largura do terreno quatro apartamentos de três dormitórios por andar (dois apartamentos no caso do Edifício Linck) em placas paralelas unidas por um elemento de circulação vertical que incorpora algumas peças de serviço, numa planta baixa em forma de "H". Os dois corpos seriam praticamente simétricos ao longo de um eixo transversal, mas não seriam simétricos entre si, diferenciando-se em função da posição (frente e fundos) e orientação (sul e norte), com dependências principais – duas salas e um ou dois dormitórios – para frente e fundos e dependências de serviço e dormitórios para duas áreas internas de iluminação. A ala executada refere-se aos apartamentos de frente sul, dois dormitórios, inclusive o principal tipo suite,

6 O texto referente ao Edifício Nilza Esther foi publicado parcialmente nos artigos: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação e EMIL BERED: DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 13º Seminário Docomomo Brasil.

são voltados para a área de iluminação a norte; na ala não executada seriam os apartamentos de fundos, com a disposição inversa, com dois dormitórios (inclusive o principal) para o norte e um para a área de iluminação a sul.

No projeto implantado são onze pavimentos tipo, com dois apartamentos de cerca de 140 m² por pavimento, servidos por confortável circulação única dotada de escada e três elevadores, sendo um exclusivamente de serviço.

Estava previsto no pavimento térreo um apartamento similar aos do pavimento tipo, hall, salão de festas e espaços comerciais voltados para a fachada principal sul. O pilotis frontal neste caso assemelha-se a uma colunata de dupla altura, com os pilares frontais arredondados e revestidos por pastilhas vitrificadas, com o pé direito um pouco maior, configurando uma espécie de galeria que forma um espaço protegido na frente do acesso e das lojas. Ressalte-se que o lote ao lado abrigava à época um cinema (Cine Rival), configurando uma sequência comercial com hierarquia de bairro e valorizando o uso público da arcada.

A fachada principal é organizada por uma grelha quadrangular, definida pela divisão interna das peças principais e pelas lajes dos entrespisos, a mesma solução adotada anteriormente no Edifício Redenção em arranjo com maior complexidade. A grelha ocupa o pequeno balanço frontal, demarcando e proporcionando mais espaço para as peças principais dos dois apartamentos de frente, mas sua composição

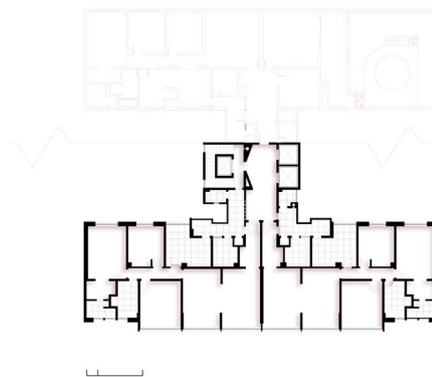


Figura 45 - Edifício Nilza Esther, 11º pavimento. Fonte: FAGUNDES, 2021.

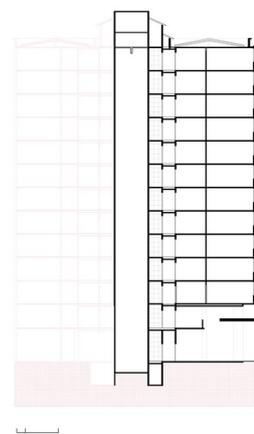


Figura 46 - Edifício Nilza Esther, corte. Fonte: FAGUNDES, 2021.

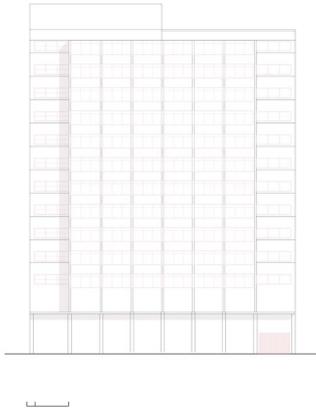


Figura 47 - Edifício Nilza Esther, fachada.
Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 48 - Edifício Nilza Esther. Fonte: VIEIRA,
2021.

é marcadamente horizontal. No corpo frontal do prédio, as laterais trazem sequencias de janelas de banheiros com molduras.

No corpo de fundos o tratamento seria mais simplificado, sem a grelha em balanço, apenas marcado pela sequência de janelas das peças principais.

Capítulo 3

2º Período

1960/80

O segundo período abordado refere-se ao intervalo compreendido pela vigência Plano Diretor de 1959/61. O plano começou a ser gestado na prefeitura a partir de 1954, sendo aprovado preliminarmente como Lei nº 2.046, em 1959, e posteriormente reapresentado de forma consolidada e aprovado como Lei nº 2.330 em 1961, já contemplando sua primeira extensão. O documento que conhecemos hoje como Plano Diretor de Porto Alegre é a edição justificada e comentada da Lei 2.330, lançada em 1964 como "Porto Alegre. Plano Diretor – 1954-1964", pelo prefeito Célio Marques Fernandes.

Segundo Marques, o Plano de 1959 foi o primeiro Plano Diretor de Porto Alegre normatizado, tendo como base para suas diretrizes algumas ideias de Moreira Maciel, os estudos urbanos de Paiva e Ubatuba de Faria, dos anos 1930 e o Expediente Urbano de Paiva, "ordenando os princípios estruturadores fundamentais da cidade", conferindo uma qualidade urbana a capital gaúcha (MARQUES, 2012, p. 130).

O Plano Diretor de 1959 surge justamente como uma reação ao processo de verticalização da cidade da década de 1950, considerado "excessivo" e identificado com densificação e superexploração do solo. O objetivo era conceitual, vinculado à implantação de uma nova espacialidade e à difusão de novos padrões de habitabilidade e conforto, defendidos pelo movimento moderno, mas também ideológico, e pode ser considerado o ponto final de um esforço teórico e profissional de uma equipe sempre liderada pelo engenheiro Edvaldo Paiva durante quase 30 anos, mantendo coerência e notável coesão interna (ABREU FILHO, 2006).

A equipe coordenada por Edvaldo Paiva contava com os arquitetos Carlos Maximiliano Fayet, Moacyr Moojen Marques e Roberto Félix Veronese, um dos parceiros de Bered nos anos 1950⁷. Um primeiro Anteprojeto do Plano Diretor foi definido ainda em 1954, consolidando as propostas da equipe, que seguiu trabalhando na elaboração do Plano até o final da década, com a promulgação em 1959⁸.

O objetivo básico do plano era conter a crescente verticalização da cidade, especialmente no centro e nas avenidas radiais, procurando equilibrar a relação entre densidade e infraestrutura urbana através de novos instrumentos de controle da intensidade de ocupação do solo. O Plano Diretor se filia à tradição da cidade moderna, baseado nas prescrições de urbanismo da Carta de Atenas e no conceito de unidades de vizinhança. Para Abreu Filho,

"o caráter moderno é dado principalmente na definição dos instrumentos de controle urbanístico presentes no Plano, que vão induzir tipologicamente o edifício prismático sobre pilotis, recuado nas quatro faces, para a maioria dos bairros residenciais" (ABREU FILHO, 2006, p. 328).

A partir de um Zoneamento urbano, o Plano estabelece um controle de edificabilidade dos terrenos através do índice de aproveitamento e de

7 Desde 1954, a equipe vinha trabalhando sucessivas propostas baseadas em estudos anteriores, principalmente no Anteprojeto de Planificação Urbana de Porto Alegre, de acordo com os princípios preconizados pela Carta de Atenas, de Edvaldo Paiva e Demétrio Ribeiro, apresentado em 1951, e apoiados nas pesquisas do Expediente Urbano, organizado pelo próprio Paiva e publicado em 1942.

8 O Plano Diretor foi aprovado através da Lei 2.046/59, e passou a ser complementado e ajustado pelos técnicos municipais, na condição de aprovado preliminarmente in totum pela Câmara e em primeira instância

uma taxa de ocupação, e passa a regular a altura dos prédios por pavimentos, com recuos frontais e laterais proporcionais.

Os índices estabelecidos pelo Plano reduziram o aproveitamento dos terrenos à metade do que era praticado nos anos 1950 no Centro, e a um quarto ou um quinto nas avenidas e bairros principais. O mesmo ocorreu com as alturas. A questão da redução de construtibilidade só seria percebida em toda sua extensão pelos agentes do mercado imobiliário na metade da década de 1960, ainda que mascarada por uma persistente crise do setor, causada pela inflação e falta de financiamento, com a paralisação de uma série de empreendimentos. Ao final da década de 1960, os efeitos da aplicação das normativas do Plano Diretor estavam visíveis por toda a cidade, com a contenção do processo de verticalização no centro e nas avenidas, e a expansão do novo padrão tipológico de blocos isolados pelos bairros.

A aplicação dos dispositivos de controle previstos no Plano estabelece um "envelope construtivo" para os terrenos, e a correlação entre eles faz com que este envelope seja muito ajustado, ou restrito. A maior parte da produção residencial, lutando contra este "envelope ajustado" do regime urbanístico, com poucas referências formais, e enfrentando os terrenos restritos do parcelamento existente nos bairros tradicionais, resultou numa coleção de pequenos prismas retangulares, afastados uns dos outros cerca de seis metros, com pequenas variações no recuo frontal, no volume e na altura.

Sobre a legislação urbanística, Almeida concorda que "a partir de 1960 a cidade cresceu sob a orientação de modelos tipológicos onde predominou a inserção isolada do edifício no lote", e reconhece suas consequências espaciais. A aplicação dos dispositivos de controle, associados aos onipresentes "recuos para jardim", imprimiu uma verdadeira marca na paisagem urbana, que predominou por quase quarenta anos: prismas soltos nos terrenos, sobre pilotis, com forte presença dos jardins frontais. O resultado foi descontinuidade de alinhamentos e gabaritos, a ruptura da continuidade da rua, em termos visuais e morfológicos, e uma indefinição perceptiva e conceitual dos limites entre os âmbitos público e privado (ALMEIDA, 2010. p. 255-256).

No Centro o Plano manteve a construção nas divisas, mas nas outras áreas habitacionais da cidade até a 3ª Perimetral, limite do Plano na década de 60, incidia o zoneamento de alturas ZR5. Nelas, a normativa determinava os afastamentos laterais e de fundos desde o nível do solo ao teto do último pavimento. O afastamento de frente se somava ao recuo para jardim de quatro metros. Bairros tradicionais como Moinhos de Vento e Menino Deus, áreas residenciais mais novas, como Petrópolis, e os bairros de classe média e alta da direção norte e nordeste (Auxiliadora, Mont'Serrat e Higienópolis) foram sendo ocupados com este padrão tipológico, formado por pequenas edificações isoladas nos lotes, com afastamentos proporcionais à altura.

Como o padrão de parcelamento predominante nesses bairros era de lotes com testada entre 10 e

15 metros (com proporção 1:3 ou mais profundos), os dispositivos de altura, combinados com o aproveitamento e ocupação, definiam pequenos envelopes prismáticos com frentes ao redor de 6 a 7 metros, afastados entre si na mesma proporção. Os terrenos maiores permitiam maiores alturas, com maiores afastamentos, mas não eram muitos, e eram disputados por construtores e incorporadores. O terreno do Edifício Christoffel era um deles, em termos de tamanho e localização, permitindo a Emil Bered um projeto exemplar e a edificação do primeiro empreendimento de porte atendendo as novas diretrizes estabelecidas pelo Plano na área do bairro Moinhos de Vento.

Em 1964, ao completar dez anos do início da elaboração do Plano Diretor, a Prefeitura fez editar um volume contendo o conjunto de leis, seus instrumentos e dispositivos. Constavam do volume, além da íntegra da Lei nº 2.330, uma série de leis complementares e o Decreto nº 2.872, que acrescia os limites da área descrita no artigo 20 da Lei nº 2.330, estabelecendo o que se convencionou denominar "Extensão A do Plano Diretor". Durante a década de 1960, novas áreas foram sendo incorporadas ao plano, sempre definidas como Extensões do Plano Diretor, à medida que avançavam em direção à periferia urbana.

Componente do Porto Alegre. Plano Diretor – 1959-1964 está a Lei do Plano Diretor (Lei nº 2.330/61), onde apresenta diversos itens, entre eles os seguintes: zoneamentos de usos, zoneamentos de índices de aproveitamento, zoneamento de percentagens de ocupação e zoneamentos de alturas, sendo este

o mais extenso e detalhado, com 15 artigos, onde se previa várias possibilidades de volumetrias e, considerando a variação da largura das ruas, recuos laterais e frontais, relação com construções vizinhas, posição do lote no quarteirão e o incentivo ao uso do térreo em pilotis (ABREU FILHO, 2006 p. 220).

Os edifícios Christoffel (1962), Parque Novo (1964) e Sinuelo (1967) são projetados no período de consolidação do Plano Diretor de 1959-61.

O Edifício Christoffel foi um dos primeiros empreendimentos residenciais regulado pelas diretrizes urbanísticas de inspiração moderna introduzidas pelo Plano Diretor de 1959, esboçando de modo pioneiro a solução do edifício isento das divisas, plenamente isolado no lote. O terreno amplo de frente oeste, levemente elevado em relação ao passeio, está localizado em uma exclusiva travessa em "cul-de-sac" junto à Praça Júlio de Castilhos, em situação análoga à do Edifício Linck de dez anos antes.

Também em 1962 Bered projetou o Edifício Faial, situado junto à Praça da Matriz, que ocupa um terreno de esquina integralmente, embora no pavimento térreo haja uma galeria sob pilotis para atender solicitação da nova legislação.

O Edifício Parque Novo, de 1964, é um edifício pequeno, descolado das divisas, com apenas três pavimentos e quatro apartamentos, junto ao Parque Moinhos de Vento. O projeto foi desenvolvido para atender uma demanda familiar, visto que abriga o apartamento do próprio arquiteto e demais familiares.

Em 1967 e 1973, Bered projetou, respectivamente, o Edifício Sinuelo e o Edifício Condado de Luzerne, seguindo na volumetria do pavimento tipo as mesmas características dos demais, a torre solta no lote tradicional, atendendo à nova legislação e configurando uma nova cidade, com edifícios com as quatro fachadas à vista e espaços livres entre os volumes. Entretanto, no Sinuelo Bered ocupa todo o fundo do lote com um bloco de garagem separado do volume do edifício e no Condado de Luzerne o partido dispõe de lojas no Térreo até a divisa esquerda.

Estudios de Caso

Estudios de Caso

Ed. Christoffel



Figura 49 - Edifício Christoffel. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Christoffel

Endereço: Vila Jardim Christoffel, 67 - Bairro Independência

Projeto: 1962 (Construtora), 1967 (Prefeitura)

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered

Proprietário: Gilberto Sclovcky, Mosmamm Ltda e outros

Construtora: Martins Gueller Fantoni

Área do Terreno: 1.153,75 m² (30,5 x 57,50m) Lote em meação (final de "cul de sac").

Edifício com subsolo, térreo, 9 pavimentos tipo. Área do pavimento tipo 593,37 m²

Dois apartamentos por pavimento, todos de frente

Área dos apartamentos: 265 m²

Área Total de construção: 6.526,74 m²



Figura 50 - Edifício Christoffel, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.

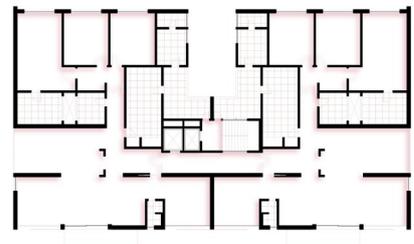


Figura 51 - Edifício Christoffel, pavimento tipo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

O Edifício Christoffel⁹ foi um dos primeiros empreendimentos residenciais regulado pelas diretrizes urbanísticas de inspiração moderna introduzidas pelo Plano Diretor de 1959, esboçando de modo pioneiro a solução do edifício isento das divisas, plenamente isolado no lote. O terreno amplo de frente oeste, levemente elevado em relação ao passeio, está localizado em uma exclusiva travessa em "cul-de-sac" junto à Praça Júlio de Castilhos, em situação análoga à do Edifício Linck de dez anos antes. Atendendo circunstâncias de contexto, nova legislação e encargo para clientela de alto padrão econômico, Bered lança um partido em volumetria prismática com 9 pavimentos sobre pilotis, com dois generosos apartamentos de 250m² por pavimento, todos de frente.

O esquema distributivo zoneia as áreas sociais dos apartamentos para a frente oeste, aproveitando a vista, e o setor íntimo para os fundos, beneficiando-se da orientação nascente. A solução de planta rompe com a ideia do volume puro com uma reentrância na face posterior que aumenta o perímetro e viabiliza a iluminação e ventilação das zonas de serviço no centro, dividindo o volume em dois blocos, quando visto de trás. Para Luccas, a reentrância resulta da persistência das pressões contingentes do terreno

O texto referente ao Edifício Christoffel foi publicado parcialmente nos artigos: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação; EMIL BERED E A HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 4º Simpósio Científico ICOMOS Brasil; EMIL BERED: DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 13º Seminário Docomomo Brasil; EMIL BERED: HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 21º Congresso brasileiro de arquitetos; EMIL BERED, ARQUITETO: PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 6º Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação e TRANSPARÊNCIA E PERMEABILIDADE NA ARQUITETURA MODERNA GAÚCHA: A REFORMA DA FACHADA DO EDIFÍCIO CHRISTOFFEL, no VI Seminário Docomomo Sul.

sobre o edifício: "no equacionamento do arranjo, não houve liberdade para uma solução ideal, restando acomodar o volume recortado às proporções do lote". Estratégia de compromisso face às novas diretrizes de legislação com obrigação de afastamentos em todas as faces, baixa altura, limite de ocupação e aproveitamento, que conformam o prisma resultante. Ele salienta que "em outros casos do período o fato torna-se mais evidente, resultando em formas do terreno impressas no volume do edifício, produzindo um tecido ambíguo, apresentando prédios simultaneamente isentos e contingentes à geometria dos lotes" (LUCCAS, 2004, p.220-221).

Os apartamentos apresentam setorização precisa e elegante, utilizando transparências e painéis vazados para integrar ou dividir os generosos espaços sociais, compostos de vestibulo, salas de estar e jantar, gabinete e um jardim de inverno, ou sala íntima. Para proteger as áreas envidraçadas da fachada principal do poente, foram utilizadas sacadas e painéis de elementos vazados (cobogós) de louça na cor azul "que se apresentam como belos 'tecidos' estendidos fornecendo proteção necessária à insolação vespertina" (XAVIER; MIZOGUCHI, 1987, p. 60-61). As sacadas se projetam em balanço com um perfil em "L" cujas laterais envidraçadas acentuam a leitura da forma aplicada, e os planos em cobogós destacam-se sobre a fachada, encobrendo parcialmente as esquadrias de gabinetes e salas de estar, e se contrapõem aos planos cegos revestidos em pastilhas na cor creme. Reforma recente de 2018 eliminou os cobogós, com perda na porosidade e em riqueza de planos na composição da fachada.



Figura 52 - Edifício Christoffel, detalhe persianas.
Fonte: BERED, 2004.



Figura 53 - Edifício Christoffel. Fonte: VIEIRA, 2021.



Figura 54 - Edifício Christoffel. Fonte: FAGUNDES, 2019.

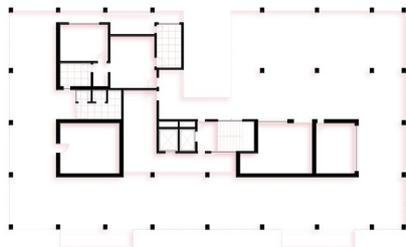


Figura 55 - Edifício Christoffel, pavimento térreo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

O prisma foi definido por grandes planos descontínuos com os pavimentos seccionados pelas faixas das lajes de entrepiso, em marcação horizontal. Luccas destaca que “o conceito de composição aplicado sofria esta mudança sutil, com os volumes constituídos a partir da sobreposição de superfícies segmentadas” (LUCCAS, 2004, p. 220). As aberturas horizontais da arquitetura moderna brasileira dos anos 50 foram preteridas por sequências de esquadrias verticais próximas e janelas quadradas de banheiro perfurando os panos cegos, que passam a se incorporar a um repertório renovado.

O pavimento térreo em pilotis frontal é predominantemente livre, abrigando halls de circulação, dependências de zelador e equipamentos, playground e jardins, e um pequeno muro de pedra delimita o alinhamento, sugerindo um pequeno pódio para o assentamento do edifício. No subsolo com acesso à direita, localiza-se a garagem, com duas vagas e um depósito por apartamento. O projeto recebeu a medalha de bronze no II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul em 1962, reconhecendo e premiando o talento de Bered em lidar com as novas condições de legislação e mercado do período.

Estudos de Caso

Ed. Novo Parque



Figura 56 - Edifício Novo Parque. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Novo Parque

Endereço: Rua Comendador Caminha, nº 180, Moinhos de Vento

Projeto: 1964(Construtora), 1966 (Prefeitura), 1969(Carta de habitação)

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered

Proprietário: Paulo Figueiredo, Bady Bered e Emil Bered.

Construtora: Engenheiro Rolf Young

Área do Terreno: 525,00m² (21 x 25m) Lote em meio de quadra.

Edifício com térreo e 3 pavimentos tipo. Área do pavimento tipo: 187,62m²

Um apartamento térreo (fundos) e um apartamento por pavimento, frente

Área dos apartamentos: 171,20m²

Área Total de construção: 626,86 m²



Figura 57 - Edifício Novo Parque, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.

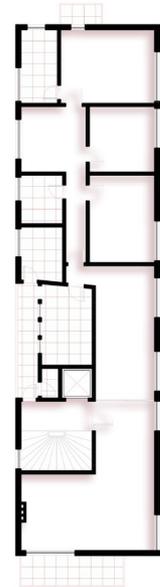


Figura 58 - Edifício Novo Parque, pavimento tipo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

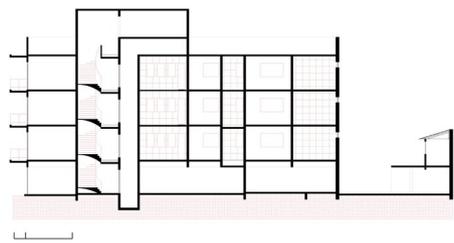


Figura 59 - Edifício Novo Parque, corte. Fonte: FAGUNDES, 2021.

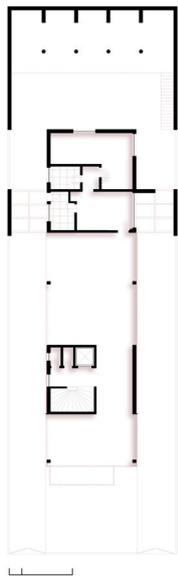


Figura 60 - Edifício Novo Parque, pavimento térreo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

O Edifício Novo Parque¹⁰ foi projetado por Emil Achutti Bered para atender uma demanda familiar. O edifício projetado para a própria família Bered em um terreno com o Parque Moinhos de Vento à frente, que nos anos de 1960 era um parque novo na cidade.

O edifício desprende-se das divisas, configurando um volume prismático, isolado no lote, sobre pilotis e um térreo semi-ocupado pelo hall de acesso e um pequeno apartamento, configuram-se 3 pavimentos e compreende mais 3 unidades habitacionais de 170 m², um por pavimento.

A composição formal utiliza a mesma marcação horizontal das lajes de entrepiso presente no Edifício Christoffel, entretanto os balcões são visualmente mais leves, com peitoris de vidro sobre um simples balanço de laje.

Todos os apartamentos desfrutam da vista para o parque a partir da área social, voltada para leste. O acesso ao apartamento é por meio de uma área generosa denominada de vestibulo, fazendo uma referência aos vestibulos dos antigos casarões da avenida Independência, que setoriza a zona pública e a zona íntima do apartamento, constituída de 3 dormitórios, sendo um deles suíte com balcão, além de uma estar/jantar íntimo e as zonas de serviços com acesso independente (LIMA, 2005, p. 282).

¹⁰ O texto referente ao Edifício Novo Parque foi publicado parcialmente nos artigos: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação e DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 13º Seminário Docomomo Brasil.



Figura 63 - Edifício Novo Parque. Fonte: VIEIRA, 2021.

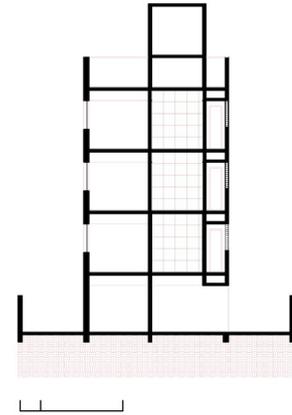


Figura 61 - Edifício Novo Parque, corte.
Fonte: FAGUNDES, 2021.

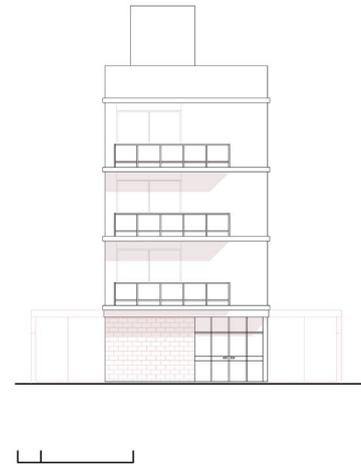


Figura 62 - Edifício Novo Parque, fachada.
Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 64 - Edifício Novo Parque, sala de estar. Fonte: FAGUNDES, 2021.

Estudios de Caso

Ed. Sinuelo



Figura 65 - Edifício Sinuelo. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Sinuelo

Endereço: Rua 24 de Outubro, 70 Moinhos de Vento
Projeto: 1967 (Construtora), 1967 (Prefeitura), 1971 (Carta de habitação)
Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered. Construtora: Nicolau Waquil e Telmo Bins
Proprietário: Incorporação
Área do Terreno: 929,50m² (17,60 x 55m) Lote em meio de quadra.
Edifício com térreo e 7 pavimentos tipo. Área do pavimento tipo: 237,35 m²
Um apartamento por pavimento, todos de frente
Área dos apartamentos: 201m²
Área Total de construção: 2.180,80 m²

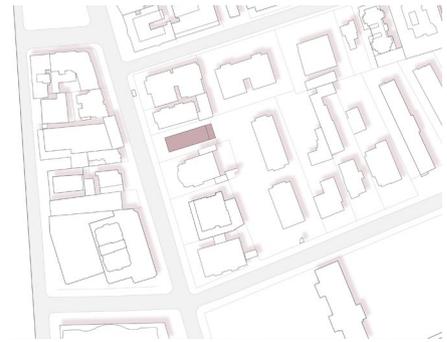


Figura 66 - Edifício Sinuelo, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 67 - Edifício Sinuelo, pavimento tipo. Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 68 - Edifício Sinuelo. Fonte: FAGUNDES, 2019.



Figura 69 - Edifício Sinuelo, pavimento térreo
Fonte: FAGUNDES, 2021.

O Edifício Sinuelo¹¹ situa-se na Rua 24 de Outubro, na mesma quadra do Edifício Christoffel, seu vizinho de fundos, com projeto elaborado por Emil Bered e execução pelo engenheiro civil Nicolau Waquil no ano de 1967. Num período em que as diretrizes do Plano Diretor já tinham sido plenamente incorporadas, o edifício desenvolve-se afastado das divisas em um terreno de frente sudeste, levemente elevado em relação ao passeio da Rua 24 de Outubro. Ocupa uma localização de prestígio, ao lado do Edifício Querência, um dos ícones da arquitetura residencial do bairro Moinhos de Vento.

O volume prismático configurado pela forma e proporção 1x3 do lote abriga 7 pavimentos, com um grande apartamento de cerca de 220 m² cada, sobre o pavimento térreo com pilotis, apartamento de zelador, serviços e hall de acesso com circulações verticais. Os recuos laterais do terreno configuram com duas pequenas rampas os acessos aos estacionamentos em bloco isolado de garagem aos fundos, como no Edifício Rio Grande do Sul. A localização do núcleo de circulação vertical na lateral oeste do edifício, em função da largura do bloco edificado resultante dos recuos laterais obrigatórios, organiza o esquema distributivo e o zoneamento funcional. A frente do edifício é ocupada pela área social, dotada de ampla sala de estar com 40 m² em toda a extensão da fachada (também como no Rio Grande do Sul), com uma solitária coluna isenta indicando setorização de

11 O texto referente ao Edifício Sinuelo foi publicado parcialmente nos artigos: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED, no 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação e EMIL BERED: DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA PORTO-ALEGRENSE, no 13º Seminário Docomomo Brasil.

uso e independência estrutural. Os três dormitórios e dois banheiros são voltados para a face lateral leste e para os fundos, onde um balcão a norte serve dois dormitórios, entre os quais o principal. As dependências de serviço e circulações estão na lateral oeste. O acesso ao apartamento ocorre pelo vestíbulo, localizado próximo à sala de jantar e sala de estar, e o espaço destinado à copa/estar íntimo determina os limites da setorização dos ambientes íntimo, social e de serviço, mais ou menos ao centro do apartamento.

A composição da fachada principal utiliza faixas horizontais em toda a extensão, configurada pela esquadria contínua da sala e pela faixa de peitoris de alvenaria revestida de pastilhas vitrificadas em mescla azul. Essas faixas são apoiadas lateralmente em panos verticais de alvenaria revestidos de pastilhas vitrificadas na cor branca, como grandes painéis estruturais de apoio de tradição brutalista. As laterais do prédio recebem faixas similares, porém encaixadas no volume, de janelas contínuas e peitoris azuis, unificando esquadrias de serviço a oeste e esquadrias das salas de jantar e copa a leste. As fachadas laterais e fundos são finalizados com um volume opaco de alvenaria perfurado por janelas discretas de dormitórios com persianas ejetáveis e banheiros, e pelo balcão profundo frente a um dos dormitórios a fundos.

No térreo, um muro de arrimo no alinhamento configura o limite do jardim frontal elevado, proporcionando um pódio para o assentamento do prédio e conferindo



Figura 70 - Edifício Sinuelo. Fonte: VIEIRA, 2021.

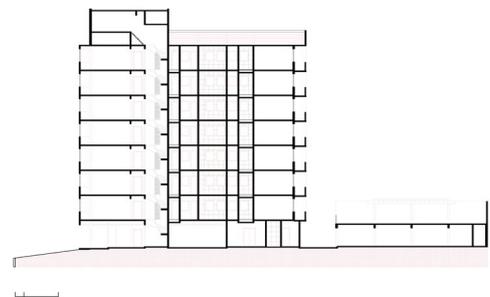


Figura 71 - Edifício Sinuelo, corte. Fonte: FAGUNDES, 2021.

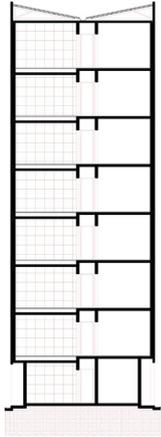


Figura 72 - Edifício Sinuelo, corte. Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 73 - Edifício Sinuelo, fachada. Fonte: FAGUNDES, 2021.

privacidade ao pilotis. Todo o tratamento formal do volume e das fachadas do edifício são bastante simplificados em relação ao observado no vizinho Edifício Christoffel, e essa simplificação não está alheia à penetração da arquitetura brutalista de matriz paulista ao longo da década, substituindo a matriz da arquitetura moderna brasileira da escola carioca do período anterior.

Estudios de Caso

Ed. Condado de Luzerne

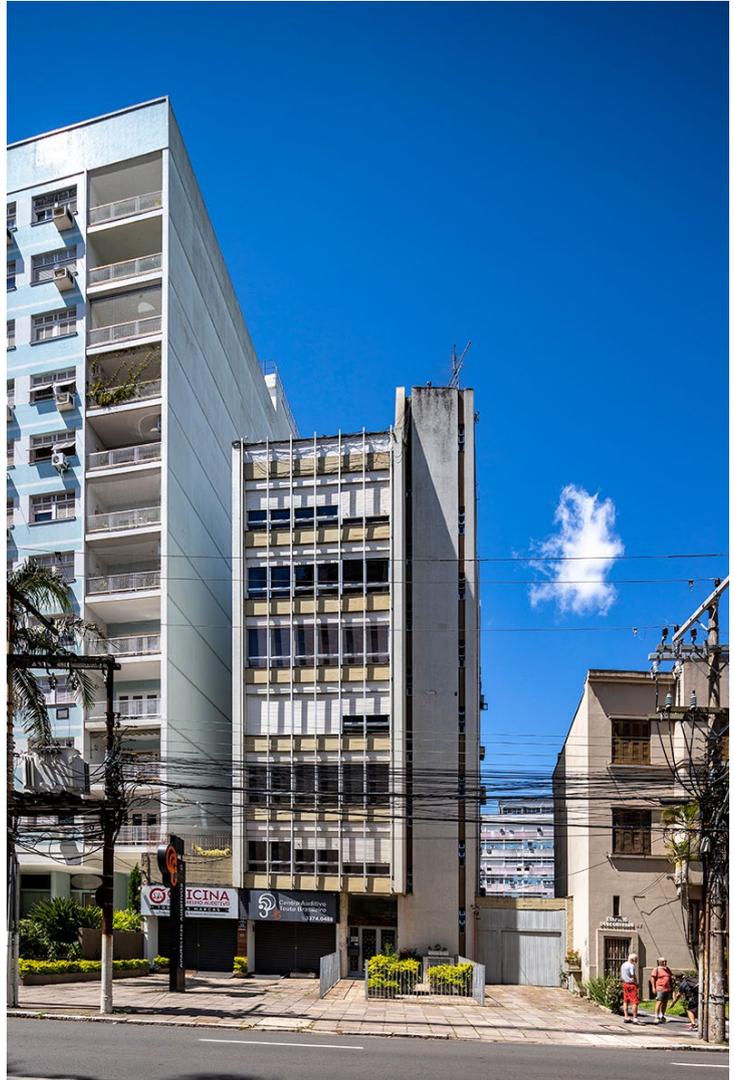


Figura 74 - Edifício Condado de Luzerne. Fonte: VIEIRA, 2021.

Edifício Condado de Luzerne

Endereço: Rua 24 de Outubro, 75 – Moinhos de Vento

Projeto: 1973 (Construtora), 1974 (Carta de habitação)

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered

Proprietário Teruskin Empreendimentos Imobiliários

Construtora: Martins Gueller Fantoni

Área do Terreno: 444,38m² (17,45 x 26,14m) Lote em meio de quadra.

Edifício com subsolo, térreo e 6 pavimentos tipo. Área do pavimento tipo: 137,20 m²

Um apartamento por pavimento, todos de frente

Área dos apartamentos: 127m²

Área Total de construção: 1.512,41 m²

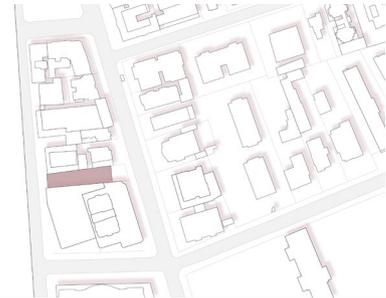


Figura 75 - Edifício Condado de Luzerne, implantação. Fonte: FAGUNDES, 2021.

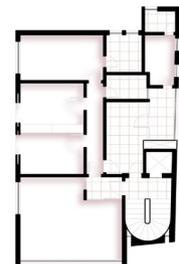


Figura 76 - Edifício Condado de Luzerne, pavimento tipo. Fonte: FAGUNDES, 2021.

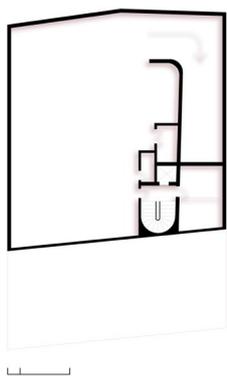


Figura 77 - Edifício Condado de Luzerne, pavimento subsolo.
Fonte: FAGUNDES, 2021.

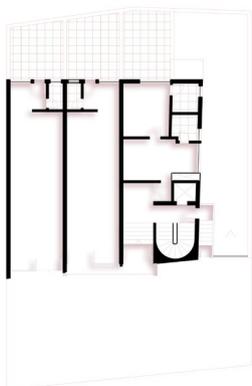


Figura 78- Edifício Condado de Luzerne, pavimento térreo.
Fonte: FAGUNDES, 2021.

O edifício Condado de Luzerne¹² está localizado no início da Rua 24 de outubro, próximo a tradicional Praça Júlio de Castilhos. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Emil Achutti Bered, com execução do engenheiro civil Fernando Craidy para atender a encomenda de Teruskin Empreendimentos Imobiliários. A data do projeto é do ano de 1973, num período em que o Plano Diretor de 1959/64 já estava plenamente consolidado. O edifício desenvolve-se afastado das divisas em um terreno com frente norte. Ocupa uma localização de prestígio, em frente do Edifício Querência, um dos ícones da arquitetura residencial do bairro Moinhos de Vento e do Edifício Sinuelo, também de autoria do arquiteto.

O edifício se constitui de dois volumes prismáticos que abrigam 7 pavimentos com um apartamento de cerca de 140 m² cada, sobre o pavimento térreo com lojas comerciais, apartamento de zelador e hall de acesso com circulações verticais. Há ainda um pavimento de subsolo para garagem e algumas dependências de serviço, acessado por um recuo lateral do terreno que configura o acesso ao estacionamento, com rampa. No térreo metade do edifício é ocupado pelas duas lojas e a outra metade situa-se o hall de acesso e o acesso ao subsolo.

A área social, dotada de ampla sala de estar com 30 m² em dois terços da fachada, com os dormitórios para a face lateral leste e fundos, onde o dormitório principal

¹² O texto que se refere ao Edifício Condado de Luzerne foi publicado parcialmente no artigo: EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED. 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação.

é dotado de banheiro privativo, e as dependências de serviço e circulações na lateral oeste. O acesso ao apartamento ocorre pelo vestibulo, localizado junto à sala de jantar e sala de estar. O espaço destinado à cozinha determina os limites da setorização dos ambientes íntimo, social e de serviço, mais ou menos ao centro do apartamento. A unidade do segundo pavimento dispõe de um terraço individual, resultante do recuo lateral acima da loja térrea e os dormitórios desfrutam desse benefício.

A composição da fachada principal organiza-se verticalmente em toda a extensão da sala, por meio da faixa da esquadria contínua. Essa esquadria foi desenvolvida pelo arquiteto para solucionar a insolação norte da fachada e dispõe de persianas. Ainda há um bloco, predominantemente opaco, que abriga a circulação vertical, um pouco mais alto que o bloco de vidro e esquadrias.

As laterais do prédio recebem faixas similares de janelas contínuas, porém encaixadas em molduras verticais, finalizando o pano de fachada lateral.

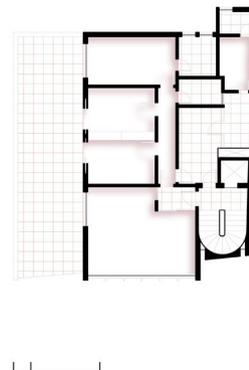


Figura 79- Edifício Condado de Luzerne, 2º pavimento. Fonte: FAGUNDES, 2021.



Figura 80- Edifício Condado de Luzerne, corte e fachada. Fonte: FAGUNDES, 2021.

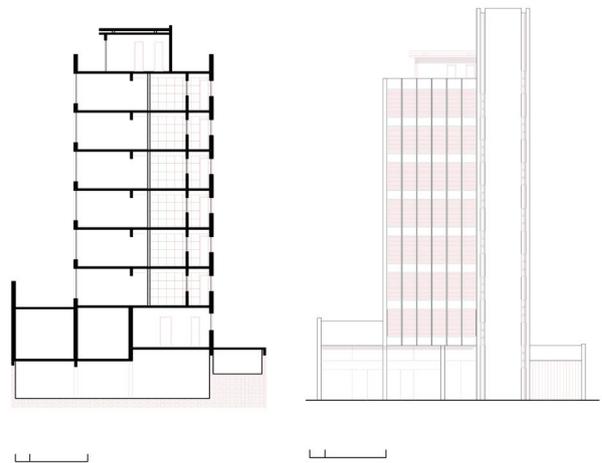


Figura 81- Edifício Condado de Luzerne, corte e fachada. Fonte: FAGUNDES, 2021.

Capítulo 4

Síntese Analítica

O recorte escolhido na obra de Emil Bered permitiu empreender a identificação, documentação e análise do processo de geração dos projetos e suas respectivas estratégias de situação e implantação, as alturas (número de pavimentos), a morfologia, o programa e os elementos de composição e de arquitetura utilizados, e de acordo com as circunstâncias de contexto, legislação e encargo.

Com relação às estratégias de contexto físico, na implantação e situação, os exemplos apresentados permitem algumas análises.

No primeiro período, as situações de esquina são privilegiadas no modelo de implantação tradicional pela vantagem de maior perímetro de frente para orientação das peças principais, com tendência a partidos em L ou adaptados. No edifício de esquina da amostra, o Edifício Nogarô, o partido tem forma de um C adaptado. Nos dois terrenos de meio de quadra selecionados, os partidos assumiam configurações predominantes em "H", com pequenas variações. Os edifícios Linck e Nilza Esther adotam o partido clássico em H, o primeiro assimétrico com dois apartamentos por pavimento e um por ala, e o segundo simétrico com quatro apartamentos por pavimento e dois por ala (no projeto original). O Edifício Rio Grande do Sul, pelo excepcional terreno e situação de frente ao futuro parque, adota um inédito partido em cruz grega adaptada. As regras do jogo, com a obediência ao gabarito e ao alinhamento (ou ao recuo de jardim), e o uso dos balanços definidos na lei, estão presentes em todos os exemplos dessa fase.

Segundo Ströher, em determinado momento da década de 1950, houve uma uniformização das soluções arquitetônicas:

... os edifícios exibiam linhas horizontais que forçavam a continuidade dos peitoris e o uso de pastilhas e de painéis de mosaico que imprimiam obras de arte em vestibulos e fachadas. Edifícios sobre pilotis eram impostos a proprietários relutantes, posto que representavam aumento do índice construtivo." (STRÖHER, 2003)

Em relação ao programa no primeiro período percebe-se a predominância de 3 dormitórios, a exceção é por conta do Edifício Nogarô, de menor porte e mais afastado da rua 24 de Outubro, que dispõe de apartamentos com um e dois dormitórios. Os edifícios Rio Grande do Sul e Nilza Esther apresentam suite, contudo, os edifícios Linck e Nilza Esther apresentam closet. Os três edifícios em altura possuem dependência de serviço completa com dormitório de empregada, com acessos e circulações independentes. Todos três também dispõe de copa, além da sala de jantar e hall privativo no acesso social. Os edifícios Rio Grande do Sul e Linck tem gabinete, ambos de fácil acesso pelo hall principal. O Edifício Rio Grande do Sul é o único da amostra que possui lavabo.

No segundo período, os instrumentos de controle urbanísticos do Plano Diretor reduzem as opções quanto ao contexto físico, no que se refere a implantação, levando a partidos em blocos isolados de planta retangular, independentemente da situação.

Bered explorou outras estratégias em edifícios do Centro da cidade, onde a legislação mantém a ocupação nas divisas e no alinhamento (ainda que com menor aproveitamento e altura em relação ao período anterior), entretanto não fazem parte da amostra selecionada.

Em relação a questões de implantação os edifícios de meio de quadra apresentam partidos em bloco isolado de planta retangular regular nos edifícios Novo Parque e Sinuelo, planta retangular com uma reentrância a fundos no Edifício Christoffel, e retangular em duas alas longitudinais defasadas no Edifício Condado de Luzerne.

Alguns edifícios conseguem reunir em si e transmitir de modo exemplar as transformações ocorridas sobre o programa da habitação coletiva no período 1950-1970. Os edifícios Linck e Christoffel são particularmente felizes como escolha, pelo fato de demonstrarem de forma coerente e com suas características e padrões específicos, a abordagem do arquiteto em duas situações de implantação distintas: o primeiro comprometido com a inserção em um tecido urbano tradicional, do quarteirão de ocupação periférica com edificações contínuas em altura nas divisas, e o segundo respondendo de modo pioneiro à solução de edifício prismático "moderno" isento das divisas conforme os instrumentos de controle urbanístico do Plano Diretor de 1959-1961, então recém-implantado. Chama a atenção a considerável diferença de aproveitamento construtivo nos dois empreendimentos, consequência da aplicação dos novos instrumentos de controle urbanístico adotados

pelo Plano Diretor a partir de 1960. O Edifício Linck, sem limite de edificação além daquele estabelecido pelo gabarito de altura decorrente da largura da via e das condições econômicas e materiais do encargo, apresenta um índice de aproveitamento próximo de 10, quase três vezes o do Edifício Christoffel, sujeito às novas regras. A altura é similar, mas o primeiro é implantado nas divisas, obedecendo apenas ao recuo de jardim de quatro metros, enquanto o segundo apresenta recuos laterais e fundos equivalentes a $1/3$ da altura, que se soma ao recuo de ajardinamento frontal de 4 metros, demonstrando a habilidade do arquiteto em lidar com a nova situação da composição volumétrica, dotada das quatro fachadas.

O Edifício Linck apresenta planta canônica de meio de quadra em H, com duas barras de apartamentos a frente e fundos unidas de forma assimétrica pela circulação vertical/horizontal que incorpora alguns compartimentos de serviço. O Edifício Christoffel apresenta um volume prismático regular isento quando visto de frente e laterais, mas a solução de planta rompe com a ideia do volume puro com uma reentrância a fundos que responde a contingências de programa.

Os dois edifícios apresentam pavimento térreo com pilotis, denunciando a mesma extração moderna do autor, mas o Edifício Linck aproveita o desnível do terreno para acrescentar um apartamento extra a fundos, constituindo um semi-pilotis, enquanto o Edifício Christoffel apresenta apenas áreas comuns, limitadas a 50% da área do pavimento conforme o regime de alturas da nova legislação. Nas avenidas,

o pilotis se transforma em arcada com uso comercial nos edifícios Rio Grande do Sul e Nilza Esther, ambos na Rua 24 de Outubro.

O Edifício Sinuelo usa o pilotis da mesma forma que o Edifício Christoffel, mas acomoda um bloco térreo de estacionamentos ao fundo, e o Edifício Novo Parque um apartamento especial. O Edifício Condado de Luzerne, em frente ao Edifício Sinuelo na Rua 24 de Outubro, apresenta uso comercial no térreo para acompanhar a vizinhança.

Em relação ao programa todos os edifícios possuem suíte, exceto o Edifício Sinuelo. Também todos os edifícios possuem gabinete e dependência completa de serviço com dormitório de empregada, com acessos e circulações independentes. O Edifício Christoffel dispõe de um jardim de inverno e o Edifício Sinuelo dispõe de uma despensa. Todos os edifícios apresentam sala de jantar, hall de acesso e copa, exceto o Edifício Condado de Luzerne que apresenta somente a sala de jantar.

Quanto a composição, os elementos de arquitetura no pilotis diferem nos dois períodos. No primeiro, o semi-pilotis frontal é constituído de colunas de seção circular no Edifício Linck, ou de bordas arredondadas nos edifícios Rio Grande do Sul e Nilza Esther, de acordo com o repertório de elementos de arquitetura utilizado pela arquitetura moderna brasileira da "escola carioca", hegemônica nos anos 1950. O segundo período apresenta sempre pilares de seção retangular, denotando as mudanças ocorridas nos paradigmas arquitetônicos na passagem dos

anos 1950 aos 1960, especialmente o brutalismo, absorvidas pelo arquiteto.

A composição formal se encontra em geral regulada por grelhas de fachada no primeiro período, com forte tendência à horizontalidade, e pela visibilidade lateral no segundo período, o que leva a outras estratégias compositivas e ao uso de novos elementos de arquitetura, como janelas verticais seriadas e montantes verticais aplicados, com o progressivo abandono da grelha. No Edifício Linck, a horizontalidade da composição faz uso de balcões e faixas de janelas horizontais, gerando profundidade à fachada, enquanto no Edifício Rio Grande do Sul é o ritmo horizontal marcado das floreiras em balanço que predomina. As grelhas foram elaboradas em composição mais simplificadas no Edifício Nilza Esther.

No segundo período, a composição usa panos opacos de fachada perfurados por aberturas combinados com sequências de faixas horizontais intercaladas de peitoris, vigas, vergas e aberturas. No Edifício Christoffel o uso de sacadas em balanço e panos de elementos vazados à frente de aberturas verticais traz porosidade e permeabilidade a uma fachada de panos discretos encaixados entre as faixas horizontais que marcam os pavimentos. Nos demais edifícios, a composição simplifica-se, intercalando a faixas horizontais simples no Edifício Novo Parque; faixas horizontais simples de peitoris e esquadrias, no Edifício Sinuelo, e faixas horizontais dissimuladas com montantes metálicos aplicados, no Edifício Condado de Luzerne. Em todos os casos, aparecem trechos de

panos opacos perfurados com esquadrias. Os panos de cobogós ou elementos vazados são comuns nos dois períodos, como os cobogós em cerâmica vitrificada do Edifício Christoffel.

	Identificação		Contexto Físico			Tipo/tipologia		Composição	
	Edifício	Ano	Situação	Implantação	Pavimentos	Forma	Programa	Elementos de arquitetura e de composição	
1º Período	Linck	1952	Cul-de-sac	Entre divisas	Subsolo + térreo + 9 pavimentos	Forma de H	1 apto térreo (fundos) e 2 aptos/ pav; frente e fundos	3 dorm., closet, gabinete, dep. emp. closet, hall, sala de jantar	volume opaco perfurado por aberturas; pilotis frontais; grelha horizontal; sacadas; painel de pastilhas vitrificadas.
	Nogarô	1957	Esquina	Entre divisas	Térreo + 2 pavimentos	Forma de U	4 aptos/ pav; frente	1 e 2 dorm., despensa,	Faixa de transição na esquina;
	Rio Grande Do Sul	1957	Meio de quadra	Isolada no lote	Térreo + 11 pavimentos	Forma de T	1 apto/pav; frente + 2 lojas no térreo	3 dorm., gabinete, dep. emp. Lavabo, copa, sala de jantar, hall	Módulos estruturais; independência estrutural; painéis transparentes; floreiras; pilotis.
	Nilza Esther (projeto)	1957	Meio de quadra	Entre divisas	Térreo + 10 pavimentos	Forma de H	4 aptos/pav; frente e fundos	3 dorm., suite, dep. emp. Closet, despensa, sala de jantar, copa, hall	Pilotis, galeria (arcada); grelha quadrangular vertical;
2º Período	Christoffel	1962	Cul-de-sac	Isolada no lote	Térreo + 9 pavimentos	Forma de U	2 aptos/pav; frente	3 dorm., suite, gabinete, dep. emp. Copa, sala de jantar, hall	Pilotis; sacadas; painéis de elementos vazados (cobogós);
	Novo Parque	1964	Meio de quadra	Isolada no lote	Térreo + 3 pavimentos	Prisma retangular	1 apto/pav; frente	3 dorm., suite, gabinete, dep. emp. Copa, sala de jantar, hall	Pilotis; marcação horizontal das lajes;
	Sinuelo	1967	Meio de quadra	Isolada no lote	Térreo + 7 pavimentos	Prisma retangular	1 apto/pav; frente	3 dorm., suite, gabinete, dep. emp. Copa, sala de jantar, hall	Faixas horizontais
	Condado de Luzerne	1973	Meio de quadra	Isolada no lote	Subsolo + térreo + 6 pavimentos	Prisma retangular	2 apto/pav; frente + 2 lojas no térreo	3 dorm., suite, gabinete, dep. emp. Copa, sala de jantar, hall	Faixa da esquadria contínua; proteção solar;

Quadro 2- Comparação entre os edifícios da amostra. Fonte: Produzida pela autora, 2021.

Considerações Finais

Descrição do trabalho realizado

A pesquisa realizada compreende os principais edifícios de apartamentos modernos de Emil Bered localizados ao longo do eixo urbano Avenida Independência/24 de Outubro entre as décadas de 1950 e 1980. É um período no qual a cidade de Porto Alegre passou por um processo de metropolização e de desenvolvimento urbano, com intenso ritmo de verticalização e densificação.

Na introdução, além do tema, recortes, justificativas e objetivos, demonstrou-se a estrutura da dissertação, o marco teórico e os métodos de pesquisa e análise foram expostos, e conceitos importantes para a compreensão do tema foram apresentados. Também foi incluído um apanhado do registro do estado da arte, exibindo a revisão bibliográfica acerca do tema em estudo.

O primeiro capítulo trouxe uma breve contextualização do cenário histórico da cidade de Porto Alegre, em relação à formação e crescimento da cidade e suas legislações urbanas. Também se fez necessário um breve panorama da arquitetura moderna no Brasil e em Porto Alegre para apresentar o que se produzia de arquitetura em paralelo à produção de Bered. E, ao final do capítulo, apresenta-se o arquiteto Emil Bered e suas circunstâncias de formação e contexto. Os dois capítulos seguintes abordam a obra do arquiteto Emil Bered nos anos 1940-1950 e 1960-1970, ou seja, o recorte temporal está dividido entre os períodos "antes e depois do Plano Diretor de 1959/61". Os estudos de caso são apresentados de

maneira individual com seus redesenhos e descrição textual, resultando numa espécie de inventário, ou "catalogue raisonné" da amostra escolhida.

No último capítulo apresenta-se uma síntese analítica dos estudos de casos dos dois períodos estudados, apontando um caminho para o entendimento das características da arquitetura moderna gaúcha. A análise destaca o processo de geração de projeto, os elementos de compositivos e de arquitetura utilizados, as circunstâncias de contexto, legislação e encargo, e as relações com o desenvolvimento dos paradigmas disciplinares.

Um paralelo entre os dois períodos analisados e a identidade da Arquitetura Moderna Gaúcha

A arquitetura moderna brasileira teve como vanguarda o Rio de Janeiro, onde foi fundada a primeira Escola de Belas Artes do país e, por consequência, formou os primeiros profissionais de arquitetura. São Paulo, talvez pela proximidade geográfica e por se tornar ao longo do século XX o centro econômico do país, também se destacou com uma produção arquitetônica expressiva e peculiar. Sendo assim, cada qual gerou uma escola, conhecidas respectivamente como carioca e paulista, com características que influenciaram a arquitetura moderna gaúcha e a produção do arquiteto Emil Bered.

A arquitetura moderna chegou em Porto Alegre um pouco atrasada em relação ao centro do país. Na capital gaúcha, a implantação do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes se deu na

segunda metade da década de 40, e a Faculdade de Arquitetura da URGs apenas em 1950. Até esse momento os arquitetos atuantes na cidade vinham de fora do estado e até mesmo de fora do país, ou ainda os projetos eram concebidos pelos engenheiros.

Emil Bered é um dos arquitetos da primeira geração formada localmente, e responsável por uma extensa produção arquitetônica gaúcha. Vencedor de diversos prêmios projetou intensamente em ambos os períodos estudados nessa dissertação.

No primeiro período, correspondente às décadas de 1940/1950, logo após a formatura de Bered, a legislação (Lei de Alinhamentos de 1943) vigente era baseada no alinhamento e no gabarito, com alturas proporcionais à largura da via, que permitiam a introdução de alguns dispositivos morfológicos, como as arcadas ou galerias, no centro. A mesma legislação previa também os pilotis alto nos térreos dos edifícios nas principais avenidas e radiais.

Outra importante característica oriunda de um dispositivo legal (Lei nº 986, de 1952) é a forma determinante da volumetria. A legislação tornou-se responsável pela definição da forma externa dos edifícios. Os edifícios do primeiro período, são predominantemente com formas de H, U, L e C em virtude da necessidade de ventilação e insolação nos ambientes, com ocupação nos limites laterais do lote, formando empenas cegas, como que à espera de um edifício vizinho, visando idealmente um quarteirão fechado de ocupação periférica.

A composição volumétrica e os elementos de arquitetura fazem uso de grelhas de fachada com forte tendência à horizontalidade, seguidamente com jogos de profundidade na fachada frontal, em geral a única visível.

No segundo período, o Plano Diretor define uma nova volumetria para as edificações, isoladas no lote tradicional, com planta retangular em todos os casos estudados, o que exige uma composição volumétrica dotada de quatro fachadas visíveis.

Em geral, a composição volumétrica do segundo período se simplifica, com trechos de panos opacos perfurados por esquadrias discretas, uso de aberturas verticais seriadas e de montantes aplicados sobre esquadrias. Em ambos os períodos há a presença de elementos vazados, os cobogós, em geral para esconder áreas de serviço e sanitários, ou unificar panos de fachada com esquadrias distintas.

No primeiro período percebe-se uma relação mais íntima do edifício com a cidade, onde o térreo parcialmente ocupado muitas vezes é um pavimento de integração com o exterior, enquanto no segundo período, paradoxalmente para uma legislação que incentiva e normatiza os pilotis abertos, o pavimento térreo volta-se para si, e há uma definição maior de espaço público e privado. No primeiro período, o semi-pilotis frontal é constituído de colunas de seção circular ou de bordas arredondadas, com maior altura, de acordo com o repertório de elementos de arquitetura utilizados pela arquitetura moderna brasileira da "escola carioca", hegemônica nos anos

50, enquanto o segundo período apresenta sempre pilares de seção retangular.

A distribuição espacial das unidades habitacionais é semelhante em ambos os períodos. Bered demonstra uma preocupação em elaborar circulações independentes para os serviços. Quanto ao programa, percebe-se uma ligeira diferença: no final do primeiro período aparece a suite, quando antes, mesmo em apartamentos muito grandes, havia geralmente apenas um banheiro, além do banheiro de serviço.

Apesar de um certo conservadorismo, a arquitetura moderna gaúcha recebeu influências das escolas carioca e paulista e de referências internacionais do Movimento Moderno. Pode-se dizer que a arquitetura moderna gaúcha é um pouco contida, sem formalismos exagerados, sem o uso gratuito de elementos de arquitetura, expressando uma necessidade autêntica para o uso de pilotis, de linhas horizontais, de protetores solares, bem como a distribuição do programa de forma elegante, precisa e funcional. Dentro desse panorama, a obra de Bered certamente contribuiu para a definição de uma "identidade gaúcha" da arquitetura residencial moderna.

Encaminhamentos para futuros trabalhos

A obra do arquiteto Emil Bered é rica e vasta, tanto em edifícios de apartamentos em outros locais da cidade quanto de outras tipologias, como por exemplo os edifícios institucionais, comerciais e as residências unifamiliares. A presente pesquisa deteve-se a realizar

o registro sistemático da documentação dos projetos e uma análise comparativa de estudos de caso de edifícios de apartamentos anteriores e posteriores ao Plano Diretor de 1959, permitindo situar a produção de Bered no contexto da arquitetura residencial moderna dos dois períodos.

Além de expandir a documentação da obra do arquiteto, o registro contribui pela qualidade e exemplaridade da amostra para o avanço do conhecimento referente ao projeto da habitação coletiva em na arquitetura moderna gaúcha e brasileira no período em estudo. Embora restrito, esse pequeno fragmento da Arquitetura Moderna gaúcha também pode levantar questões relevantes e demonstrar a importância da obra de Bered, abrindo outros aspectos significativos em condições de nortear novas pesquisas. Pesquisas de Edifícios de Apartamentos Modernos em outras radiais ou recortes espaciais, ou ainda outros recortes cronológicos posteriores a 1980 podem suscitar investigações interessantes. Possivelmente outras características derivadas das diferentes normas urbanísticas, circunstâncias de projeto, contexto urbano e paradigmas disciplinares também poderiam ser exploradas. É o caso de características distributivas de planta e distribuição de usos internos, circunstâncias dos encargos e contribuição tecnológica e construtiva, permitindo montar um quadro mais abrangente da produção do arquiteto e suas conexões com a arquitetura moderna brasileira dos anos 1950 a 1980.

É certo que outras pesquisas se fazem necessárias para abranger a obra completa do arquiteto Emil

Bered, digna de registro científico para reflexão e documentação do patrimônio moderno gaúcho.

Referências Bibliográficas

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2006.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. A esquina do moderno. Arquitextos, Porto Alegre, n.5, p.82-97, 204.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte; FAGUNDES, Angela Cristiane; OLIVEIRA, Maitê Trojhan. EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DE EMIL BERED. 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte. FAGUNDES, Angela Cristiane. Emil Bered e a habitação coletiva moderna porto-alegrense. 4º Simpósio Científico ICOMOS Brasil, 2020, Rio de Janeiro. Documentação, Conservação e Restauração, 2020.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte; FAGUNDES, Angela Cristiane; OLIVEIRA, Maitê. Emil Bered: Documentação da Arquitetura Moderna porto-alegrense. 13º Seminário Docomomo Brasil, 2019, Salvador. Seminário Docomomo Brasil. Salvador: Faculdade De Arquitetura Da UFBA, 2019.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte; FAGUNDES, Angela Cristiane; OLIVEIRA, Maitê. Emil Bered: Habitação coletiva moderna porto-alegrense. 21º Congresso brasileiro de arquitetos, 2019. Porto Alegre: IABRS, 2019.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte; FAGUNDES, Angela Cristiane; OLIVEIRA, Maitê. Emil Bered, arquiteto: pesquisa e documentação da arquitetura moderna porto-alegrense. 6º Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação, 2019. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte; FAGUNDES, Angela Cristiane. Transparência e permeabilidade na arquitetura moderna gaúcha: A reforma da fachada do Edifício Christoffel. VI Seminário Docomomo Sul, 2019, Porto Alegre. O Moderno E Reformado: Debatendo O Projeto Do B. 1920-2019. Parte I. Porto Alegre: UFRGS/ PROPAR, 2019.

ALMEIDA, Guilherme Essvein de; ALMEIDA, João Gallo de; BUENO, Marcos. Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

ALMEIDA, Maria Soares de. Transformações urbanas. Atos, normas, decretos, leis na administração da cidade. Porto Alegre 1937/191. Tese de doutorado, USP. São Paulo, 2004

ARCHDAILY. <https://www.archdaily.com.br/br/01-14549/classicos-da-arquitetura-parque-eduardo-guinle-lucio-costa>, acesso em 23/09/2021.

ARCHDAILY. <https://www.archdaily.com.br/br/927008/edificio-prudencia-de-rino-levi-pelas-lentes-de-rafael-schimidt>, acesso em 23/09/2021.

ARCHDAILY. <https://www.archdaily.com.br/br/624727/classicos-da-arquitetura-edificio-mmm->

roberto-marcelo-roberto-milton-roberto-e-mauricio-roberto, acesso em 23/09/2021.

BAHIMA, Carlos Fernando; MASUERO, João Ricardo. Sem placa, ainda com grelha: entre o pragmatismo da estrutura independente e o potencial de renovação dos edifícios residenciais em Porto Alegre 1950/68 VI Seminário Docomomo Sul, 2019, Porto Alegre. O Moderno E Reformado: Debatendo O Projeto Do B. 1920-2019. Parte I. Porto Alegre: UFRGS/PROPAR, 2019.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil: Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BERED, Emil. Muito Edifício pouca Arquitetura. Revista O Globo, 1948, p. 46-51.

BRUAND, YVES. A arquitetura contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

CANEZ, Anna Paula. Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole: Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Uniritter, 2008.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Hélio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marca visual, 2013.

COMAS, Carlos Eduardo. Uma certa arquitetura moderna: uma experiência a reconhecer. In GUERRA, Abílio. Textos fundamentais sobre história da

arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade : Editora UNESP, 2001.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

DREBES, Fernanda. O edifício de apartamentos e a arquitetura moderna da escola carioca. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Porto Alegre: PROPAR/ UFRGS, 2004

FERRAZ, Marcelo. Vilanova Artigas. Arquitetos brasileiros. Instituto Lina Bo Bardi. São Paulo, 1994.
FIORE, Renato Holmer (Org.). Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre. Porto Alegre: Marcavisual, 2016.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3a ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1998.

GÉA, Lúcia Segala. O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893-1929). Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre: IFCH, PUCRS, 1995

LE CORBUSIER. Por uma arquitetura. 4a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

LE CORBUSIER. Urbanismo. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

LIMA, Raquel Rodrigues. Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50. Tese de Doutorado. Porto Alegre: IFCH da PUCRS, 2005.

LUCCAS, Luís H. Haas. Arquitetura Moderna em Porto Alegre sob o mito do “gênio artístico nacional”. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2004.

LUCCAS, Luís H. Haas. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. Revista Vitruvius, Arquitectos, São Paulo, n.073.04.jun.2006.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1973.

MAHFUZ, Edson da Cunha. O Clássico, o poético e o erótico e outros ensaios. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001.

MAHFUZ, Edson da Cunha. Ensaio sobre a razão compositiva. Viçosa: UFV, 1995.

MAHFUZ, Edson da Cunha. Banalidade ou correção: dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências. Arquitectos, São Paulo, ano 14, n. 159.5, Vitruvius, 2013.

MARQUES, Sérgio Moacir. A revisão do movimento moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80. Porto Alegre: Editora Ritter dos reis, 2020.

MARQUES, Sérgio Moacir. Fayet, Araújo & Moojen_ Arquitetura moderna brasileira no sul: 1950/1970. Tese de doutoramento. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2012.

MARTINEZ, Corona, Alfonso. Ensaio sobre o projeto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MIRANDA, Adriana Eckert. Planos e projetos de expansão urbana industriais e operários em Porto Alegre (1935-1961). Tese de Doutorado em Arquitetura. Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 2013.

MOREIRA, Lizandra Machado. O edifício de apartamentos em Porto Alegre: um paralelo entre o moderno e o contemporâneo. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UNIRITTER, 2019.

MOREIRA, Lizandra Machado; BORTOLI, Fábio. Edifícios de apartamentos em Porto Alegre: década de 1950. 13º Docomomo. Salvador: UFBA, 2019.

MULLER, Dóris Maria. SOUZA, Célia Ferraz. Porto Alegre e sua evolução urbana. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

PAIVA, Edvaldo Pereira. Expediente Urbano de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1942.

PANIZZI, Wrana; ROVATTI, João (org.). Estudos Urbanos, Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1993.

PANIZZI, Wrana (Org.). Outra vez Porto Alegre: A cidade e seu planejamento. Porto Alegre: CirKula, 2016.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. Edifícios de Apartamentos: Belo Horizonte, 1939 – 1976. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998.

PEREIRA, Claudio Calovi. Os irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936 1954). Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1993.

PETERSEN, Rodrigo Córdova. Arquitetura, forma urbana e legislação em Porto Alegre: a indução tipo-morfológica das edificações. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2018.

PORTO ALEGRE. Plano Diretor 1954 - 1964. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1964.

PORTO ALEGRE. 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre (Memorial justificativo e Lei Complementar 43, de 21/07/1979). Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1979.

PORTO ALEGRE. 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre (Lei Complementar 43 com alterações posteriores). Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1987.

Revista Monolito, Higienópolis. Número 19. São Paulo: Editora Monolito, 2015.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. Habitação coletiva econômica na arquitetura moderna brasileira entre 1964 e 1986. Tese de doutoramento. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral De. A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna: 1930-1964. São Carlos: RiMa/FAPESP, 2002.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900/1990. São Paulo: Edusp, 2010.

SHERWOOD, Roger. Vivienda: Prototipos del Movimiento Moderno. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1983.

SILVA, Elvan. "Novas e velhas espacialidades: legislação e forma urbana em Porto Alegre". Topos – Rev. Arq. Urb., Belo Horizonte, v.1, n.3, p.11-15, jul/dez. 2004.

SOUZA, Célia Ferraz de. Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997.

STRÖHER, Eneida Ripoll. Emil Bered: seis edifícios. Uma análise de seis edifícios de arquitetura moderna

em Porto Alegre na década de 50. Arqutextos n. ZERO.

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998.

WEIMER, Gunter. A vida cultural e a arquitetura na República Velha rio-grandense, 1889-1945. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

XAVIER, Alberto (org.). Arquitetura moderna brasileira - Depoimentos de uma geração. São Paulo: Pini: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura: Fundação Vilanova Artigas, 1987.

XAVIER, Alberto. MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987.

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa de localização dos edifícios de apartamentos listados para estudo, situados na radial Independência/24 de Outubro	14
Quadro 1- Edifícios de apartamentos selecionados	17
Figura 2 - Mapa de Porto Alegre com marcação das principais radiais.	33
Figura 3 - Parque Guinle	41
Figura 4 - Edifício Prudência	42
Figura 5 - Edifício MMM Roberto	42
Figura 6 - Edifício Louveira	43
Figura 7 - Edifício Jaguaribe	45
Figura 8- Edifício Esplanada	45
Figura 9- Edifício Armênia	46
Figura 10- Edifício Redenção	46
Figura 11- Edifício Faial	47
Figura 12- Edifício Floragê	48
Figura 13- Palácio da Justiça	49
Figura 14- Aeroporto Salgado Filho	49
Figura 15- Hospital de Clínicas de Porto Alegre	50
Figura 16- Emil Bered	51

Figura 17- Emil Bered	53
Figura 18- Edifício Linck	65
Figura 19 - Edifício Linck, implantação	66
Figura 20 - Edifício Linck, pavimento tipo	66
Figura 21 - Edifício Linck, pavimento térreo	66
Figura 22- Edifício Linck	67
Figura 23- Edifício Linck	68
Figura 24- Edifício Linck	68
Figura 25 - Edifício Nogarô	71
Figura 26 - Edifício Nogarô, implantação	72
Figura 27 - Edifício Nogarô, pavimento tipo	72
Figura 28 - Edifício Nogarô	73
Figura 29 - Edifício Nogarô	73
Figura 30 - Edifício Nogarô, pavimento térreo	73
Figura 31 - Edifício Nogarô, fachadas	74
Figura 32 - Edifício Nogarô, cortes	74
Figura 33- Edifício Rio Grande do Sul	76

Figura 34- Edifício Rio Grande do Sul, implantação	77
Figura 35- Edifício Rio Grande do Sul, pavimento tipo	77
Figura 36- Edifício Rio Grande do Sul	78
Figura 37- Edifício Rio Grande do Sul	79
Figura 38- Edifício Rio Grande do Sul, pavimento térreo	80
Figura 39- Edifício Rio Grande do Sul	81
Figura 40 - Edifício Nilza Esther	83
Figura 41 - Edifício Nilza Esther, implantação	84
Figura 42 - Edifício Nilza Esther, pavimento tipo	84
Figura 43 - Edifício Nilza Esther, pavimento térreo	85
Figura 44 - Edifício Nilza Esther, 2° pavimento	85
Figura 45 - Edifício Nilza Esther, 11° pavimento	86
Figura 46 - Edifício Nilza Esther, corte	86
Figura 47 - Edifício Nilza Esther, fachada	87
Figura 48 - Edifício Nilza Esther	87
Figura 49- Edifício Christoffel	99
Figura 50- Edifício Christoffel, implantação	100

Figura 51- Edifício Christoffel, pavimento tipo	100
Figura 52- Edifício Christoffel, detalhe persianas	102
Figura 53 - Edifício Christoffel	102
Figura 54- Edifício Christoffel	103
Figura 55- Edifício Christoffel, pavimento térreo	103
Figura 56 – Edifício Novo Parque	105
Figura 57 – Edifício Novo Parque, implantação	106
Figura 58 – Edifício Novo Parque, pavimento tipo	106
Figura 59 – Edifício Novo Parque, corte	107
Figura 60 – Edifício Novo Parque, pavimento térreo	107
Figura 61 – Edifício Novo Parque, corte	108
Figura 62 – Edifício Novo Parque, fachada	108
Figura 63 – Edifício Novo Parque	108
Figura 64 – Edifício Novo Parque, sala de estar	109
Figura 65 - Edifício Sinuelo	111
Figura 66 - Edifício Sinuelo, implantação	112
Figura 67 - Edifício Sinuelo, pavimento tipo	112

Figura 68 - Edifício Sinuelo	113
Figura 69 - Edifício Sinuelo, pavimento térreo	113
Figura 70 - Edifício Sinuelo	114
Figura 71 - Edifício Sinuelo, corte	114
Figura 72 - Edifício Sinuelo, corte	115
Figura 73 - Edifício Sinuelo, fachada	115
Figura 74 - Edifício Condado de Luzerne	117
Figura 75 - Edifício Condado de Luzerne, implantação	118
Figura 76 - Edifício Condado de Luzerne, pavimento tipo	118
Figura 77 - Edifício Condado de Luzerne, pavimento subsolo	119
Figura 78 - Edifício Condado de Luzerne, pavimento térreo	119
Figura 79 - Edifício Condado de Luzerne, 2° pavimento	120
Figura 80 - Edifício Condado de Luzerne, corte e fachada	121
Figura 81 - Edifício Condado de Luzerne, corte e fachada	121
Quadro 2- Comparação entre os edifícios da amostra	131

Anexo 1

EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS – 1º PERÍODO – ATÉ 1960

Edifício Dante D'Angelo - Emil Achutti Bered, Salomão Sibemberg Kruchin e Roberto Felix Veronese - 1952

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 132.

Edifício Jeronimo D'ornellas - Emil Achutti Bered, Salomão Sibemberg Kruchin e Roberto Felix Veronese - 1952

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 132.

Edifício Link - Emil Achutti Bered, Salomão Sibemberg Kruchin e Roberto Felix Veronese - 1952

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 132.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 1997. Páginas 73 a 75.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. Páginas 36 a 39 Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 132.

Edifício Santa Terezinha - Emil Achutti Bered, Salomão Sibemberg Kruchin e Roberto Felix Veronese - 1953

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 135.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 1997. Páginas 79 a 81.

Edifício Treiguer & Wladimirski - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1953

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da

Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 132.

Edifício Treiguer & Wladimirski II - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1953

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 142.

Edifício de Apartamentos - Emil Achutti Bered, Salomão Sibemberg Kruchin e Roberto Felix Veronese - 1953

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 144.

Edifício Amazonas - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1953

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 144.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em

Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997. Páginas 82 a 84.

Edifício Irany Santana - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1954

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 151.

Edifício Redenção - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1954

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 154.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997. Páginas 76 a 78.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. Páginas 40 a 43.

Edifício de Apartamentos - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1955

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa

realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 154.

Edifício Buchabqui - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1955

WEIMER, Guinter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 158.

Edifício Los Angeles - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1956

WEIMER, Guinter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 160.

Edifício Prates de Araújo - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1956

WEIMER, Guinter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 163.

Edifício Noemi - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1956

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 170.

Edifício Capri - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1956

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 172.

Solar Pinto Bandeira - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1956

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 163.

Edifício Pennsylvania - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da

Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 172.

Edifício Nogarô - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 173.

Edifício Rio Grande do Sul - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAP/UFRGS, 1997. Páginas 85 a 87.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. Páginas 56 a 59

Edifício Artigas - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 172.

Edifício Biarritz - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 172.

Edifício Nilza Esther - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 172.

Edifício Nevada - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 174.

Edifício Detroit - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1957

WEIMER, Ginter. Levantamento de projetos arquitetônicos – Porto Alegre – 1892 a 1957. Pesquisa realizada nos microfilmes do Arquivo Municipal da

Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre: Procempra, 1998. Página 174.

Edifício Porto Alegre - Emil Achutti Bered e Salomão Sibemberg Kruchin - 1958

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 1997. Páginas 89 a 91.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. Páginas 52 a 55.

Edifício Paineiras - Emil Achutti Bered - 1959

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 1997. Páginas 93 a 96.

EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS – 2º PERÍODO – APÓS 1960

Edifício Faial - Emil Achutti Bered - 1962

XAVIER, Alberto. MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987. Páginas 178 a 179.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. Páginas 36 a 39

Edifício Christoffel - Emil Achutti Bered - 1962

XAVIER, Alberto. MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987. Páginas 176 a 177.

LUCCAS, Luís H. Haas. Arquitetura Moderna em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional". Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2004. Página 220.

Edifício Novo Parque - Emil Achutti Bered - 1964

Sem publicações.

Edifício Sinuelo - Emil Achutti Bered - 1967

Sem publicações.

Edifício São Clemente - Emil Achutti Bered - 1968

Sem publicações.

Edifício Condado de Luzerne - Emil Achutti Bered - 1973

Sem publicações.

Edifício Nirvana - Emil Achutti Bered - 1983

Sem publicações.

Anexo 2

Ed. Linck

Edifício Linck

Endereço: Travessa Frederico Coronel Linck, 55 – Bairro Bom Fim

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered, Salomão Kruchin e Roberto Veronese

Período do desenho: 1952

Subsolo, Térreo e oito pavimentos-tipo com 2 apartamentos por pavimento, um de frente, um de fundos



Fonte: César Vieira, 2020



Fonte: César Vieira, 2020

Publicações:

LUCCAS, Luís H. Haas. Arquitetura Moderna em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional". Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2004.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do Arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Propar/UFRGS, 1997.

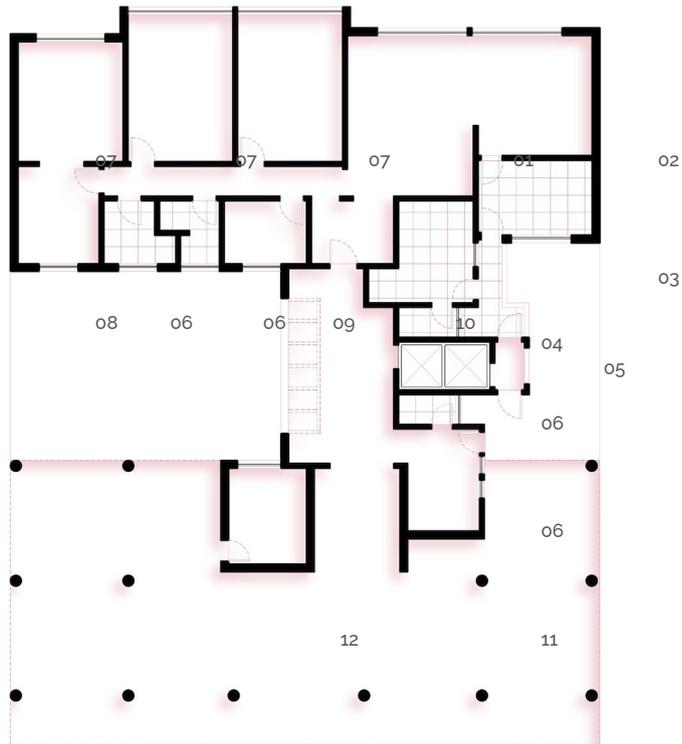


Fonte: César Vieira, 2020



Fonte: César Vieira, 2020

Redesenhos:



Implantação Fonte: Autora

- 01 - Sala de Estar
- 02 - Sala de Jantar
- 03 - Cozinha
- 04 - Dormitório de Empregada
- 05 - Área de Serviço
- 06 - Banho
- 07 - Dormitório
- 08 - Closet
- 09 - Gabinete
- 10 - Hall
- 11 - Portaria
- 12 - Depósito

Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Autora

Redesenhos:



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Autora

Ed. Nogarô

Edifício Nogarô

Endereço: Florêncio Ygartua esquina Castro Alves

Equipe de trabalho: Emil Bered

Período do desenho: 1957



Publicações:

Edifícios de Apartamentos de Emil Bered. Artigo publicado no 7° Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, 2021. Emil Bered: Habitação Coletiva Moderna Porto-alegrense. Artigo publicado no 4° Simpósio Científico ICO-MOS. Belo Horizonte, 2020

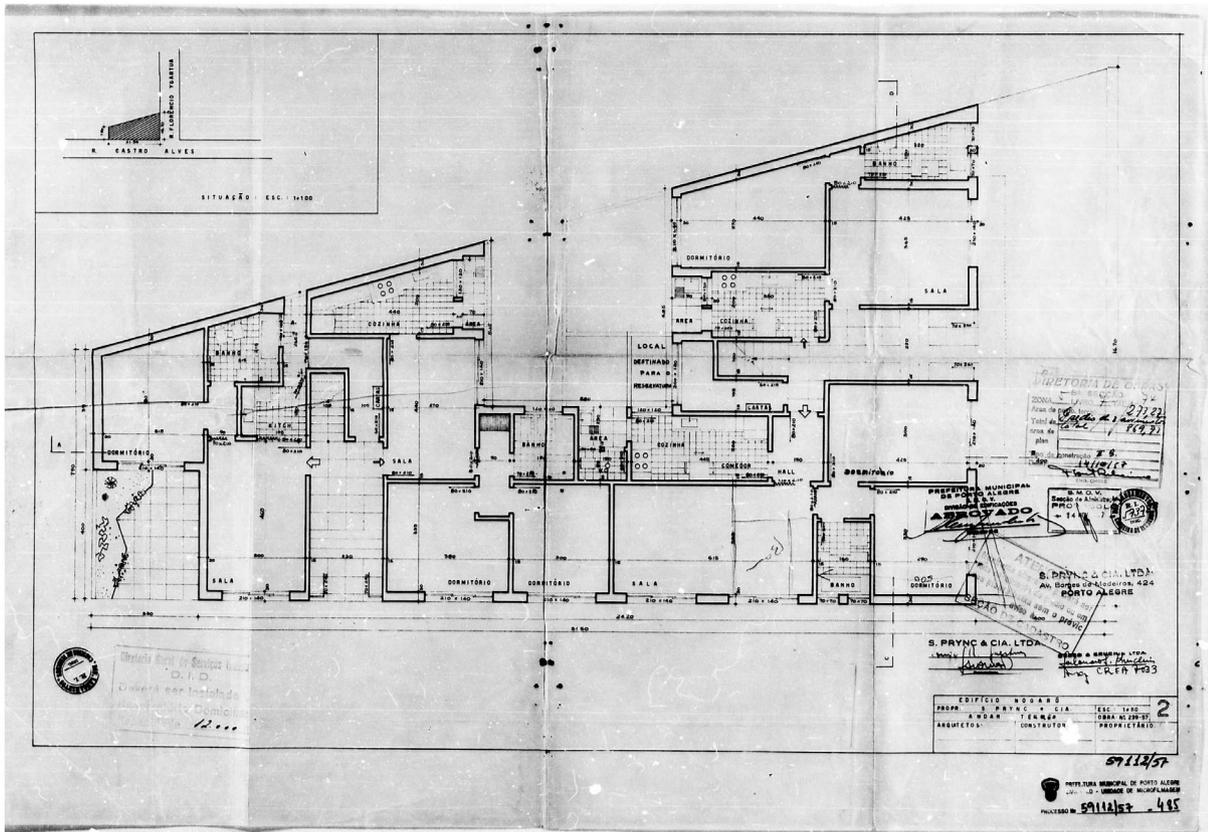


Fonte: Autora, 2020



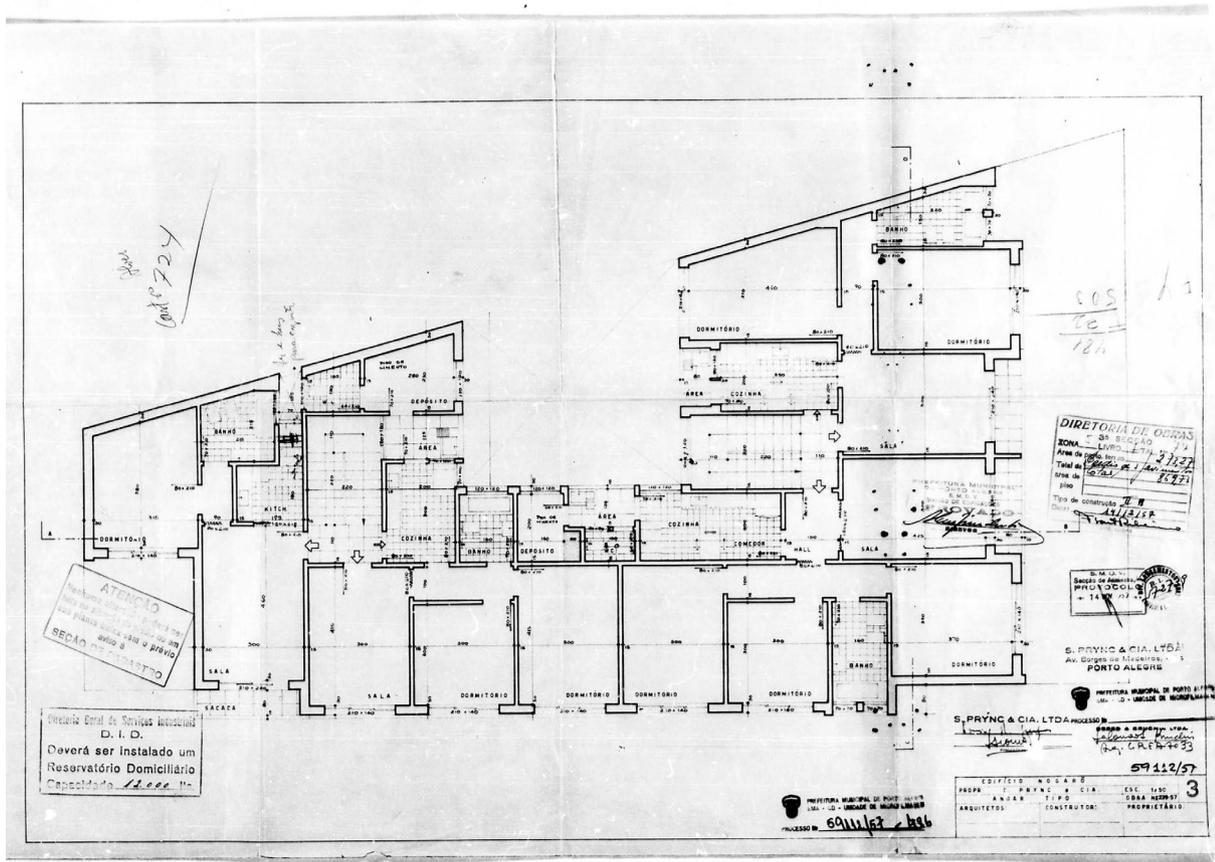
Fonte: Autora, 2020

Desenhos Originais:



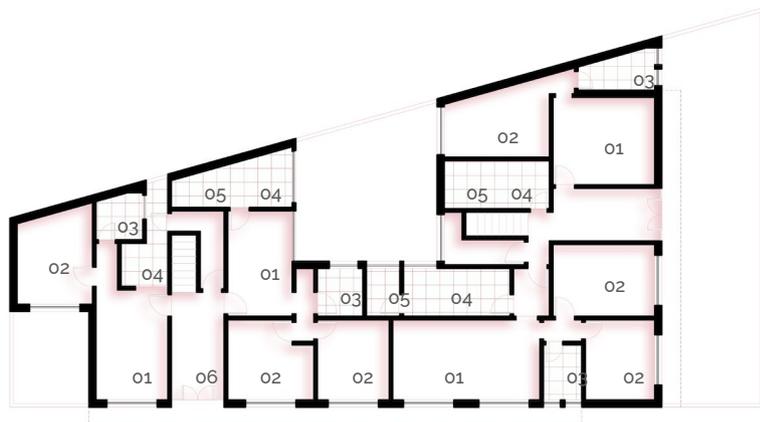
Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPoa

Desenhos Originais:



Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: EdificaPoa

Redesenhos:



Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Autora



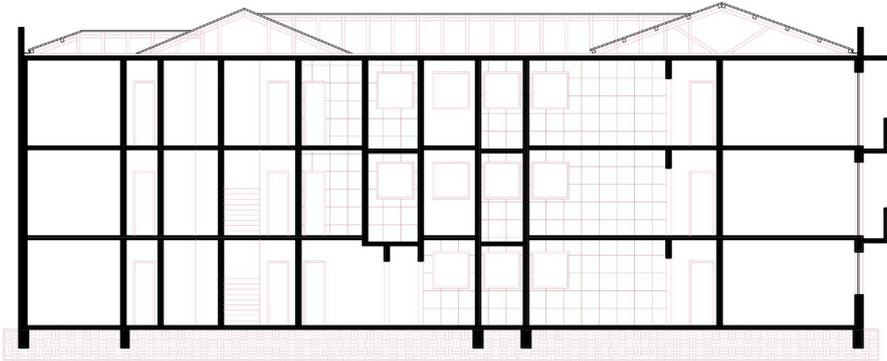
Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Autora



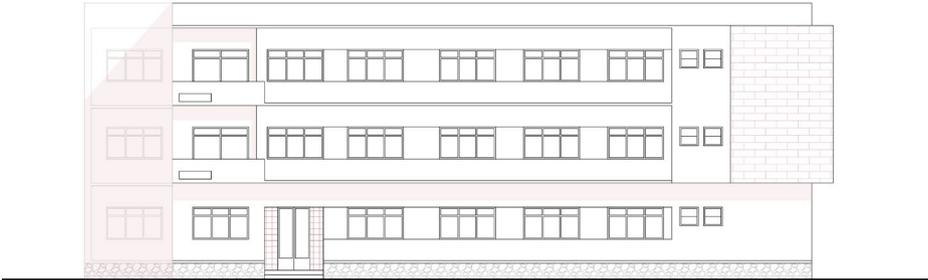
Implantação Fonte: Autora

- 01 - Sala de Estar
- 02 - Dormitório
- 03 - Banho
- 04 - Cozinha
- 05 - Lavanderia
- 06 - Hall
- 07 - Depósito

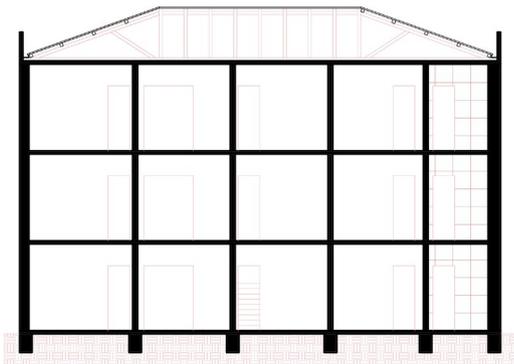
Redesenhos:



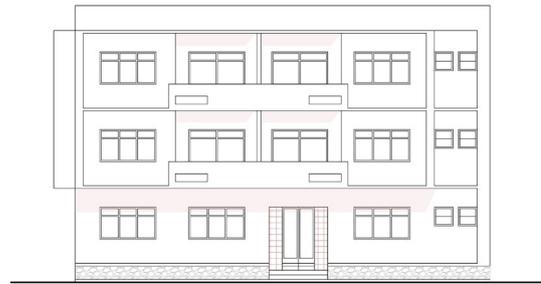
Corte Longitudinal. Fonte: Autora



Fachada Castro Alves. Fonte: Autora



Corte Transversal. Fonte: Autora



Fachada Florêncio Ygartua. Fonte: Autora

Ed. Rio Grande do Sul

Edifício Rio Grande do Sul

Endereço: Rua 24 de Outubro, 622/644,
Moinhos de Vento

Equipe de trabalho: Emil Bered e
Salomão Kruchin Proprietário Teodoro
Saibro, Construtora Mello Pedreira S.A.

Período do desenho: 1957-1958

Data de Conclusão: 1965



Fonte: César Vieira, 2020

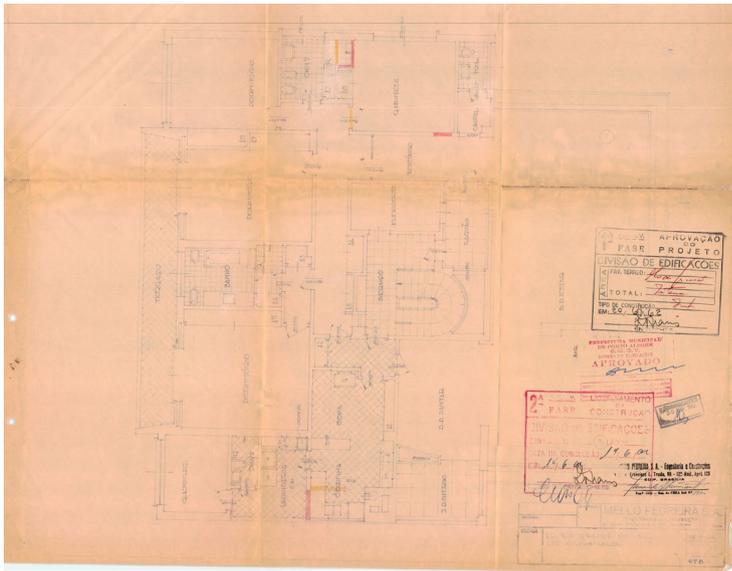
Publicações:

Fonte: STROHER p.85-88 (Terraço p.71, Localização e 2 fotos P&B p.85, Foto P&B e Fachada p.86, Plantas Baixas Térreo e Tipo p.87). "Emil Bered e a habitação coletiva moderna porto-alegrense" no 4º Simpósio Científico ICOMOS, em 2020, "Emil Bered: documentação da arquitetura moderna porto-alegrense" no 13º Docomo-mo Brasil, em 2019 e "Emil Bered: habitação coletiva moderna porto-alegrense" no 21º Congresso Brasileiro de Arquitetos, em 2019.

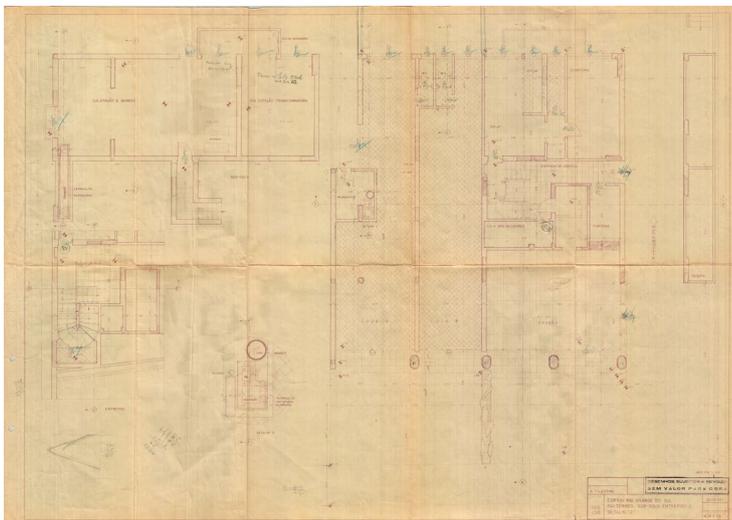


Fonte: César Vieira, 2020

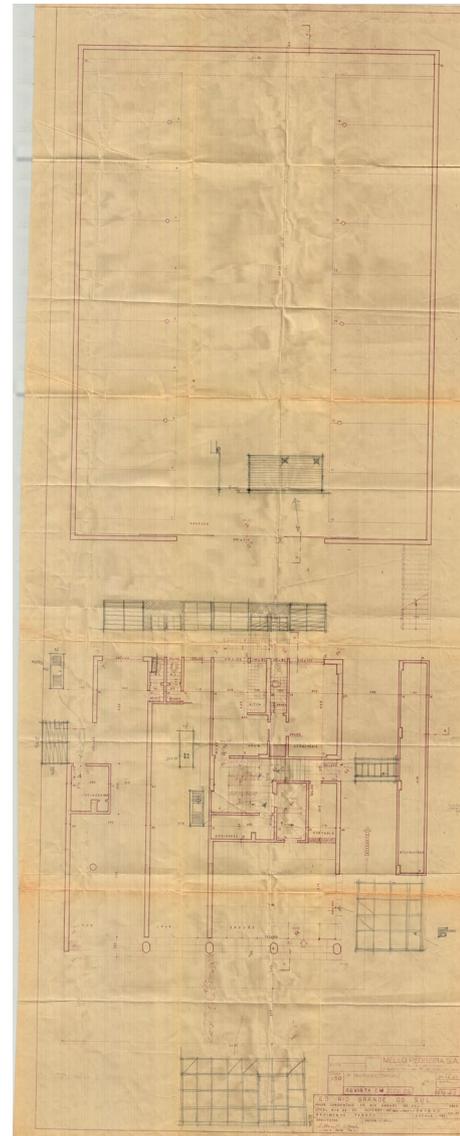
Desenhos Originais:



Planta Baixa 9º Pavimento. Fonte: Arquivo Municipal



Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Arquivo Municipal



Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Arquivo Municipal

Redesenhos:



Implantação. Fonte: Autora

- 01 - Dormitório
- 02 - Banho
- 03 - Dormitório de Empregada
- 04 - Lavanderia
- 05 - Cozinha
- 06 - Sala de Jantar
- 07 - Sala de Estar
- 08 - Lavabo
- 09 - Gabinete
- 10 - Hall Social

Ed. Nilza Esther

Edifício Nilza Esther

Equipe de trabalho: Emil

Achutti Bered e Salomão Kru-

chin, Construtora Mello Pedreira

Período do desenho: 1957



Fonte: César Vieira, 2021



Fonte: César Vieira, 2021



Fonte: César Vieira, 2021

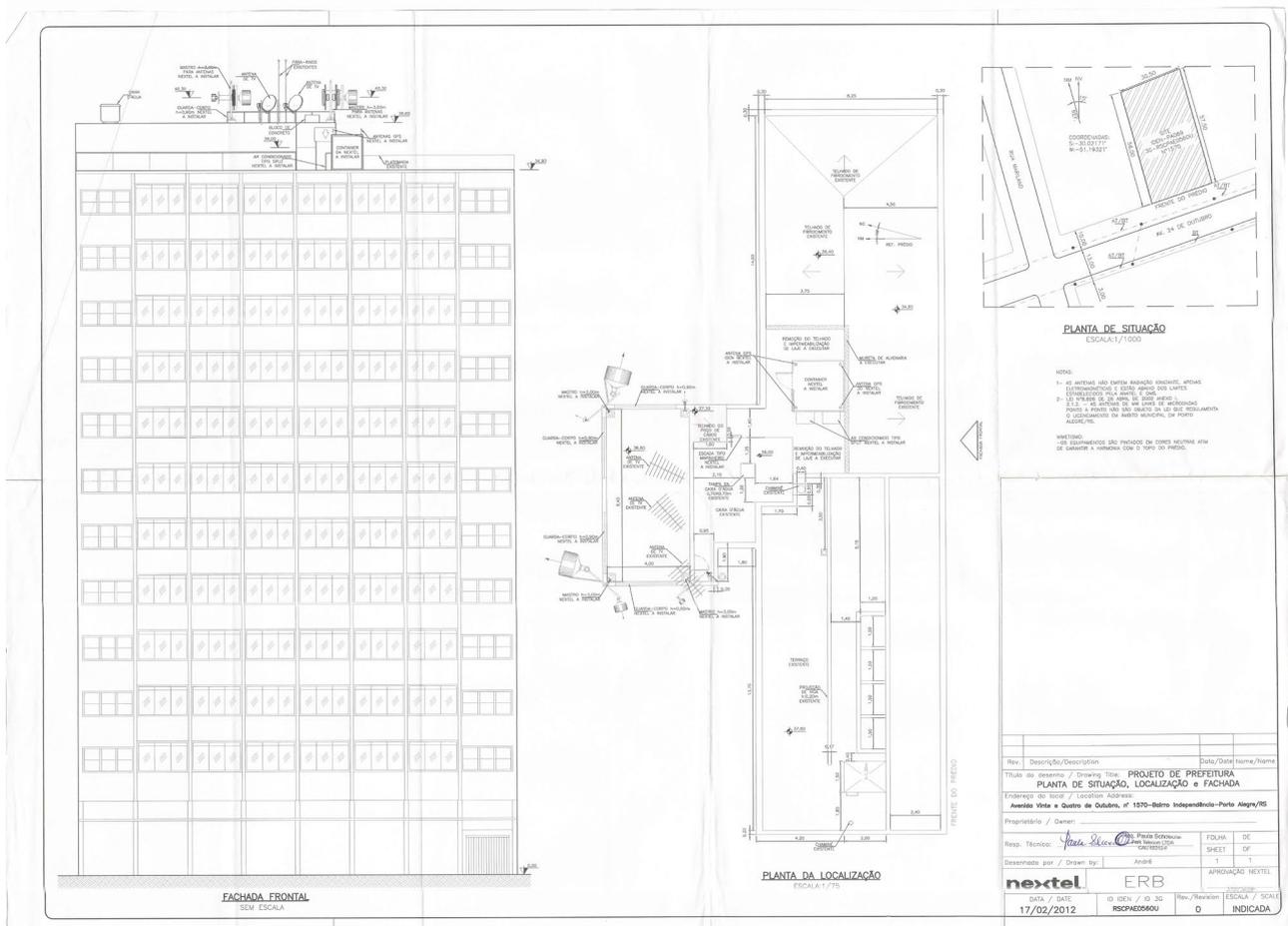


Fonte: César Vieira, 2021



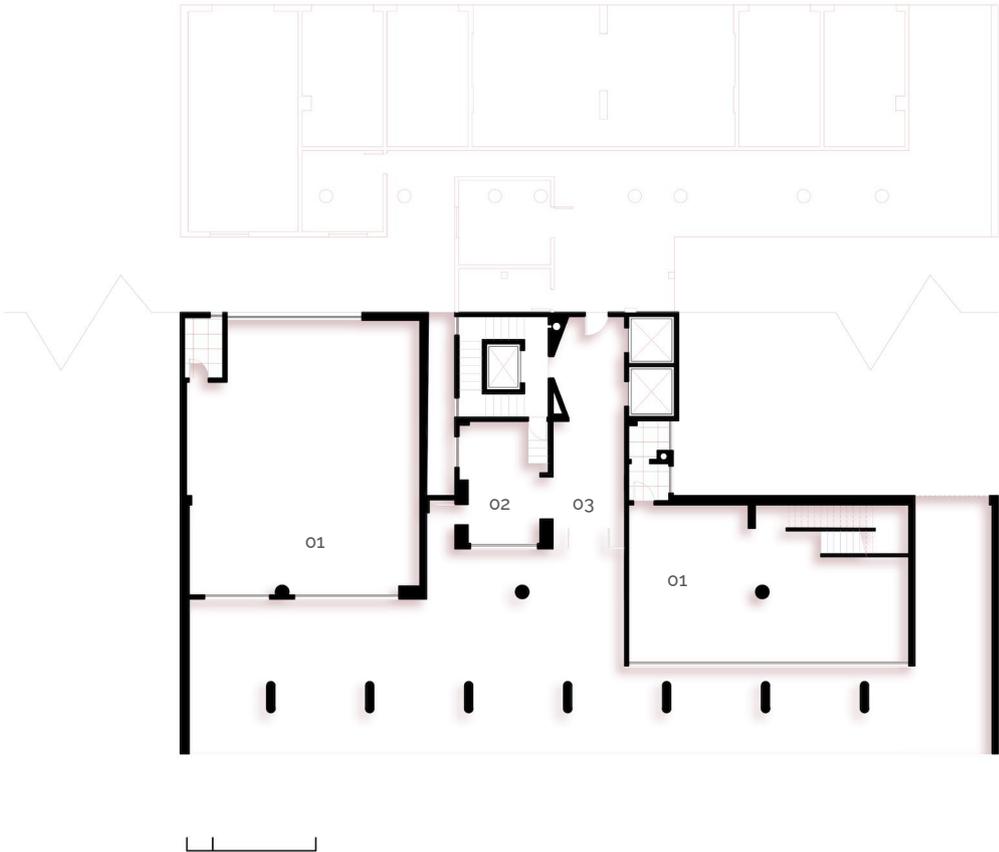
Fonte: César Vieira, 2021

Desenhos Originais:



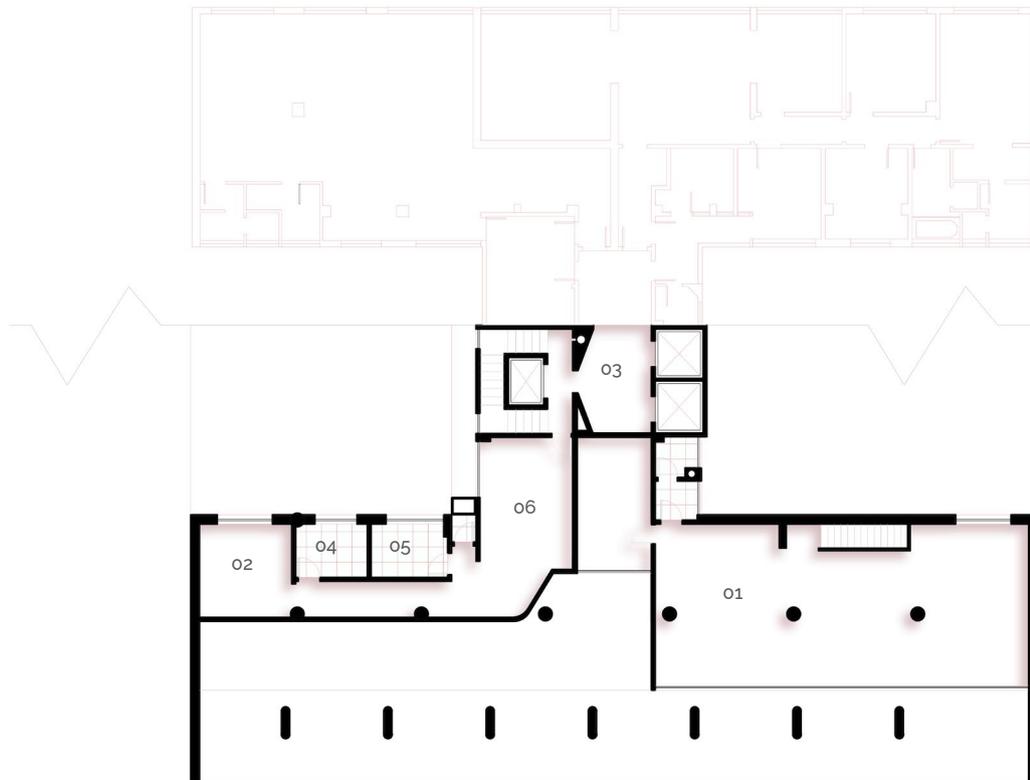
Planta de Situação, Localização e Fachada Fonte: Edifício POA

Redesenhos:



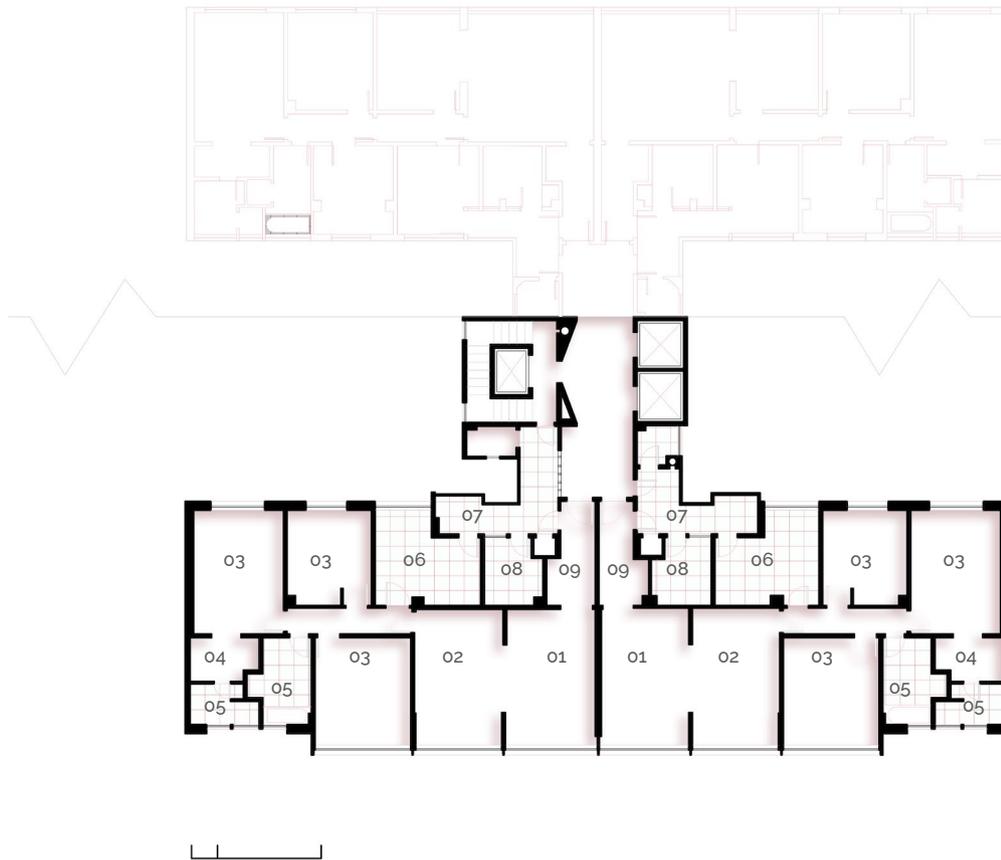
- 01 - Loja
- 02 - Portaria
- 03 - Hall

Redesenhos:



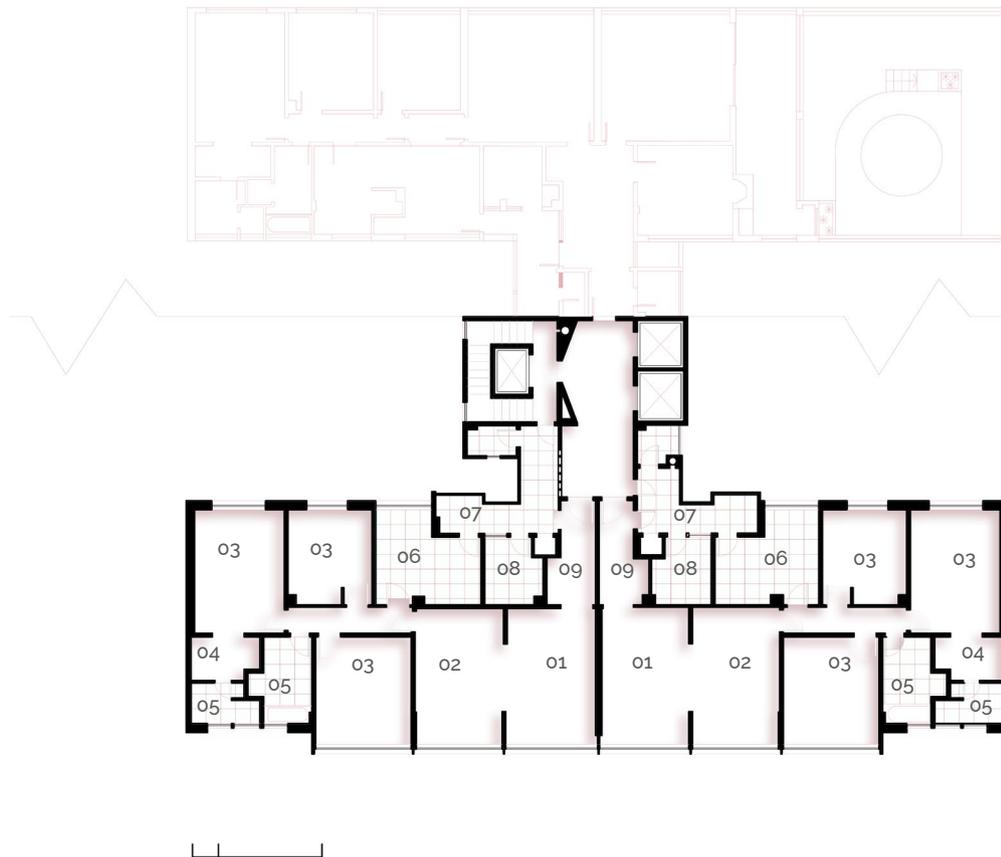
- 01 - Loja
- 02 - Dormitório
- 03 - Hall
- 04 - Banho
- 05 - Cozinha
- 06 - Sala de Estar

Redesenhos:



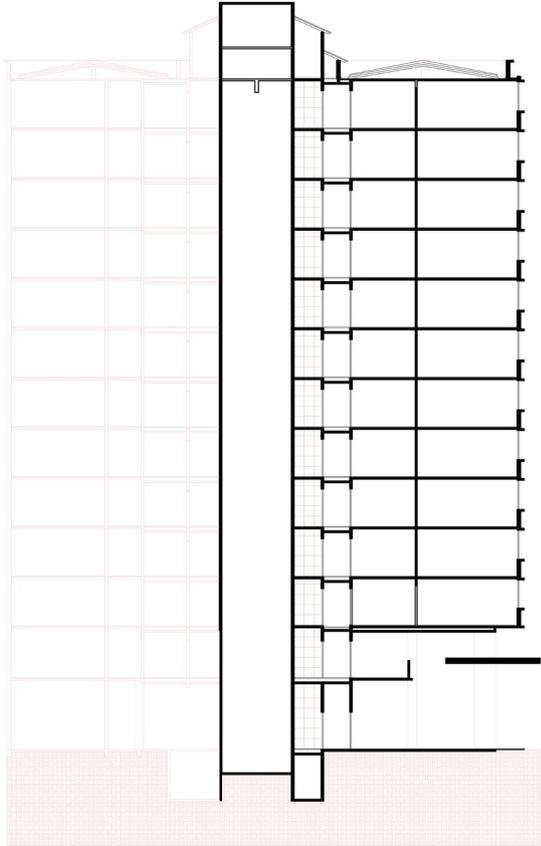
- 01 - Sala de Estar
- 02 - Sala de Jantar
- 03 - Dormitório
- 04 - Closet
- 05 - Banho
- 06 - Cozinha
- 07 - Área de Serviço
- 08 - Despensa
- 09 - Hall

Redesenhos:

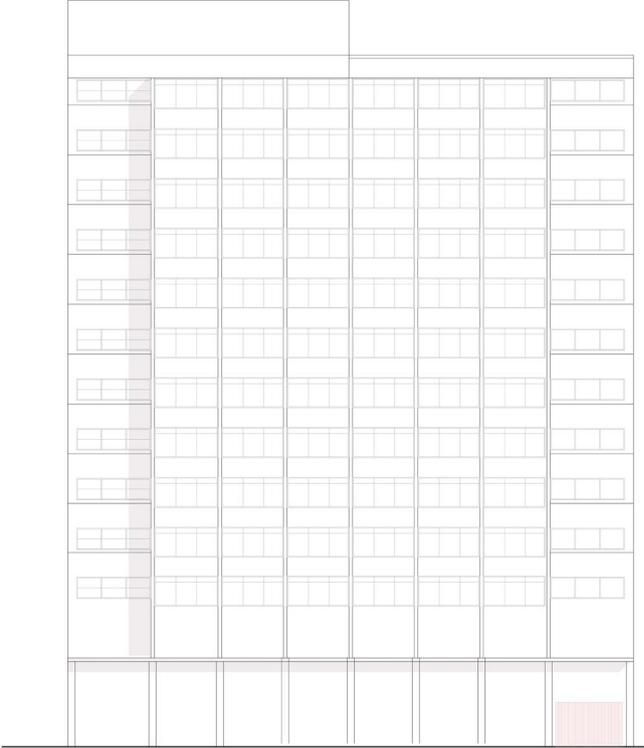


- 01 - Sala de Estar
- 02 - Sala de Jantar
- 03 - Dormitório
- 04 - Closet
- 05 - Banho
- 06 - Cozinha
- 07 - Área de Serviço
- 08 - Despensa
- 09 - Hall

Redesenhos:



Corte. Fonte: Aurora



Fachada. Fonte: Aurora

Ed. Christofel

Edifício Christofel

Endereço: Vila Jardim Christofell, 67, Independência

Equipe de trabalho: Emil Achutti Bered

Período do desenho: 1962

Data de Conclusão: 1967

9 pavimentos.

2 apartamentos por pavimento (todos de frente) 250m² cada apto frente, um de fundos



Fonte: César Vieira, 2020

Publicações:

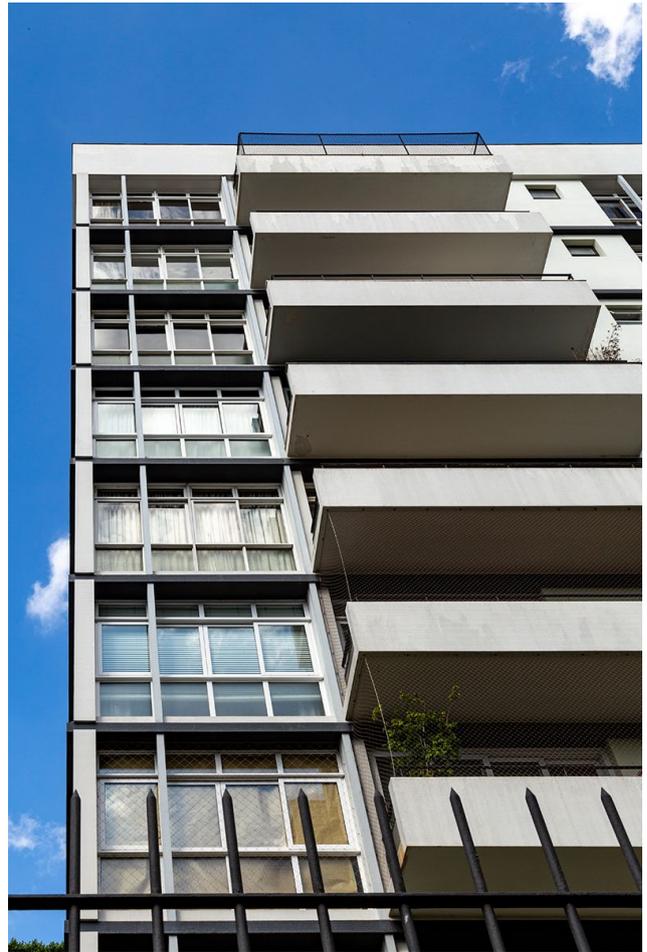
Fonte: XAVIER e MIZOGUCHI p.176-177. 2 Fotos P&B (p.176), PLANTA PAV. TIPO e Foto P&B detalhe (p.177). LUCCAS, 2004, p. 219 FIG 27 (p.220). Medalha de bronze na categoria edificação residencial no II Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul, realizado em 1962.



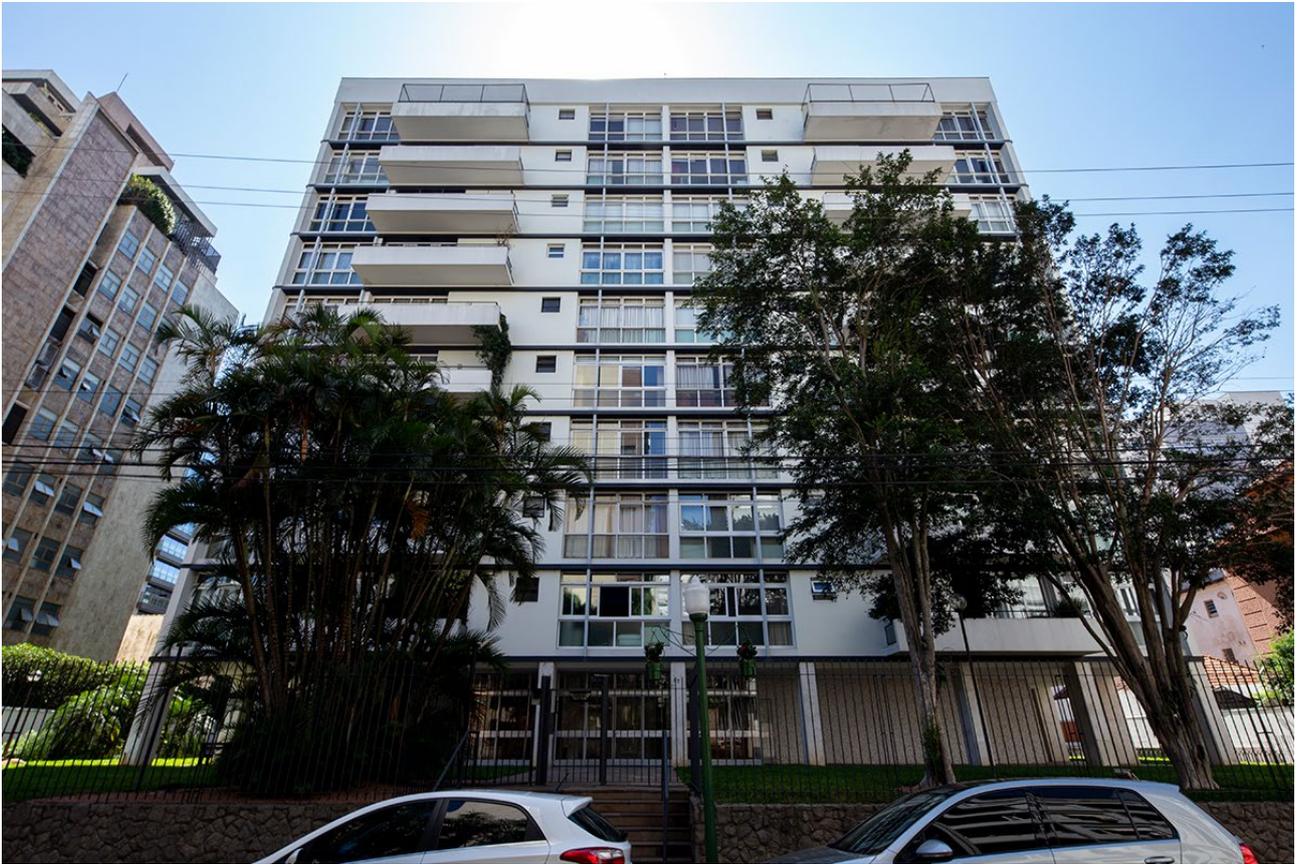
Fonte: César Vieira, 2020



Fonte: César Vieira, 2020



Fonte: César Vieira, 2020

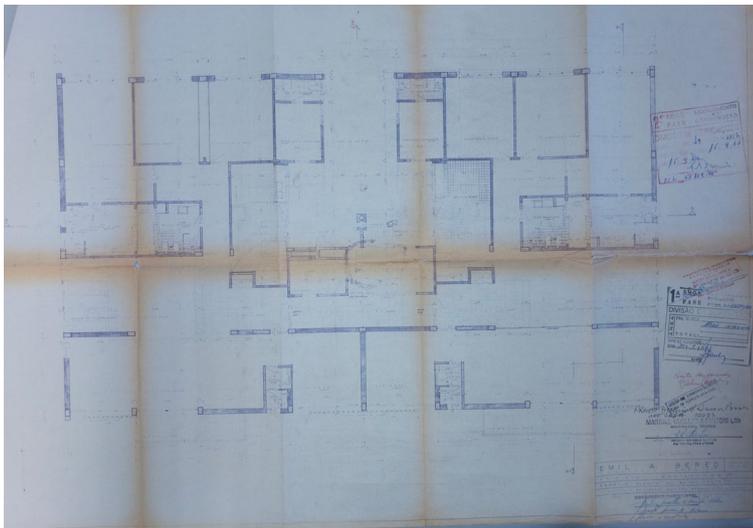


Fonte: Autora, 2018

Desenhos Originais:



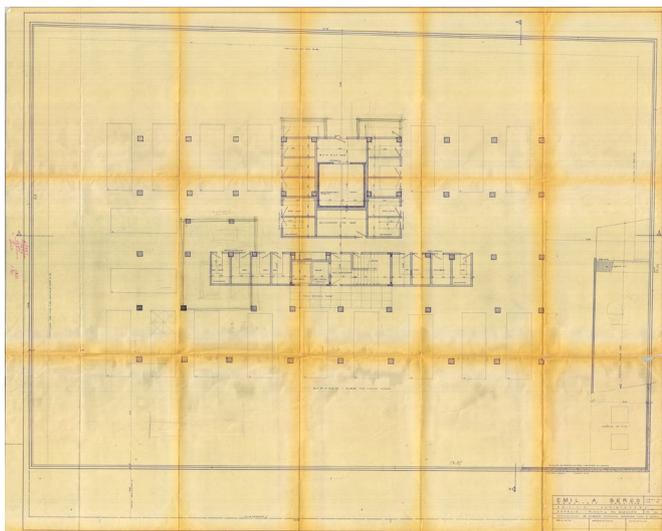
Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: EdificaPoa



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPoa



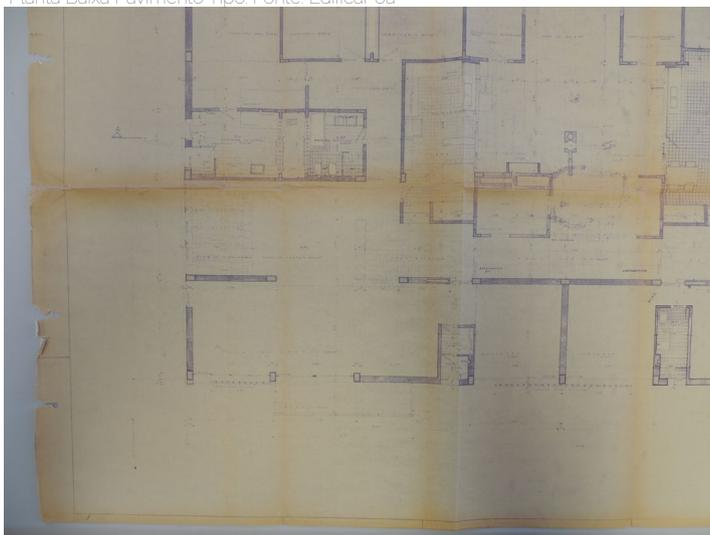
Perspectiva Persianas Internas. Fonte: Acervo Emil Bered



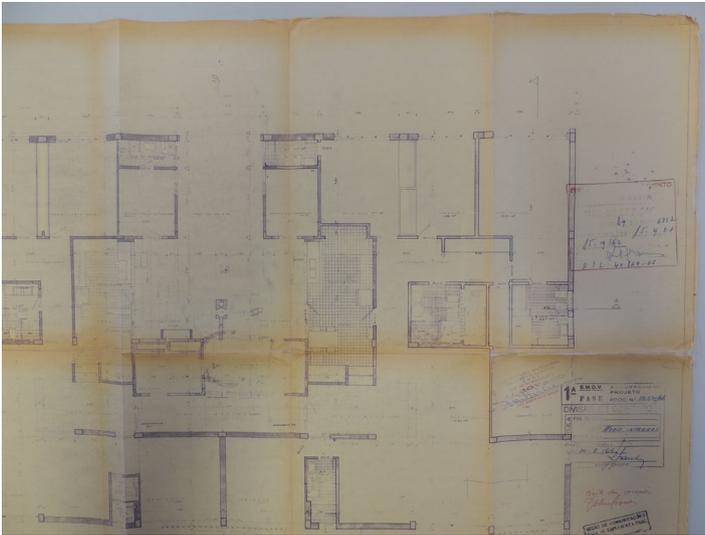
Desenhos Originais:



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPoa



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPoa



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPoa



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPoa

Redesenhos:



- 01 - Cozinha
- 02 - Sala de Estar
- 03 - Dormitório
- 04 - Banho
- 05 - Vestiário
- 06 - Depósito
- 07 - Transformadores
- 08 - Medidores

Implantação. Fonte: Autora



Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Autora

Redesenhos:



- 01 - Cozinha
- 02 - Área de Serviço
- 03 - Dormitório de Empregada
- 04 - Banho
- 05 - Dormitório
- 06 - Sala de Jantar
- 07 - Jardim de Inverno
- 08 - Sala de Estar
- 09 - Vestibulo
- 10 - Lavabo
- 11 - Gabinete

Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Autora

Ed. Novo Parque

Edifício Novo Parque

Endereço: Rua Comendador Caminha,
nº 180, Moinhos de Vento

Equipe de trabalho: Emil Bered, Arthur
Bered

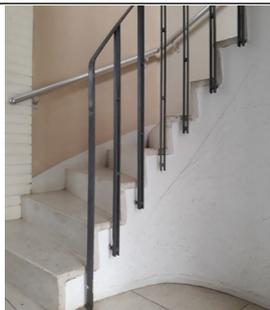
Período do desenho: 1964



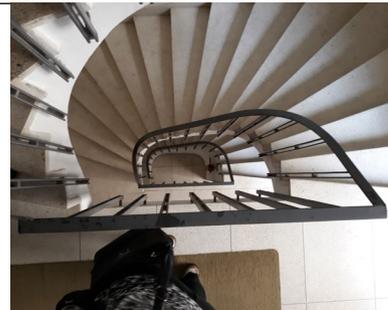
Fonte: César Vieira, 2020



Fonte: César Vieira, 2020



Fonte: Autora, 2018



Fonte: Autora, 2018



Fonte: Autora, 2018



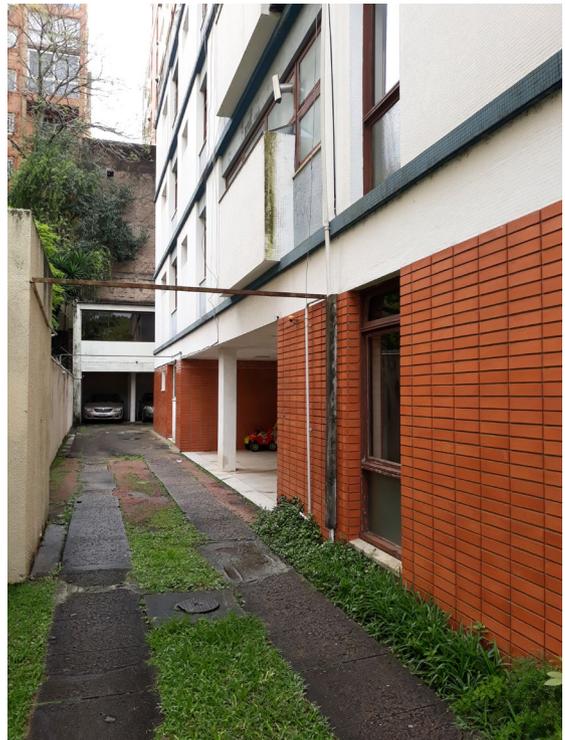
Fonte Aurora, 2018



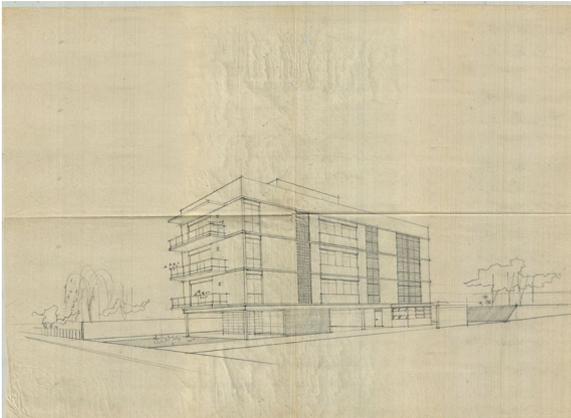
Fonte Aurora, 2018



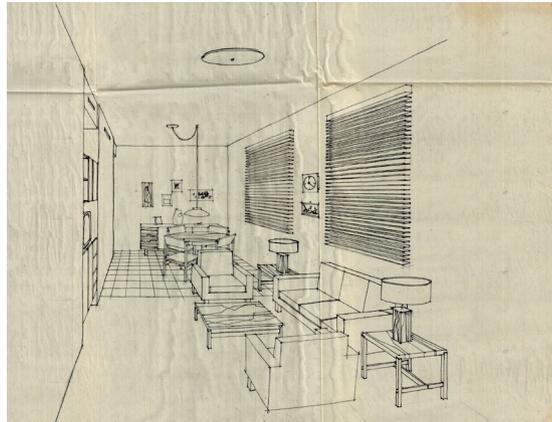
Fonte Aurora, 2018



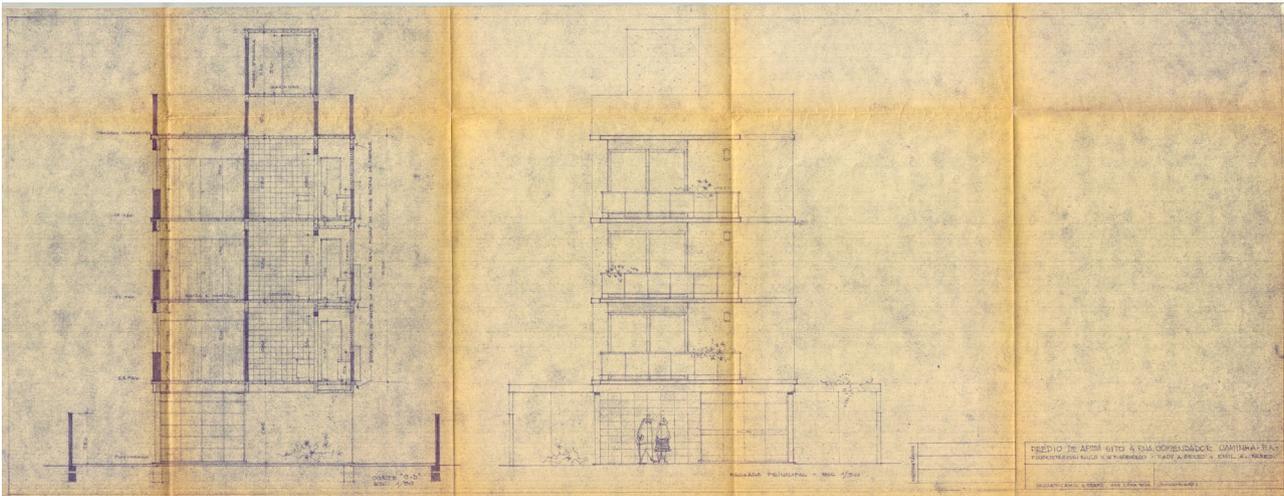
Desenhos Originais:



Croqui. Fonte: Acervo Emil Bered

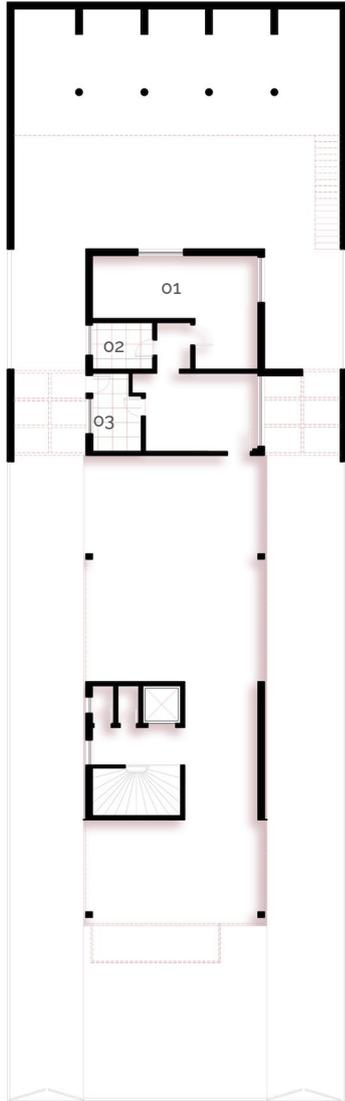


Croqui. Fonte: Acervo Emil Bered

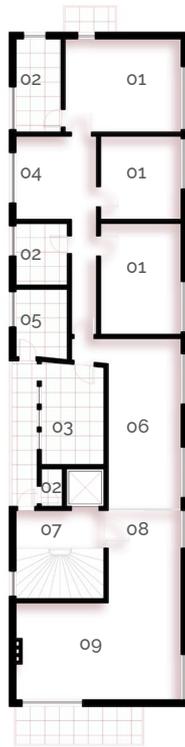


Corte e Fachada. Fonte: Acervo Emil Bered

Redesenhos:

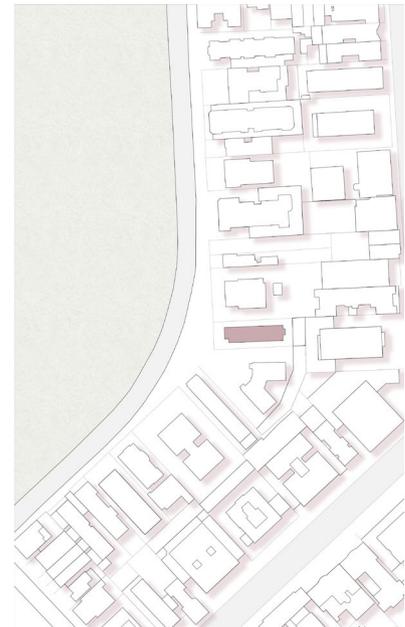


Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Autora



Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Autora

- 01 - Dormitório
- 02 - Banho
- 03 - Cozinha
- 04 - Estúdio
- 05 - Dormitório de Empregada
- 06 - Sala de Estar/Jantar
- 07 - Hall
- 08 - Vestíbulo
- 09 - Sala de Estar



Implantação. Fonte: Autora

Ed. Sinuelo

Edifício Sinuelo

Endereço: Rua 24 de Outubro, 70

Moinhos de Vento

Equipe de trabalho: Emil Bered

Período do desenho: 1967



Fonte: César Vieira, 2020

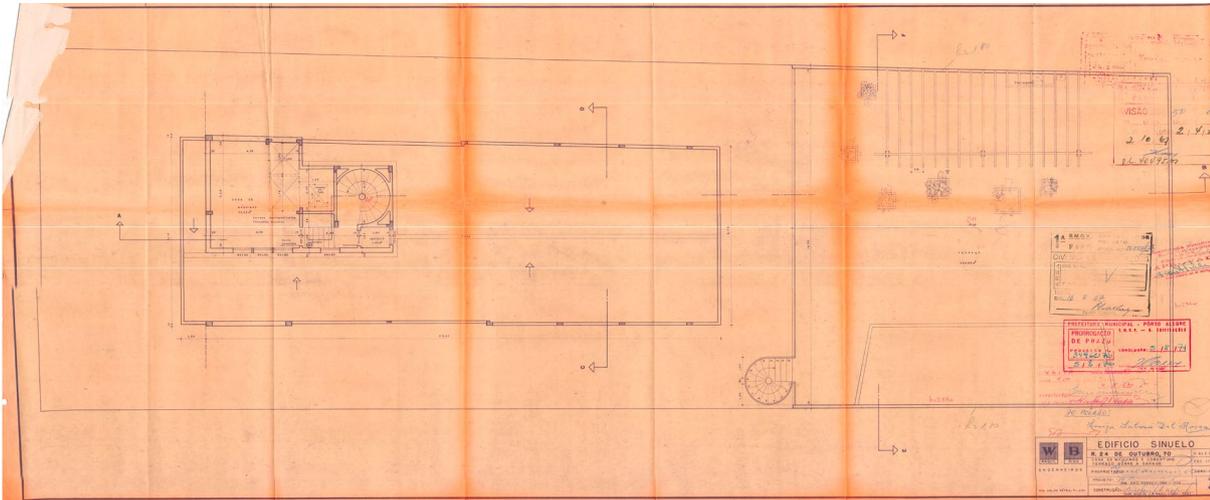


Fonte: César Vieira, 2020

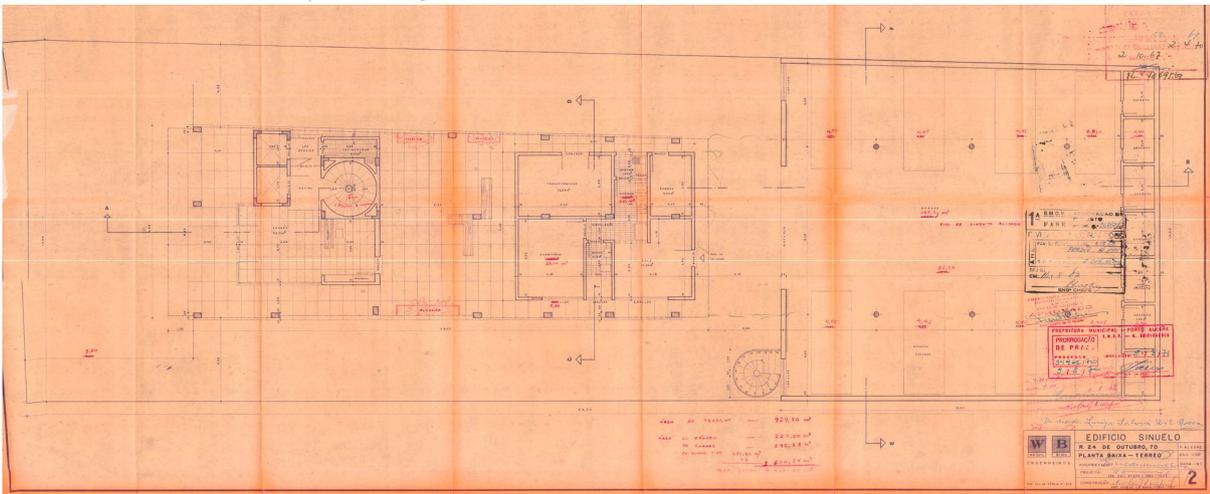


Fonte: César Vieira, 2020

Desenhos Originais:

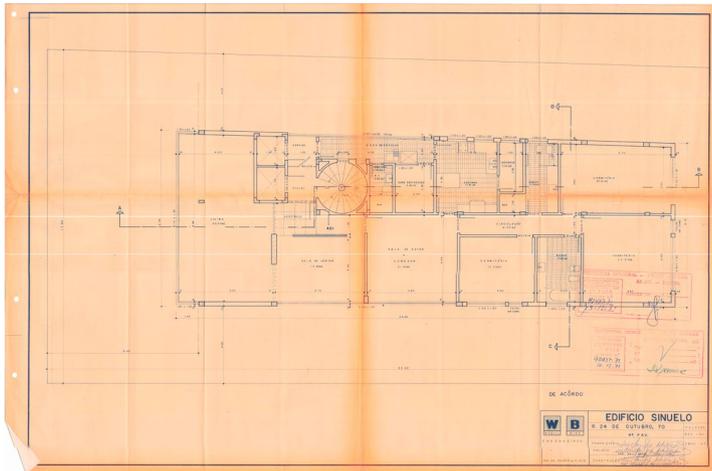


Planta Baixa Pavimento Casa de Máquinas e Terraço. Fonte: EdificaPOA, 2018

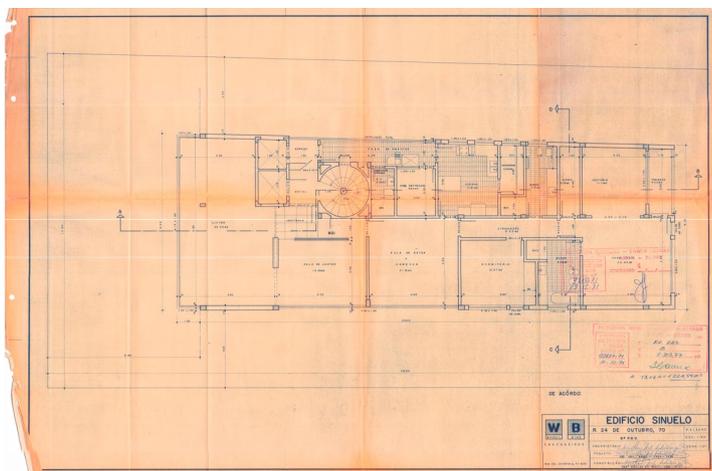


Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: EdificaPOA, 2018

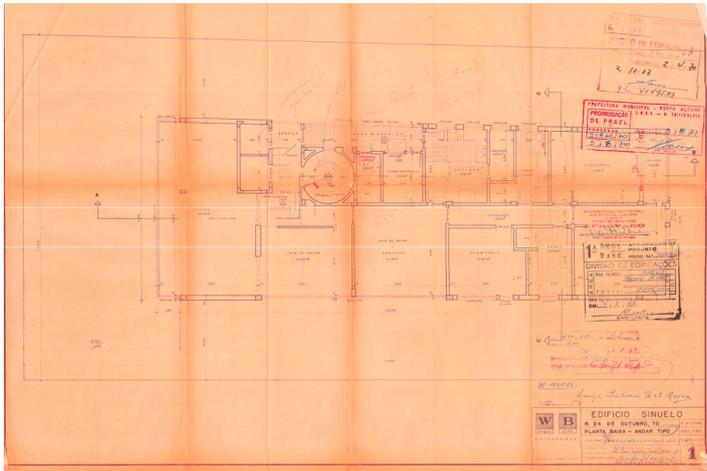
Desenhos Originais:



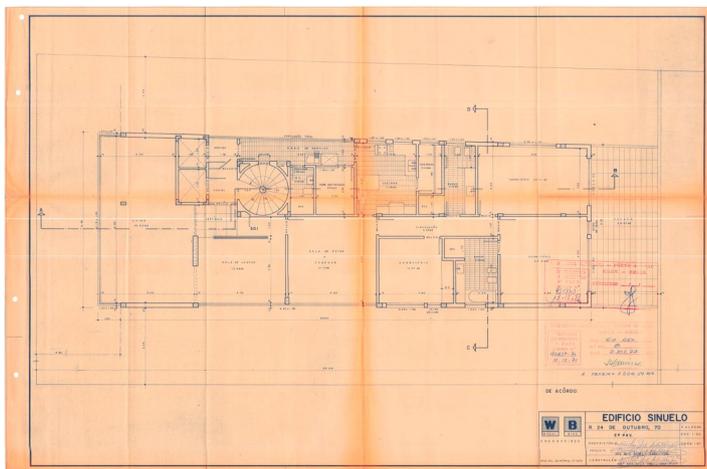
Planta Baixa 4º Pavimento. Fonte: EdificaPOA, 2018



Planta Baixa 6º Pavimento. Fonte: EdificaPOA, 2018

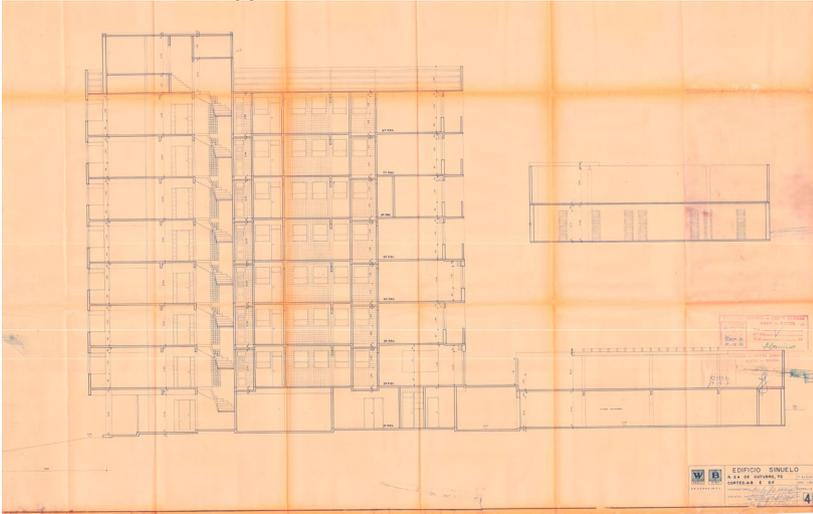


Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: EdificaPOA, 2018

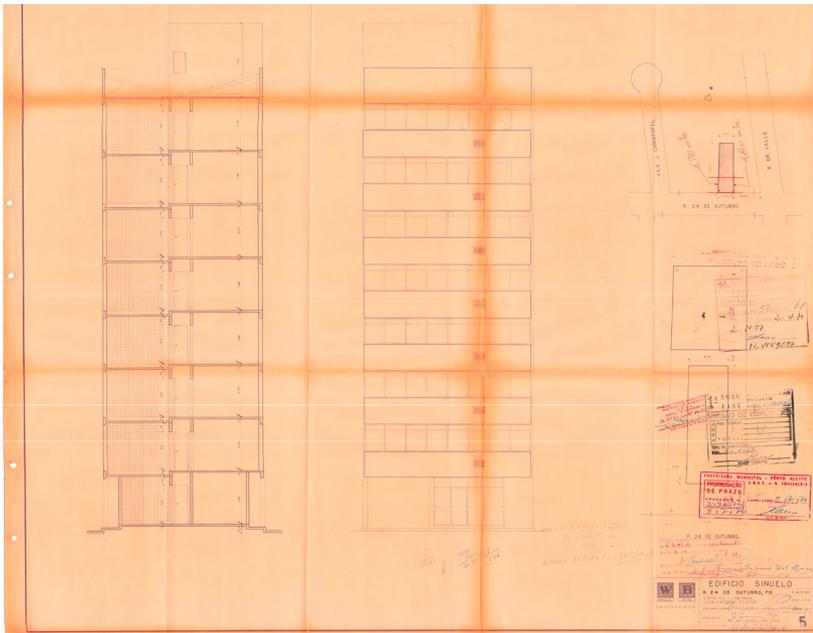


Planta Baixa 2º Pavimento. Fonte: EdificaPOA, 2018

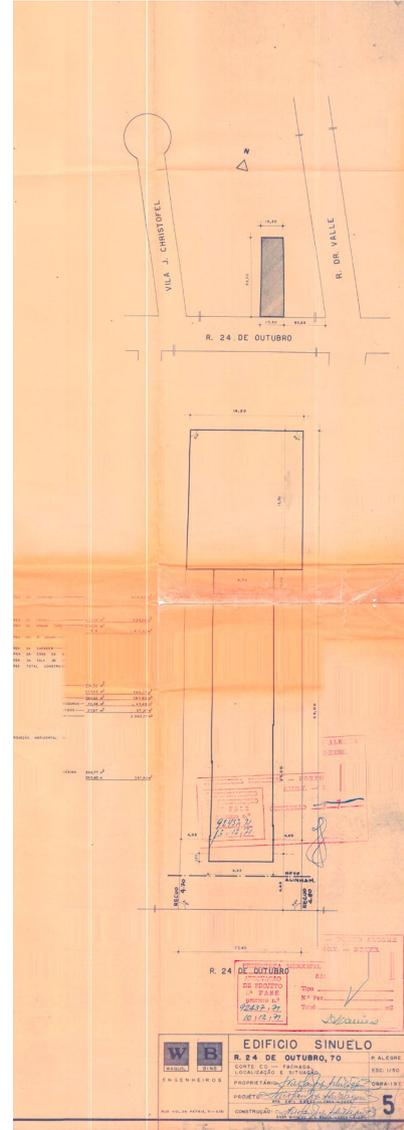
Desenhos Originais:



Cortes. Fonte: EdificaPOA, 2018

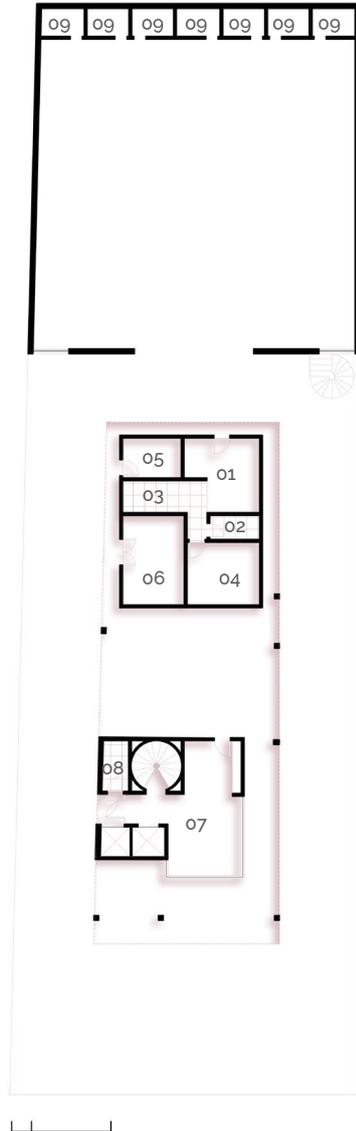


Corte e Fachada. Fonte: EdificaPOA, 2018



Planta de Situação e Localização. Fonte: EdificaPOA, 2018

Redesenhos:



- 01 - Dormitório
- 02 - Banho
- 03 - Cozinha
- 04 - Sala de Estar
- 05 - Bombas
- 06 - Transformador
- 07 - Hall de Entrada
- 08 - Serviços
- 09 - Depósito
- 10 - Despensa
- 11 - Dormitório de Empregada
- 12 - Sala de Jantar

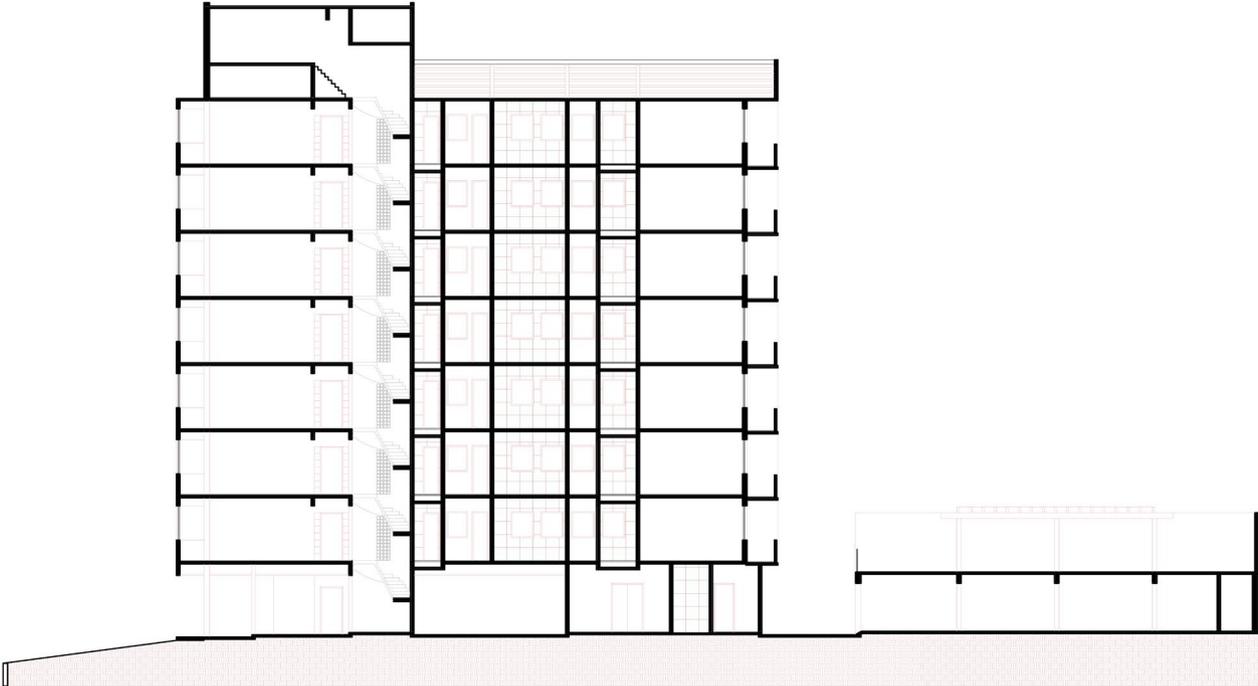


Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Autora

Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Autora

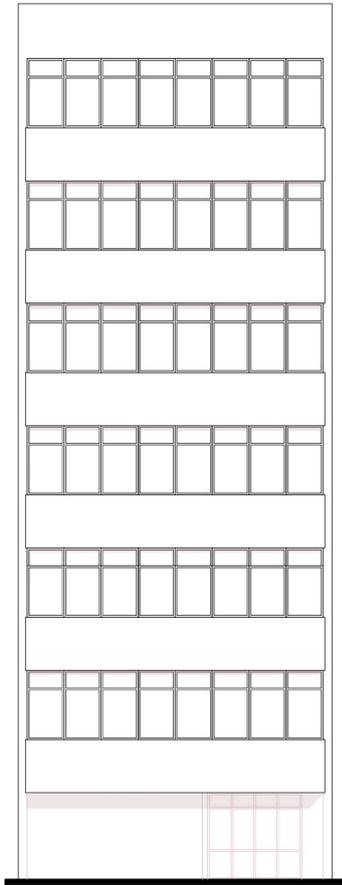
Implantação. Fonte: Autora

Redesenhos:

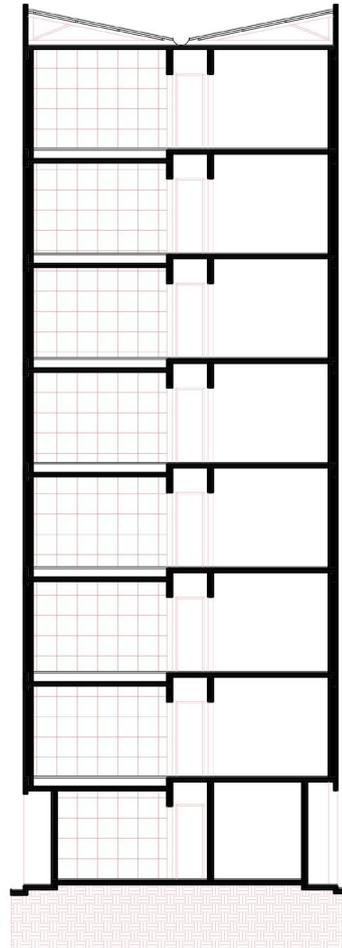


Corte Longitudinal. Fonte: Autora

Redesenhos:



Fachada Frontal. Fonte: Autora



Corte Transversal. Fonte: Autora

Ed. Condado de Luzerne

Edifício Condado de Luzerne
Endereço: Rua 24 de Outubro, 75,
Moinhos de Vento

Equipe de trabalho: Emil Achutti
Bered.

Proprietário Teruskin Empreendimen-
tos Imobiliários.

Construtor Fernando Craidy

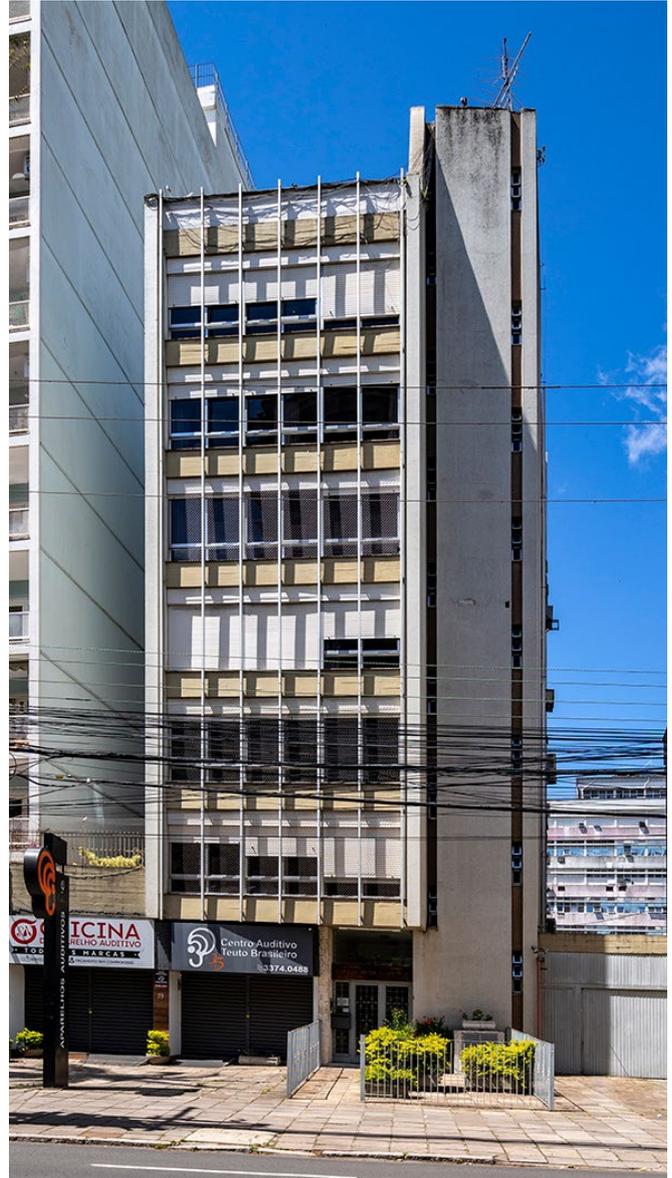
Período do desenho: 1973



Fonte: César Vieira, 2020

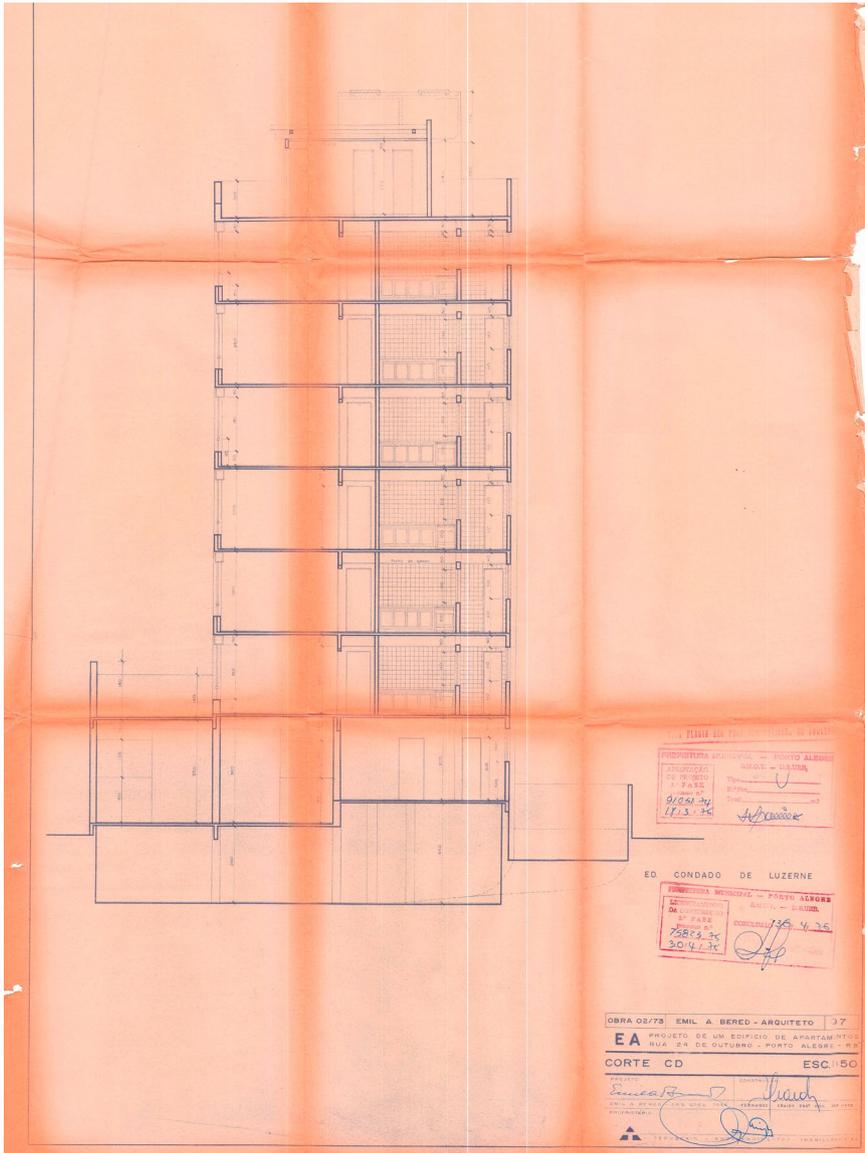


Fonte: César Vieira, 2020



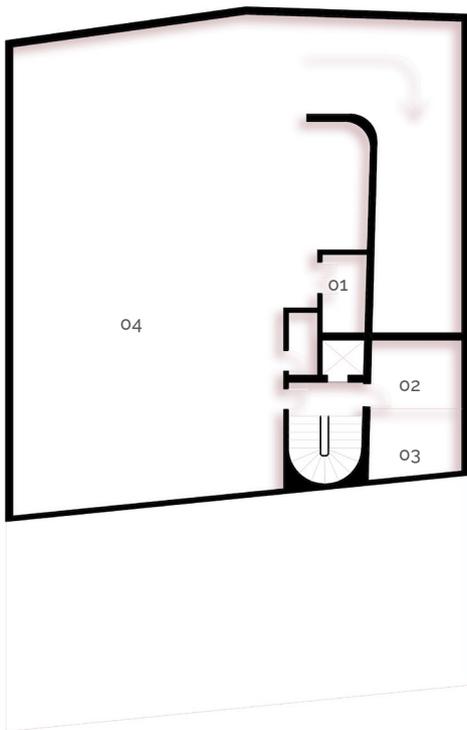
Fonte: César Vieira, 2020

Desenhos Originais:

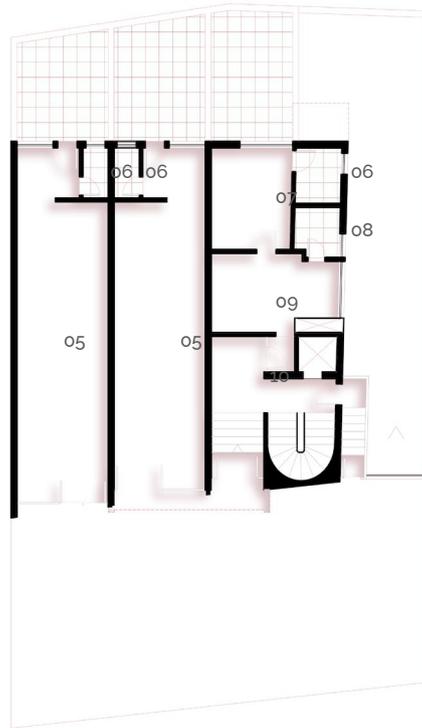


Corte. Fonte: EdificaPOA, 2018

Redesenhos:

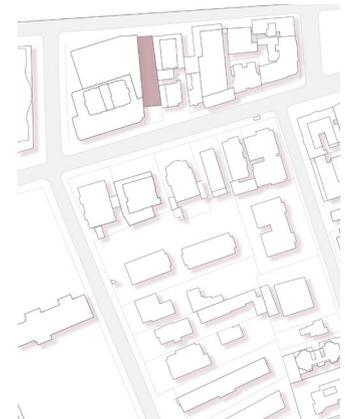


Planta Baixa Pavimento Subsolo. Fonte: Autora



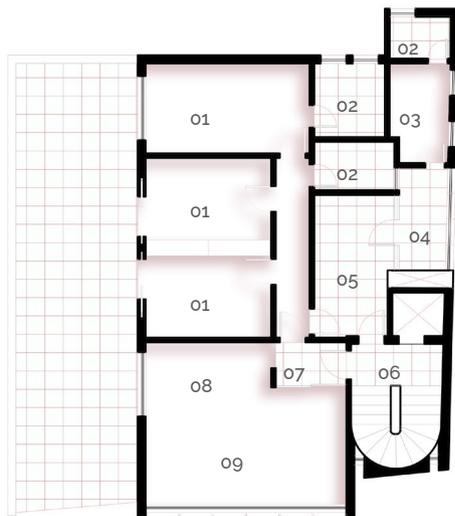
Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: Autora

- 01 - Lixo
- 02 - Bombas
- 03 - Reservatórios
- 04 - Garagem
- 05 - Lojas
- 06 - Banho
- 07 - Dormitório
- 08 - Cozinha
- 09 - Sala de Estar
- 10 - Portaria



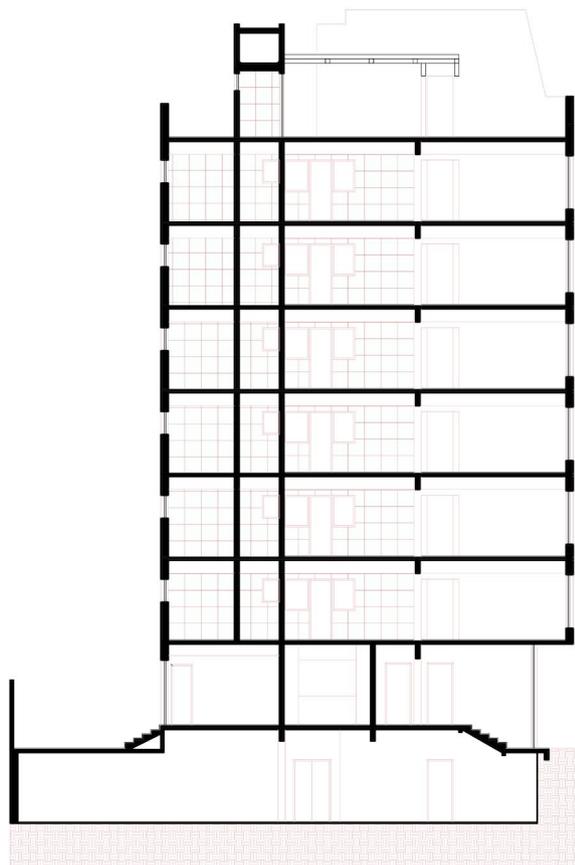
Implantação. Fonte: Autora

Redesenhos:

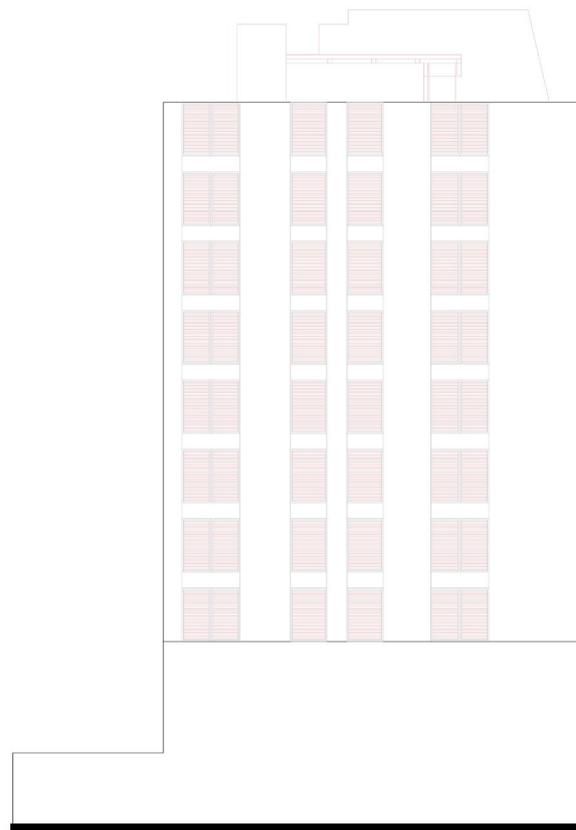


- 01 - Dormitório
- 02 - Banho
- 03 - Dormitório de
Empregada
- 04 - Área de Serviço
- 05 - Cozinha
- 06 - Hall
- 07 - Vestibulo
- 08 - Sala de Jantar
- 09 - Sala de Estar

Redesenhos:

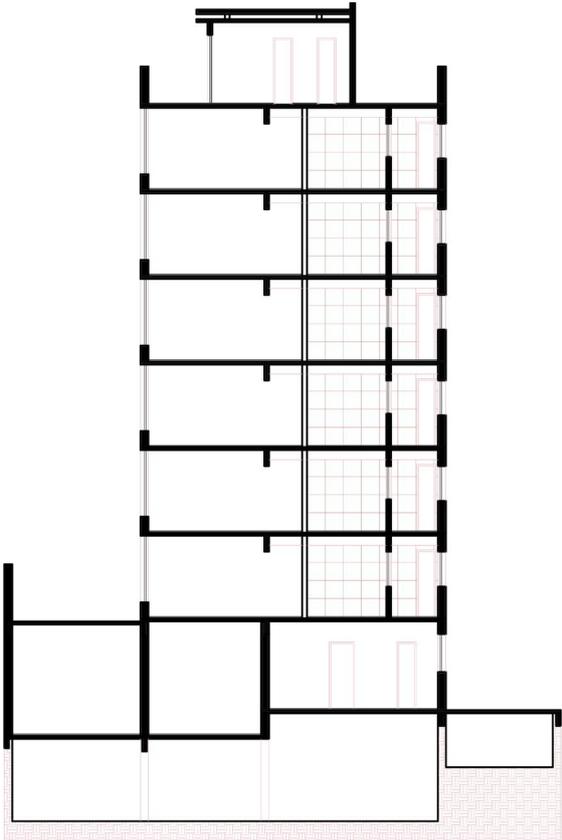


Corte Longitudinal. Fonte: Autora

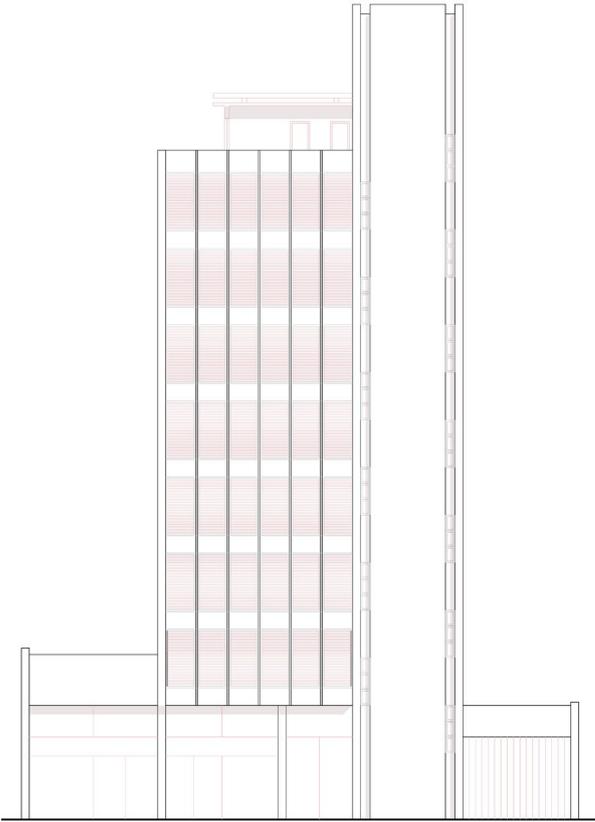


Fachada Lateral. Fonte: Autora

Redesenhos:



Corte Transversal. Fonte: Autora



Fachada Frontal. Fonte: Autora

